

Fernanda Silva Teodoro

**ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS
UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE SANTA CATARINA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre em Administração.

Área de concentração: Organizações, Sociedade e Desenvolvimento.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Antônio de Melo

Coorientadora: Prof.^a Dra. Luciane Stallivieri

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Teodoro, Fernanda Silva
Estratégias para a internacionalização nas
universidades públicas de Santa Catarina / Fernanda
Silva Teodoro ; orientador, Pedro Antônio de Melo,
coorientadora, Luciane Stallivieri, 2019.
192 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de
Pós-Graduação em Administração, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Administração. 2. Internacionalização do Ensino
Superior. 3. Cooperação Internacional. 4. Mobilidade
Acadêmica Internacional. 5. Gestão Universitária.
I. de Melo, Pedro Antônio. II. Stallivieri, Luciane.
III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Administração. IV. Título.

Fernanda Silva Teodoro

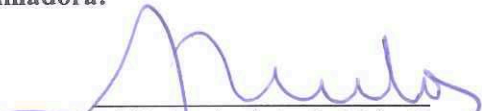
**ESTRATÉGIAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO NAS
UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE SANTA CATARINA**


Esta Dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de mestre e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina


Florianópolis, 12 de março de 2019.



Prof.^a Cibele Barsalini Martins, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Prof. Pedro Antônio de Melo, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof.^a Luciane Stallivieri, Dra.
Coorientadora
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Alexandre Marino Costa, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Júlio Eduardo Ornelas Silva, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado aos meus
meus pais e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente pela oportunidade de realizar e poder concluir esse trabalho.

A minha família por ter me apoiado durante mais esse período da minha vida acadêmica.

À minha mãe, Valéria pelo apoio nos momentos que necessitei, por ter compreendido quando precisei me ausentar e por ter despertado em mim a paixão pela docência.

Ao meu pai, Wilson por ter me dado a educação e o suporte para que eu pudesse chegar a esse momento e por ter compreendido quando precisei me ausentar.

Ao meu irmão Vítor por me apoiar nos momentos difíceis e pelas risadas quando precisei.

A minha amiga Maria Gabriela que foi de fundamental importância nessa caminhada. Obrigada pelas tardes de estudo, por me ajudar quando me perdi. Esse foi um dos presentes que o mestrado me proporcionou.

A todos os meus amigos que compreenderam e me apoiaram nesse período de reclusão.

As minhas amigas Márcia e Ester Cechetto pelas contribuições e correções realizadas nesta pesquisa.

Aos meus orientadores Professores Pedro Antônio de Melo e Luciane Stallivieri que me acompanharam desde a graduação e deram todo o suporte, ajuda e sabedoria para que eu pudesse suceder em mais essa empreitada. Vocês são uma grande inspiração.

Ao professor Pedro Antônio de Melo agradeço ainda pelas oportunidades de aprendizado na docência e, pela paciência.

À professora Luciane Stallivieri agradeço por ter me inspirado a paixão pela internacionalização.

Aos integrantes do INPEAU e do PPGAU pelas conversas e contribuições para o meu trabalho.

Ao Júlio Eduardo Ornelas Silva, principalmente que me ajudou durante a caminhada do mestrado e pelas contribuições para esta pesquisa.

Aos membros da banca Alexandre Marino Costa e Júlio Eduardo Ornelas Silva por ter aceitado participar na avaliação do meu trabalho.

Por fim obrigada a todos que me ajudaram diretamente ou indiretamente durante esses dois anos. Sem vocês não teria sido possível.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

(Autor desconhecido)

RESUMO

A Internacionalização no ensino superior se torna cada vez mais essencial. Hoje a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) ganha destaque. Nessa teoria diversas estratégias e ações de Internacionalização são realizadas concomitantemente e deve ser incluída na missão, visão e valores das instituições. Ainda para a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) devem ocorrer mudanças nas práticas internacionais, a criação de uma cultura de Internacionalização e o engajamento de todos da instituição. É proposto pela teoria que as universidades concentrem sua Internacionalização de forma integrada em seis categorias que são: comitê institucional; liderança administrativa, estrutura e pessoal; currículo, currículo e resultados de aprendizagem; políticas e práticas docentes; mobilidade estudantil; colaboração e parcerias. Diante disso o presente estudo se propõe a analisar como as Universidades Públicas de Santa Catarina desenvolvem suas estratégias de Internacionalização. Para isso realizou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa com a estratégia de estudo de casos múltiplos, que teve como objetos da pesquisa três Universidades Públicas de Santa Catarina. Para o levantamento dos dados foi utilizado uma entrevista semiestruturada, com base na teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). A análise dos dados foi realizada segundo a análise de conteúdo de Bardin (2016). A partir da teoria de Hudzik (2011) se delineou as categorias de análise utilizadas para análise documental e das entrevistas. Ao fim do estudo foi possível verificar que as Universidades Públicas de Santa Catarina apesar da proximidade geográfica e semelhança da população possuem características bastante distintas em relação a sua Internacionalização. Em relação à Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), nas universidades investigadas, as principais iniciativas de Internacionalização são no sentido de mobilidade acadêmica e colaborações e parcerias. As investigadas planejam ações de Internacionalização, mas muitas das que foram planejadas não conseguem ser colocadas em prática. Somente uma das universidades realiza o planejamento de Internacionalização. Apesar de algumas investigadas realizarem ações em diversas frentes relacionadas pela teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), ainda não realizam a integração dessas. Sendo assim a Internacionalização Abrangente ainda é uma realidade distante para as Universidades Públicas de Santa Catarina.

Palavras-chave: Estratégia de Internacionalização. Internacionalização. Universidades de Santa Catarina. Gestão Universitária.

ABSTRACT

Internationalisation in higher education becomes more and more essential, today the Comprehensive Internationalization (Hudzik, 2011) is highlighted. In this theory, several Internationalisation strategies and actions are carried out concomitantly and must be included in the mission, vision and values of institutions. Still for Abranggenre Internationalisation there must be changes in international practices, the creation of a culture of Internationalisation, and the commitment of all of the institution. It is proposed by the theory that the universities concentrate their Internationalisation in an integrated way in six categories that are: articulated institutional commitment; administrative leadership, structure and staffing; curriculum, co-curriculum and learning outcomes; faculty policies and practices; student mobility; collaboration and partnership. Therefore, the present study intends to analyze how the Public Universities of Santa Catarina develop their Internationalisation strategies. For this, a descriptive research was carried out, with a qualitative approach with the strategy of multiple case study, which had as the survey subject three Public Universities of Santa Catarina. For the data collection a semi-structured interview was used, based on the theory of Comprehensive Internationalisation (Hudzik, 2011). From the theory of (Hudik, 2011) it was outlined the categories of analysis used for documentary analysis and interviews. At the end of the study it was possible to verify that the Public Universities of Santa Catarina despite the geographical proximity and similarity of the population have quite distinct characteristics in relation to their Internationalisation. Regarding the Comprehensive Internationalisation (Hudzik, 2011) universities investigated, the main Internationalisation initiatives are in the sense of academic mobility and collaborations and partnerships. Those investigated plan Internationalisation actions, but many of what was planned fail to put into practice. Only one of the universities carries out Internationalisation planning. Although some of the investigated perform actions in several fronts related with the theory of the Comprehensive Internationalisation still do not realize the integration of these. Thus the Comprehensive Internationalisation is still a distant reality for the Public Universities of Santa Catarina.

Keywords: Internationalisation Strategy. Internationalisation. Universities of Santa Catarina. University Management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma Sistema de Ensino Superior brasileiro	29
Figura 2 - Estratégias para a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011)	41
Figura 3 - Total de Bolsas concedidas pelo Programa Ciência sem Fronteiras.....	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estados Contemplados pelo Programa Capes PRINT 62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Exemplos de integração da Internacionalização com estratégias das IES.....	41
Quadro 2 - Escopo da pesquisa	72
Quadro 3 – Objetos da Pesquisa.....	74
Quadro 4 - Classificação dos sujeitos de pesquisa	74
Quadro 5 - Resumo dos métodos de pesquisa.....	75
Quadro 6 - Desafios e Objetivos instituição "a".....	80
Quadro 7 - Objetivos ano de 2013 instituição "a"	80
Quadro 8 - Dimensões da instituição "a"	81
Quadro 9 - Missão e valores instituição "b".....	83
Quadro 10 - Dimensão Ensino da instituição "b".....	84
Quadro 11 - Dimensão Pesquisa da instituição “b”.....	85
Quadro 12 - Dimensão Extensão da instituição “b”.....	86
Quadro 13 - Políticas e Dimensões da instituição “c”.....	87
Quadro 14 - Objetivos e Metas da Instituição "c".....	89
Quadro 15 - Ações de Internacionalização desafios instituição “a”.....	94
Quadro 16 - Ações de Internacionalização dimensões instituição “a”..	95
Quadro 17 - Ações de Internacionalização dimensão ensino instituição “b”	103
Quadro 18 - Ações de Internacionalização dimensão pesquisa instituição “b”	111
Quadro 19 - Ações de Internacionalização dimensão extensão instituição “b”	117
Quadro 20 - Ações de Internacionalização políticas instituição “c” ...	122
Quadro 21 - Ações de Internacionalização objetivos instituição “c” ..	130
Quadro 22- Classificação da Estratégia de fomento a ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação de Internacionalização da instituição “a” ..	135
Quadro 23 – Classificação da Estratégia de graduação e pesquisa de Internacionalização da instituição “a”	137
Quadro 24 – Classificação da Estratégia de Ensino de Internacionalização da instituição “b”.....	142
Quadro 25 - Classificação da Estratégia de pesquisa de Internacionalização da instituição “b”.....	148
Quadro 26 – Classificação da Estratégia de extensão de Internacionalização da instituição “b”.....	155
Quadro 27 – Classificação da Estratégia institucional, graduação, pesquisa e pós-graduação, de Internacionalização da instituição “c”..	158

Quadro 28 – Classificação da Estratégia institucional, graduação, pesquisa e pós-graduação, de Internacionalização da instituição “c” .	165
Quadro 29 - Síntese dos Resultados.....	169

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRUC - Associação Brasileira das Universidades Comunitárias
ANEC - Associação Nacional de Educação Católica no Brasil
CA - Colégio de Aplicação
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPES PRINT - Programa Institucional de Internacionalização
CERI - Centro de Pesquisa e Inovação Educativa
CIH - Cooperação Internacional Horizontal
CIT - Cooperação Internacional Tradicional
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMUNG - Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas
CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CRUB - Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
CsF - Programa Ciência sem Fronteiras
CT&I - Ciência, Tecnologia e Inovação
ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ERASMUS - European Region Action Scheme for the Mobility of University Students
EUA - Estados Unidos da América
FAUBAI - Associação Brasileira de Educação Internacional
FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
IES - Instituições de Ensino Superior
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
MERCOSUL - Mercado Comum do Sul
MRE - Ministério de Relações Exteriores
NDI - Núcleo de Desenvolvimento Infantil
OECD - Organisation for Economic Cooperation and Development
OUI - Organização Universitária Interamericana
PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional
PEC-G - Programa de Estudantes Convênio de Graduação
PEC-PG - Programa Estudante Convênio da Pós-graduação
PNE - Plano Nacional de Educação
PNPG - Política Nacional da Pós-graduação
UAB - Universidade Aberta do Brasil
UDESC – Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação
UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-americana
UNILAB - Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	OBJETIVOS	25
1.1.1	Objetivo geral	26
1.1.2	Objetivos específicos	26
1.2	JUSTIFICATIVA.....	26
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓICA	29
2.1	ESTRUTURA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS	29
2.2	INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	31
2.3	ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO	38
2.3.1	MOBILIDADE ACADÊMICA	50
2.3.2	DUPLA TITULAÇÃO OU TITULAÇÃO CONJUNTA.	52
2.4	INTERNACIONALIZAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	54
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	67
3.1	ABORDAGEM.....	67
3.2	HORIZONTE DE TEMPO	67
3.3	OBJETIVO.....	67
3.4	ESTRATÉGIA	68
3.5	COLETA DE DADOS	69
3.6	ANÁLISE DE DADOS.....	70
3.7	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	73
3.8	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	74
3.9	RESUMO DOS MÉTODOS DA PESQUISA	75
4	DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS	77
4.1	IDENTIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS UNIVERSIDADES OBJETO DA PESQUISA	77
4.1.1	Universidade Federal de Santa Catarina	77
4.1.2	Universidade do Estado de Santa Catarina	77
4.1.3	Universidade Federal da Fronteira Sul	78

4.2	IDENTIFICAÇÃO DAS AÇÕES ESTRATÉGICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DOS OBJETOS DA PESQUISA	78
4.3	ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO PLANEJADAS NO PLANO DESENVOLVIMENTO INTITUCIONAL	79
4.3.1	Instituição “a”	79
4.3.2	Instituição “b”	83
4.3.3	Instituição “c”	87
4.4	AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DESENVOLVIDAS PELOS OBJETOS DA PESQUISA	91
4.4.1	Instituição “a”	92
4.4.2	Instituição “b”	99
4.4.3	Instituição “c”	119
4.5	ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO À LUZ DE HUDZIK (2011)	134
4.5.1	Instituição “a”	134
4.5.2	Instituição “b”	141
4.5.3	Instituição “c”	157
4.6	SINTÉSE DOS RESULTADOS	168
5	CONCLUSÕES	175
	REFERÊNCIAS	179
	APÊNDICE A – Entrevista	189

1 INTRODUÇÃO

As “universitas” como eram chamados os espaços de aprendizagem quando foram criados na Idade Média, em sua essência já eram internacionalizados. Nas “universitas” todos falavam latim. Docentes e discentes de vários países se juntavam com o propósito de compartilharem conhecimentos. E assim permaneceram até o século XVIII e XIX quando medidas nacionalistas foram tomadas e todas tiveram que adotar a língua oficial do país para as Instituições de Ensino Superior (IES). Em alguns casos ocorreram proibições de estudantes que estudassem no exterior (ALTBACH; DE WIT, 2015; STALLIVIERI, 2017a).

Após a I Guerra Mundial a Internacionalização se fortaleceu na Europa com o estabelecimento de uma comunidade acadêmica para compartilhar conhecimento. Entretanto com a II Guerra Mundial, o Nazismo e Fascismo romperam com essa comunidade. Com o fim da guerra, vigora o idealismo e criam-se as Nações Unidas, como forma de tentar retomar a comunidade. A seguir desenrola-se a Guerra Fria em que o conhecimento intelectual era ponto chave para a luta entre Comunismo e Capitalismo. Depois nos anos 60 se realiza a Internacionalização baseada na cooperação. Em seguida em 1970, o foco passa a ser a mobilidade acadêmica; porém isso ocorria somente na Europa (ALTBACH; DE WIT, 2015).

A partir do século XX, com a globalização, a Internacionalização passa a ser um imperativo em função das demandas globais e constantes mudanças na economia, política e sociedade. Assim a Internacionalização passa a ser essencial para instituições que almejam destaque mundial. Hoje a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é o que tem se destacado, onde várias atividades e atitudes de Internacionalização devem ser realizadas concomitantemente com mudanças nas práticas internacionais e incluindo a Internacionalização na missão, visão e valores das instituições (HUDZIK, 2011; ALTBACH; MIHUT; SALMI, 2016; STALLIVIERI, 2017b).

Nesse sentido, a Internacionalização deixa de reativa e passa a ser proativa. Para isso é necessário inclui-la no planejamento, missão, valores e objetivos. Com isso também devem ser determinadas as estratégias de Internacionalização. É preciso esclarecer que não existe um modelo ideal para a Internacionalização, pois essa deve ser adaptado a realidade da cada Instituição (HUDZIK, 2011; KNIGHT, 2012; DE WIT, 2013; HUDZIK, 2013).

Entretanto algumas estratégias são essenciais ao realizar uma Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Como sua inclusão na missão, valores, prioridades e também o planejamento atribuindo metas para que possa ser controlado o andamento. A liderança chave deve estar envolvida, mas a Internacionalização deve ser apoiada por docentes, funcionários e estudantes. Uma infraestrutura deve ser criada para receber e enviar estudantes internacionais. Para isso o ambiente do campus deve estar preparado com uma cultura que acolha a Internacionalização e todos devem ter habilidades globais para que possam interagir no ambiente de troca de conhecimento e acolher os estudantes (HUDZIK, 2011; 2013; STALLIVIERI, 2017b; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

A habilidade internacional dos docentes e funcionários também deve ser incentivada para que aumente seus conhecimentos e que possam interagir com os estudantes internacionais. No sentido da mobilidade acadêmica é necessário criar uma política de validação de créditos, ter programas que auxiliem tanto os estudantes que vão para o exterior quando os que vêm do exterior. Desse modo aumentarão o aprendizado e possam transmitir seus conhecimentos. Por fim a devem ser realizadas colaborações e parcerias que aumentem a possibilidade e experiência internacional que em sua forma mais sofisticada incluem produção científica em conjunto com Instituições estrangeiras. Entretanto também deve ocorrer o incentivo das experiências de Internacionalização por meio de bolsas (HUDZIK, 2011; MOROSINI, 2011; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Porém poucas Instituições de Ensino Superior conseguem realizar efetivamente a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), pois muitas realizam somente atividades isoladas sem que essa seja planejada ou que estejam conectadas (HUDZIK, 2011; 2013). É nesse contexto que a maioria das Instituições brasileira se encontram.

O sistema de Ensino Superior brasileiro é composto de Instituições de Ensino Superior públicas e particulares. As públicas se subdividem em Federais, Estaduais e Municipais, já as particulares podem pertencer a categoria de particulares, comunitárias, confessionais e filantrópicas (TANEGUTI, 2012). Nesse sentido, esse trabalho está focado nas Universidades Públicas de Santa Catarina.

A Internacionalização do Ensino Superior Brasileiro iniciou-se em 1960. Os professores e pesquisadores se dirigiam as Instituições de outros países para obter seus títulos de pós-graduação. Também eram realizavam alguns grupos de pesquisa. Isso durou até os anos 90. Nesse momento as atividades aconteciam de forma isolada e não organizada. Posteriormente

no fim dos anos 90 passam a realizar-se mais cooperações e mobilidade estudantil. Depois no começo dos anos 2000 começa-se efetivamente a investir recursos humanos e financeiros para a Internacionalização que passou a integrar o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) (STALLIVIERI, 2017^a; 2017c).

Por esse motivo pode-se entender o porquê do atraso brasileiro em relação à Internacionalização. Além desse fato o governo brasileiro não possui uma política pública que guie a Internacionalização do Ensino Superior e por isso, cada Instituição de Ensino Superior realiza suas atividades de uma forma, o que no fim ocasiona uma Internacionalização desordenada pelo país (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017; STALLIVIERI, 2017c).

No sentido de incentivar a Internacionalização algumas iniciativas foram realizadas pelo Governo Federal. O Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) disponibilizou desde sua criação 92 mil bolsas, porém foi encerrado no ano de 2015. No Programa Institucional de Internacionalização (CAPES PRINT) estarão disponibilizadas, ainda no ano de 2019, bolsa de pós-graduação e capacitação de docentes no exterior, assim como bolsas para docentes visitantes de outros países (CAPES, 2018; CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2018).

Nesse contexto foram selecionados por meio da seleção intencional de Creswell (2010), os objetos da pesquisa que são as Universidades Públicas de Santa Catarina, para ter uma pesquisa que fosse heterogênea, por suas diversas características e pela acessibilidade a elas. A partir disso foram selecionados três objetos de pesquisa.

As instituições que participaram da pesquisa foram a Universidade Federal de Santa Catarina, Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina e Universidade Federal da Fronteira Sul.

A partir do que foi apresentado sobre o tema, tem-se o seguinte problema de pesquisa: Como as Universidades Públicas de Santa Catarina desenvolvem suas estratégias de Internacionalização?

1.1 OBJETIVOS

Com o intuito de delimitar o que foi abordado pela pesquisa, traçou-se um objetivo geral e três objetivos específicos. O primeiro representa o foco do estudo. O segundo são as ações empregadas para responder de forma satisfatória o que foi proposto no objetivo geral.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o desenvolvimento das estratégias de Internacionalização nas Universidades Públicas de Santa Catarina.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar as principais ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina.
- b) Examinar a eficácia das ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina.
- c) Analisar a adoção de estratégia de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) pelas Universidades Públicas de Santa Catarina.

1.2 JUSTIFICATIVA

A justificativa explicita o motivo de efetuar a pesquisa, determinando o motivo da escolha do tema e a relevância do estudo perante o tema (PRODANOV; FREITAS, 2013). O presente estudo foi justificado por meio dos critérios, oportunidade do projeto, viabilidade do projeto e sua importância seguindo a perspectiva de Roesch (1999).

Quanto à importância do estudo foi preciso levar em conta a contribuição que a pesquisa trará para a área de conhecimento (ROESCH, 1999), visto que a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é um tema muito explorado na atualidade. Esta pesquisa visou contribuir de maneira a verificar se as estratégias ou ações de Internacionalização contidas no Plano de Desenvolvimento Institucional de cada uma das Universidades Públicas de Santa Catarina cumpriram efetivamente o que planejaram e averiguaram se essas universidades estão realizando a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Dessa maneira com a contribuição que essa pesquisa proporcionará as IES de Santa Catarina, não só as investigadas podem aprimorar suas estratégias e ações de Internacionalização.

Foi oportuno por ser de interesse das IES, que ocorra a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), porque esta se tornou uma demanda natural na atualidade. A Internacionalização das IES precisa ocorrer em várias direções no sentido de realizar uma estratégia de Internacionalização, que deve estar contida em seus PDI. Assim a

pesquisa pode contribuir para que a Internacionalização ocorra de forma mais efetiva, não só nas Instituições investigadas como pode servir para várias outras Instituições de Ensino Superior (IES) de Santa Catarina. É oportuno porque a pesquisadora pretende se especializar no tema Internacionalização no Ensino Superior, almeja contribuir significativamente com os conhecimentos sobre o tema, e consequentemente auxiliar para a melhoria das Universidades Públicas de Santa Catarina no sentido da Internacionalização.

Em relação à viabilidade, Roesch (1999) argumenta que é preciso verificar a viabilidade ainda na fase inicial da pesquisa para que essa não seja inviabilizada posteriormente. Chama atenção que se deve observar os seguintes fatores: a possibilidade de realizar a pesquisa, o acesso às informações, o conhecimento sobre o tema e o tempo para conclusão.

Assim o estudo foi viável pois foi realizado por meio de pesquisa documental dos Planos de Desenvolvimento Institucional que estavam disponíveis nas *homepages* das Universidade Públicas de Santa Catarina que constituem os objetos da pesquisa. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os reitores e secretários de relações internacionais de cada uma das Instituições. Sobre o conhecimento referente ao tema, a autora já realizou outras pesquisas na área ressaltando o Trabalho de Conclusão de Curso¹, no curso de administração, abordando o mesmo assunto da presente pesquisa, além de apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos sobre o mesmo. Em relação ao prazo para conclusão do estudo, foi viável.

¹TEODORO, Fernanda Silva. A CONTRIBUIÇÃO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. 2012016. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/166395/TC%20-%20Fernanda%20Silva%20Teodoro.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 jul. 2018.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓICA

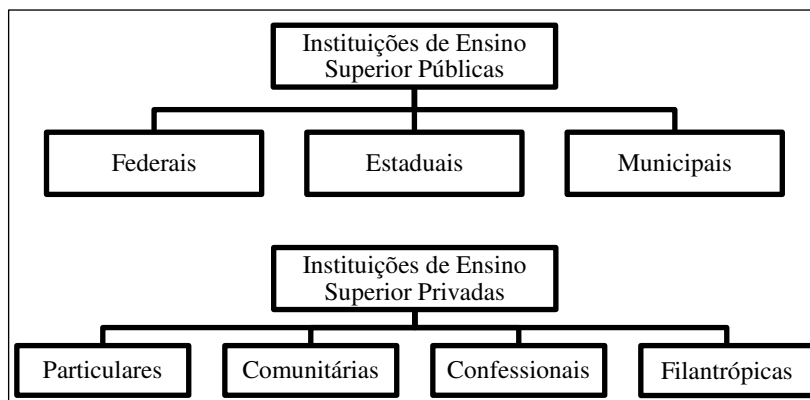
A seguir foram apresentados os subsídios teóricos para a elaboração do estudo. A fundamentação teórica foi dividida em três partes: primeiro foi explicitada a estrutura das Instituições de Ensino Superior brasileiras, em seguida uma seção sobre a Internacionalização.

Depois foram apresentadas as estratégias de Internacionalização, especificando a seguir cada um dos tipos de estratégia e por fim foi apresentada a Internacionalização de Instituições de Ensino Superior no Brasil.

2.1 ESTRUTURA DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS

De acordo com Taneguetti (2012) o Ministério da Educação (MEC) divide as Instituições de Ensino Superior segundo organograma abaixo.

Figura 1 - Organograma Sistema de Ensino Superior brasileiro



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Dessa maneira são divididas em públicas e particulares.

As privadas são administradas por pessoas físicas ou jurídicas com direito privado e são subdivididas em quatro categorias:

- Particulares: “instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado, não tendo as características das demais” (TANEGUTI, 2012, pag. 6);

- Comunitárias: são aquelas fundadas por pessoas físicas ou jurídicas, podem ser mantidas também por cooperativas de docentes e estudantes, porém necessitam ter uma parcela de representação da comunidade (TANEGUTI, 2012);
- Confessionais: assim como as outras pode ser gerenciada por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas, porém tem sentido confessional e ideológica predeterminedada (TANEGUTI, 2012);
- Filantrópicas: são regidas pelo artigo 20, Lei 9.394/96, na forma da lei, são as Instituições de Ensino ou de assistência social que prestam os serviços para os quais instituídas, colocando-os à disposição da população em geral, em caráter complementar às atividades do Estado, sem qualquer remuneração (TANEGUTI, 2012).

Já as Instituições públicas são regidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que rege o sistema nacional de educação brasileiro público, sendo esse uma responsabilidade da União, Estados e Municípios (SCHMITZ et al., 2016). Dessa maneira os três tipos de IES públicas estão definidos abaixo:

- Federal: são as Instituições mantidas pelo Poder Público Federal, e são gratuitas (BRASIL, 1996);
- Estadual: são as Instituições mantidas pelo Poder Público Estadual e são gratuitas (BRASIL, 1996);
- Municipal: são as Instituições mantidas pelo Poder Público Municipal e são gratuitas (BRASIL, 1996);

Nesse sentido esta pesquisa foca nas Instituições de Ensino Superior Públicas.

Em seguida foi exposto um panorama sobre a Internacionalização do Ensino Superior. Iniciou-se com um histórico da mesma, depois se apresentou uma explanação de como a Internacionalização está cada vez mais presente, juntamente com a globalização. Perpassa pela importância de ser uma Instituição de Ensino Superior internacionalizada, depois se tem uma breve evolução sobre o termo Internacionalização, chegando ao termo mais atual que é utilizado neste estudo: a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Por fim, foram ressaltadas algumas tendências acerca de Internacionalização e o aumento da sua complexidade.

2.2 INTERNACIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

Os espaços de aprendizado europeus na Idade Média, similares as Universidades de hoje, desde sua criação, já eram internacionalizada[s] em sua essência. As chamadas “universitas”, falavam uma língua comum, o Latim. Reuniam estudantes e docentes de diversos países com o intuito de universalizar o conhecimento. (ALTBACH; DE WIT, 2015; STALLIVIERI, 2017a). Com o passar do tempo, nos séculos XVIII e XIX tornaram-se menos internacionalizadas, adotaram a língua oficial de seu país e em alguns casos proibiram os seus estudantes de irem estudar fora do país e priorizaram a nacionalização (ALTBACH; DE WIT, 2015).

Com o fim da I Guerra Mundial, a Internacionalização aumentou. Os países europeus viram na criação de uma comunidade acadêmica uma forma de colaborar com a paz e entendimento mútuo. A maioria das comunidades acadêmicas foram facilmente corrompidas pelo nacionalismo e idealismo no início do conflito. Porém essas atitudes falharam em frear o Nazismo e o Fascismo, o que ocasionou a II Guerra Mundial. Quando essa acabou em 1945, o idealismo ressurgiu e foi estabelecida as Nações Unidas, com o objetivo de manter a segurança e a paz mundial. Em seguida inicia-se a Guerra Fria onde o Ensino Superior, assim como a cultura e a propriedade intelectual tornaram-se pontos importantes na briga ideológica desse período de luta indireta entre Comunismo e Capitalismo. (ALTBACH; DE WIT, 2015).

A luta indireta travada entre Comunismo e Capitalismo, União Soviética e Estados Unidos da América (EUA), teve como palco o Terceiro Mundo, sendo que a Europa não foi muito atingida por essa “batalha”. Os EUA durante esse período dominaram o sistema de educação ocidental, ideias, estruturas, produtos científicos e também a influência da língua inglesa. A União Soviética não ficou para trás e também tentou ter uma influência similar, que possuía a sua política acadêmica externa voltada para a Guerra Fria. Somente nos anos 70, a porção ocidental da Europa havia se recuperado o suficiente da II Guerra mundial e começou um novo processo de cooperação acadêmica e intercâmbio com foco na União Europeia, o que incitou a cooperação acadêmica em alguns casos (ALTBACH; DE WIT, 2015).

No fim dos anos 60 e início dos anos 70, a Internacionalização se focava na cooperação e auxílio acadêmico. No fim dos anos 70 mudou de foco e passou a dar mais importância a mobilidade acadêmica e enriquecimento do currículo (DE WIT, 2013). A partir de 1980, a cooperação acadêmica entre Europa Ocidental e Oriental teve uma

ascensão. Entretanto essa cooperação possuía um fundo político e institucional. Somente depois que a cortina de ferro caiu, no fim dos anos 80, é que a cooperação internacional se intensificou. Diversos países criaram projetos para aumentar a qualidade e incentivar a cooperação internacional (ALTBACH; DE WIT, 2015).

No século XX a política e a ideologia governaram a Internacionalização no mundo. Em muitos casos, durante esse período, a cooperação acadêmica internacional foi o ponto central de contato entre as nações, portanto foram estimuladas. Mesmo que isso não seja o ponto para manter a paz e entendimento mútuo, ela é fundamental para o diálogo e entendimento entre as nações (ALTBACH; DE WIT, 2015). No final do século XX, a Internacionalização passou a ser mais relevante principalmente devido a globalização. As alterações constantes na conjuntura econômica, política, social e cultural, modificaram a humanidade e geraram novas exigências como modo de atendê-las. (STALLIVIERI, 2017b). Mesmo ocorrendo a mobilidade acadêmica há anos e talvez há séculos, a globalização fez com que aumentasse vertiginosamente e a se tornar muito importante (KNIGHT; MADDEN, 2010).

A Globalização propiciou que a Internacionalização fosse essencial para as Instituições de Ensino Superior que almejam ser de classe mundial. Elas devem ter parâmetros altos em pesquisa e ensino. As experiências e habilidades internacionais auxiliam a chegar nesse patamar (ALTBACH; MIHUT; SALMI, 2016). As mudanças econômicas, sociais e organizacionais acontecem frequentemente. Assim a Internacionalização do Ensino Superior, que vem ocorrendo desde criação das universidades é essencial para entender o mundo (STALLIVIERI; COELHO, 2015). Hoje a Internacionalização exige novas solicitações, expansão de capacidade, qualidade, vultuosidade, sentido, diretrizes e objetivos da prática da cooperação internacional (STALLIVIERI, 2017b). O progresso das tecnologias de comunicação simplificou a transmissão do conhecimento e a permuta de informações entre os países. (STALLIVIERI; PILOTTO; GONÇALVES, 2015).

A facilidade com que se podem acessar as informações e sua multiplicação forneceram melhorias na qualidade de vida para diversas pessoas. Apesar dos benefícios, isso demanda aos cidadãos que modifiquem seus perfis, pois são essenciais na sociedade (STALLIVIERI, 2017b). A globalização gera uma demanda para as IES de todo o planeta. Desse modo as Instituições de Ensino Superior respondem a globalização com a Internacionalização, sendo pela participação em conferências, seminários, eventos, em mobilidade

acadêmica ou em publicações em revista e periódicos internacionais, porque ao entrar no cenário mundial não é mais uma imposição e sim uma consequência ambiental (STALLIVIERI; BIAVA, 2017; STALLIVIERI, 2017b).

Algumas tendências da Internacionalização são o aumento da existência de docentes visitantes e permanentes estrangeiros. Assim a comunicação com os grandes centros de Ensino Superior estrangeiros auxilia na elevação do nível de conversa com as grandes Instituições de Ensino Superior que constitui outra demanda da Internacionalização (STALLIVIERI, 2017b).

Portanto antes de iniciar a Internacionalização é preciso a criação de um setor específico para tratar das relações acadêmicas internacionais. A seguir é possível estruturar as políticas, fechar acordos de cooperação internacional e efetivamente realizar a Internacionalização (SCHMITZ et al., 2016).

É preciso docentes qualificados e gestores fluentes em línguas estrangeiras. Desse modo, oferecer esses cursos a todos é importante para que haja uma comunicação efetiva. Assim é necessário para que seja efetiva a Internacionalização o domínio de língua estrangeira por parte de estudantes, docentes e funcionários, que é um dos requisitos. (STALLIVIERI, 2017b).

Desse modo, as mudanças constantes da Internacionalização constituem uma adversidade dúbia. Por um lado, gera a expectativa de um campus multicultural, multilinguístico reforçado pela presença de docentes e estudantes de diferentes países, com culturas distintas. Trata-se do desenvolvimento dos meios de discussão acadêmicos porque acrescenta novas visões (CAMPOS; LIMA, 2012). Entretanto, nem sempre é possível, como citado pelos autores:

[...] a velocidade de transformação das práticas pedagógicas parece não acompanhar tal promessa. Isso faz com que a atuação das instâncias de subjetivação acionadas pelo processo educativo (como o espaço da aula e das relações pedagógicas), muitas vezes, acabe ignorando, não raro negando, as próprias condições que permitiriam a efetivação desta promessa. Isso pode gerar um fenômeno de dissonância entre os discursos que celebram os benefícios decorrentes da Internacionalização da educação (tanto no âmbito das universidades quanto no nível dos programas, cursos e mobilidades de acadêmicos) e os mecanismos que atuam sobre a reprodução das

assimetrias e desigualdades no processo pedagógico em contexto de mobilidade acadêmica, pouco afeita à pluralidade sociocultural. (CAMPOS; LIMA, 2012, pag. 2).

Porém é necessário selecionar os que estão propensos a auxiliar na Internacionalização aqueles que já têm experiência, os que compreendem que a qualidade da instituição pode ser elevada com isso, os que tenham domínio de línguas estrangeiras e por fim os que conseguem transitar pelos ambientes multiculturais. Isto porque a Internacionalização está presente em todos os setores da IES e não só no tradicional tripé: ensino, pesquisa e extensão. Assim é necessária a continuidade da Internacionalização, porém sem prejudicar a saúde organizacional e intelectual da IES (STALLIVIERI, 2017b).

Os fundamentos guias da Internacionalização têm diferentes significados para as pessoas, países e Instituições. Porém a Internacionalização é normalmente entendida como um processo fundamentado em cooperação, parcerias, troca, benefícios mútuos e capacidade de construção. Hoje, a Internacionalização está marcada pelos interesses próprios, comercialização, concorrência e status. Por isso deve atentar-se aos reais valores da Internacionalização do Ensino Superior (KNIGHT, 2012).

Estados Unidos, Austrália e Reino Unido são líderes na Internacionalização do Ensino Superior devido a seus fluxos de mobilidade de estudantes pois tanto recebem quanto enviam estudantes. A mudança ocorreu a partir de 1990 até os anos 2000 com modificação do paradigma da cooperação para competição, quando o Ensino Superior passa a ter um cunho mais comercial. Na Europa, em um primeiro momento, a abordagem mais comercial do Ensino Superior foi entendida de forma negativa. A Educação de graça ou com pouco custo ainda é uma realidade lá. Até pouco tempo isso se aplicava em estudantes estrangeiros também, mas nos últimos anos ocorreu uma mudança começando a ser cobradas taxas de estudantes internacionais. Por isso, há uma tendência nos países da União Europeia a limitarem a quantidade de estudantes estrangeiros em suas IES (DE WIT, 2013).

A globalização gerou uma comercialização do Ensino Superior e o entendimento da sociedade e economia global resultou em novos modos de fornecer educação como expansão por campis, franquias e comércio de serviços de educação. Esses novos modelos de fornecer Ensino Superior têm se estendido para a Internacionalização; porém esse tipo de modelo para internacionalizar é conflitante. A Internacionalização muitas vezes tem um comportamento quantitativo, ao invés de ser mais

qualitativo, focando em seus números e não em seus resultados. (DE WIT, 2013).

Recentemente ficou claro que uma abordagem muito comercial no Ensino Superior coloca em risco a qualidade do ensino, o prestígio da Instituição e por consequência, a mobilidade estudantil tanto nacional quanto internacional. Muitas Instituições acreditam que estudantes estrangeiros irão trazer receita para a sua instituição e por isso baixam seus padrões de aceitação desses estudantes (KNIGHT, 2012). O valor comercial para a Internacionalização coloca em risco a qualidade da educação, a reputação da instituição e o fluxo de estudantes internacionais e nacionais. Portanto é essencial maior seleção de estudantes internacionais, administração das ações internacionais, aconselhar e guiar estudantes internacionais, destaque para a Internacionalização do currículo e do currículo dos cursos de seus estudantes que estão no exterior (DE WIT, 2013). É necessário estar atento aos impactos negativos e positivos que a Internacionalização pode ter sobre a instituição de Ensino Superior (KNIGHT, 2012).

Assim as relações acadêmicas internacionais são meios para o desenvolvimento das IES e dos cidadãos principalmente na área de ciência e tecnologia; é fundamental para que seja desenvolvida a capacidade de conversar com diferentes culturas e trocar conhecimentos (SCHMITZ et al., 2016). Porém a globalização também gera consequências na sociedade e economia, refletindo no crescimento da competição por estudantes internacionais, no aumento da cooperação internacional, na multiplicação dos programas e no despontar de mercado de Instituições de Ensino Superior internacional (SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

As Instituições de Ensino Superior são essencialmente complexas. Estão em constante mudança devido à rápida propagação das informações, flutuação de capital, produtos e pessoas. Portanto as IES devem atentar-se a essas mudanças e procurar acompanhá-las (SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

Não é mais viável trabalhar o termo Internacionalização sem levar em conta a globalização, porque esta se faz presente em todas as partes, inclusive na educação. No meio acadêmico constituem as exigências da globalização que possuam trabalhadores capacitados a permear diferentes culturas, conheçam vários idiomas e que possam auxiliar na formação de estratégia de Internacionalização. (SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013). A discussão sobre globalização e Internacionalização com o crescimento das atividades no exterior do Ensino Superior aumentaram a inclinação

de tentar definir e explicitar o que é Internacionalização do Ensino Superior atribuindo uma conotação a partir de uma dada finalidade (DE WIT, 2013).

A globalização concentra-se em difundir ideias, recursos, pessoas, economia, valores, cultura, conhecimento, bens, serviços e tecnologia. A Internacionalização enfatiza a relação entre nações, pessoas, culturas, Instituições e sistemas. Portanto há uma grande diferença entre os dois conceitos. A Internacionalização do Ensino Superior foi profundamente influenciada pela globalização tanto positivamente quanto negativamente. Apesar de diferentes, os dois estão intimamente ligados. (KNIGHT, 2012).

O termo Internacionalização é muito utilizado no Ensino Superior, porém pode ter diferentes significados. Em alguns casos é utilizado para designar alianças e redes acadêmicas regionais ou globais. Em outros consideram que seja Internacionalização e interculturais dos estudantes e membros da academia. Alguns consideram como expansão da pesquisa e campus espalhados em diversas partes do mundo. Para outros é incluir as dimensões internacionais e interculturais em sua missão e estratégias. Algumas ainda acreditam que seja realizar esforços para efetivar a Internacionalização como programas e pesquisas internacionais. Enfim muitos são os significados atribuídos a Internacionalização do Ensino Superior, e essas diferenças em sua concepção demonstram que o termo pode ser interpretado de diversas maneiras pelas diferentes Instituições de Ensino Superior. Pode ser utilizado também para designar as diferentes dimensões da Internacionalização que podem ocorrer no Ensino Superior (KNIGHT, 2015).

A Internacionalização modificou o Ensino Superior, mas há muitos equívocos nos significados de Internacionalização, binacional, transnacional, cosmopolita, multinacional e universidade global. Não há um modelo específico para a Internacionalização das IES, pois cada uma delas tem suas particularidades e necessita de um processo diferente (KNIGHT, 2015).

A Internacionalização pode ser compreendida também como a inserção dessa dimensão na educação e pesquisa; porém o termo pode ser entendido e empregado de diferentes formas, sendo utilizados vários termos para designar Internacionalização como dimensão internacional, educação internacional, Internacionalização do Ensino Superior, educação internacional, cooperação internacional, educação transnacional, educação através das fronteiras, educação sem fronteiras. Porém para que ocorra efetivamente a Internacionalização no Ensino Superior são necessárias, juntamente com a globalização, novas

habilidades internacionais. Sendo assim é função da IES atender a isso (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Nesse sentido a Internacionalização do Ensino Superior pode ser associada a diferentes termos que foram se modificando ao longo do tempo. No século XX era relacionada ao termo dimensão internacional, em que a Internacionalização não acontecia de forma tão organizada. Em seguida foi empregado o termo educação internacional, em que as ações de Internacionalização já ocorriam de forma mais organizada e predominantemente nos Estados Unidos da América (EUA) entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, que ocorria com um cunho político e de segurança nacional. Depois o termo passou a ser Internacionalização da Ensino Superior que surge após a Guerra Fria em que a Internacionalização passa a ser mais organizada e estratégica como resposta a globalização, estratégias nacionais e influencia no Ensino Superior (MOROSINI, 2006). Mais recentemente a Internacionalização passa a ser atribuída ao termo Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) que é entendida como a Internacionalização que ocorre desde o século XX nos Estados Unidos da América, envolvendo pessoas dentro e fora da organização (HUDZIK, 2011). A Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) consiste na integração e ação conjunta de diferentes perspectivas, ações e conteúdos da Instituição de Ensino Superior para a Internacionalização. Para isso é necessário que sejam realizadas mudanças nas práticas internacionais e que a Internacionalização faça parte da missão, visão e valores da IES (HUDZIK, 2011; 2012).

Quanto mais a Internacionalização evolui mais complexa e importante ela se torna, porém fica mais confusa e não inteligível também. Antigamente, o termo era utilizado para determinar as missões, políticas e estratégias de Internacionalização e políticas nacionais, o que demonstra que a Internacionalização com o tempo se tornou uma área de políticas e prática no Ensino Superior. Porém, hoje ele é designado para qualquer ação que seja mundial, intercultural devido ao valor vem sendo atribuído à Internacionalização. Assim o termo tem um significado muito amplo e por isso, talvez, tem se desviado um pouco de seu significado original (KNIGHT, 2011).

A Internacionalização como é entendida hoje, tem essa conotação desde os anos 90. Anteriormente já havia uma cultura de realizar pesquisas e ter práticas internacionais no Ensino Superior, só que o termo utilizado era educação internacional ou atividade internacional. Esses termos educação ou atividade internacional eram normalmente associados com mobilidade acadêmica, estudar fora do país, intercâmbio,

estudantes internacionais e assuntos relacionados ao currículo como educação multicultural, estudo internacional, educação pacífica e áreas de estudo. Esses dois termos eram utilizados para partes concretas da educação internacional e posteriormente para a Internacionalização, e muitas vezes foram usados como sinônimos de Internacionalização. Não é possível determinar quando houve a mudança de Educação internacional para Internacionalização do Ensino Superior. O termo Internacionalização começou a ser usado em publicações na década de 1970, porém, somente em 1990 é que uma expressão substituiu a outra e passou a ser utilizado para descrever todos os aspectos ligados a ele. A mudança provavelmente ocorreu devido ao progresso da Internacionalização e a atividades anexas. Na Europa os programas de mobilidade acadêmica e redes de pesquisa estimularam essa mudança (DE WIT, 2013).

Em certos casos a Internacionalização parece não corresponder ao seu discurso e às vezes se torna um sinônimo de educação internacional, ou seja, uma série de ações internacionais no Ensino Superior que não se conversam. Desse modo não se tem um processo compreensivo. Assim a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é uma tautologia², pois não existe Internacionalização que não seja abrangente (HUDZIK, 2011), se assim for é a educação internacional (DE WIT, 2013)

Um dos desenvolvimentos interessantes da Internacionalização do Ensino Superior é a tendência do uso do adjetivo global, como em Educação global, competências globais, cidadãos globais, engajamento global e parcerias globais, entre outros. (DE WIT, 2013).

A seguir foram evidenciadas as estratégias de Internacionalização, iniciando um panorama das estratégias, evidenciando que não existe um modelo único para que elas se desenvolvam. Em seguida apresentou-se como a estratégia de Internacionalização se modificou com o passar dos anos. Por fim foram destacados os seis pontos apresentados por Hudzik (2011; 2013) para que a estratégia de Internacionalização ocorra com sucesso, porém de forma a ser adaptada à realidade de cada Instituição.

2.3 ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

A Internacionalização ao longo dos anos passou de uma estratégia reativa para proativa. O foco e objetivos tiveram grande mudança. A

² Tautologia é uma definição lógica que não pode ser falseada, alguns dizem ser uma verdade universal (HUDZIK, 2013).

maior comercialização, a competição no Ensino Superior e também o aumento da oferta da educação transfronteiriça a impulsionaram. Assim talvez pudesse se concluir que ocorreu uma mudança da Internacionalização de um modo cooperativo para uma maneira mais competitiva. No entanto várias abordagens são utilizadas para internacionalizar (DE WIT, 2013). Nesse sentido a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) do Ensino Superior é uma resposta às novas demandas mundiais. Assim as motivações se tornam mais fortes devido ao impacto da globalização que espalha as demandas e oportunidades por todo o mundo, e também as mentes pensantes antes locais estão cada vez mais globalizadas (HUDZIK, 2013).

A globalização ressignifica a Internacionalização do Ensino Superior, e obriga-a a adotar estratégias mais abrangentes e mais extensivas, aumentar as alianças com outros países e aumentar a mobilidade acadêmica. Assim o conceito reconfigurado para conceitos internacionais, global e comparativo (HUDZIK, 2013). A Internacionalização é um meio para um fim. Isso é comumente confundido e pode levar a um entendimento errado do conceito. Por exemplo, a Internacionalização pode ajudar a desenvolver habilidades, técnicas, conhecimentos e interculturalidade. Desse modo o objetivo não é melhorar o currículo da instituição ou aumentar a mobilidade acadêmica e sim, auxiliar no desenvolvimento do aluno tornando mais preparado para as demandas atuais. Por isso, a Internacionalização é um meio para um fim e não um fim para um meio e entender isso torna a Internacionalização lançada com os objetivos do Ensino Superior (KNIGHT, 2012).

A Internacionalização não é estática e sim um processo que progride continuamente. As partes envolvidas no processo como órgãos internacionais, governos, Instituições de Ensino Superior, discentes e docentes necessitam compreender e responder à Internacionalização e onde se encaixam nele. Não existe um processo único para internacionalizar no Ensino Superior que sirva para todos. Cada uma das Instituições deve escolher qual abordagem é mais apropriada para a sua instituição (DE WIT, 2013).

Depois de muitas décadas a Internacionalização do Ensino Superior cresceu em objetivo, proporção e valores. Atualmente as Instituições incluem a Internacionalização no planejamento estratégico, políticas nacionais e declarações internacionais. Inclusive são destacadas como essenciais nos artigos acadêmicos. Sendo assim a Internacionalização fundamenta-se nas políticas, prioridades e práticas

nacionais. Assim a Internacionalização do Ensino Superior surge como modo de alcançar essas medidas de cada país. Caso esse norte não seja seguido ocorrerá um declínio da Internacionalização do país (KNIGHT, 2012).

Entretanto o termo Internacionalização é utilizado por muitas IES para identificar ações de Internacionalização como mobilidade, curso de línguas, Internacionalização do currículo, pesquisa no exterior, parcerias internacionais, entre outros. Porém é diferente internacionalizar do que só realizar alguma atividade internacional. Internacionalizar é ter uma estratégia de maneira a realizar várias das atividades citadas e não só uma delas. O uso do termo abrangente ocorre em função de uma demanda do século XX, que modificou o escopo, escala e importância da Internacionalização do Ensino Superior (HUDZIK, 2013).

Realizar uma forte Internacionalização do Ensino Superior nas IES tem recebido importância no que concerne a missão principal em relação à carência dos estudantes, outros clientes e da instituição. É um processo de integração internacional, intercultural e global das metas de uma Instituição de Ensino Superior. Assim, todas as Instituições enfrentam essa realidade, porém com consequências diferentes em função da missão institucional. Existem modelos ou práticas que estão na “moda”, entretanto não há um modelo ideal para que as Instituições de educação adotem ao internacionalizar. O melhor modelo de Internacionalização é aquele que melhor se adapta a missão, valores e práticas de gestão da Instituição (KNIGHT, 2012; HUDZIK, 2013). Por isso a estratégia de Internacionalização do Ensino Superior difere de instituição para instituição, de curso para curso e de país para país, além de diferir nos níveis de ensino de graduação e pós-graduação (DE WIT, 2013). Desse modo, para realizar uma Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) e robusta, demanda um misto de interesses da IES e das demandas externas para poder determinar quais são as estratégias e prioridades (HUDZIK, 2013).

A Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) não tem por objetivo determinar certa abordagem ou objetivos, mas entender que esse tipo de Internacionalização permite as Instituições de Ensino Superior determinar qual caminho seguir de acordo com sua missão, objetivos, programas, recursos e valores. A estratégia de Internacionalização tem como item central integrar a Internacionalização na missão e valores institucional principal. A abordagem estratégica para a Internacionalização tem como elementos os seis pontos explicitados por HUDZIK (2011) da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

Nesse sentido essas estratégias estão interligadas e não podem ser executadas sozinhas (HUDZIK, 2011; 2015).

Figura 2 - Estratégias para a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011)



Fonte: American Council in Education (2018).

Assim a primeira estratégia citada por ele diz respeito à articulação de um comitê institucional (Articulated institutional commitment). A IES deve realizar um planejamento com o auxílio das partes interessadas que devem ser coordenadas com o caminho que a IES quer tomar com a Internacionalização. Deve ser elaborado um roteiro para implementação desse planejamento. Também devem ser elaborados instrumentos para avaliá-lo, com metas claras e deixar explícito que a instituição é responsável pelo cumprimento (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

No sentido do planejamento estratégico, para ocorrer uma Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é necessário a inclusão da Internacionalização na missão, valores e prioridades da Instituição de Ensino Superior de modo a se integrar com esses itens e não disputar com os já existentes. Isso auxiliará na delegação de recursos para a Internacionalização porque os fundos para um empreendimento em Internacionalização são grandiosos. Assim é fundamental essa integração, pois com isso a quantidade de recursos será maior e terão um duplo aproveitamento (HUDZIK, 2013).

Quadro 1 - Exemplos de integração da Internacionalização com estratégias das IES

Adicionar novos cursos não precisa ser o principal meio de internacionalizar, somente um pode acrescentar um teor global, comparativo e internacional nos cursos já existentes.
Incluir a mobilidade estudantil como parte do currículo e cursos de graduação permite que os estudantes cumpram parte de seus estudos no exterior.
Estudantes internacionais podem ser mais incluídos na academia e na vida social do campus, trazendo aprendizado e benefícios intelectuais para os estudantes internacionais e domésticos, dentro e fora da sala de aula.
Criar em faculdades já existentes e pesquisas internacionais expande mundialmente.

Fonte: Adaptado de Hudzik (2013).

Desse modo a Internacionalização não está mais só fora da IES, mas se faz presente em suas políticas, estratégias e metas. Portanto não é só um objetivo a ser atendido e sim uma obrigação com um plano a ser executado (STALLIVIERI, 2017b). É preciso que exista um comitê, composto por um diretor e representantes de todo campus que irão supervisionar se as iniciativas de Internacionalização estão sendo implementadas (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Assim ao executar um projeto de Internacionalização é necessário que a instituição tenha clareza do seu papel de propiciadora de ensino para poder alinhar seus objetivos, metas e estratégias que deverão ser realizadas nesse plano (STALLIVIERI, 2017b). É necessário também, segundo as metas formuladas, realizar a avaliação, medindo o progresso e os resultados da Internacionalização formalmente (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Falhar ao integrar a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) com as metas, estratégias, políticas e prioridades é um erro que ocorre muitas vezes. Somente adicionar ao que já existe é um erro estratégico, pois quando ocorrerem dificuldades o que foi adicionado pode ser subtraído. Assim a integração de todas as atividades internacionais nas prioridades, missões e valores são imprescindíveis para que se tenha um panorama onde todos ganharão. (HUDZIK, 2013).

Em seguida o modelo cita a liderança administrativa, estrutura e pessoal (Administrative leadership, structure and staffing). A Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) passa pelo ensino, pesquisa, extensão e missão da IES. Auxilia a delimitar os objetivos e valores. Assim modifica a Instituição como um todo, por isso deve ser apoiada pelas lideranças, governança, docentes, estudantes, unidades acadêmicas e todos os funcionários. (HUDZIK, 2011).

A participação e liderança na Internacionalização deve se expandir para além do setor de Internacionalização e alcançar reitor, diretores de

centro e unidades de apoio. Sem o envolvimento das lideranças acadêmicas e do corpo docente não há Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Para que a Internacionalização da Ensino Superior tenha os resultados e sucesso existem alguns elementos essenciais. Entre eles está em estabelecer o que os guias intelectuais e resultados esperados em relação a aprendizado dos estudantes, pesquisa e bolsas, metas de pesquisa e melhorias de currículo (HUDZIK, 2013).

Além disso, para que ocorra a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é preciso condições adequadas. Entre elas estão a disponibilidade de recursos, infraestrutura e atendimento às novas demandas (STALLIVIERI, 2017b). Ao analisar esses recursos que serão investidos na Internacionalização pode-se também visualizar de que maneira podem aperfeiçoar os recursos já existentes de Internacionalização, de que modo se pode aumentar a amplitude desses de englobar mais de um quesito (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017). Mesmo que a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) seja um desafio em relação à capacidade e mudanças na instituição não as realizando deixa a IES em uma posição de desvantagem, devido às demandas da globalização (HUDZIK, 2011).

A Internacionalização deve ser apoiada não só por docentes, funcionários, estudantes, unidades acadêmicas e de serviço, mas também principalmente pela liderança superior, pois deve ocorrer o comprometimento constante com a Internacionalização. Mensagens frequentes e claras do reitor ou diretor são fundamentais. Essas devem atingir todas as partes interessadas. Desse modo possa vir a auxiliar o reitor ou diretor a incentivar e acelerar a construção de programas acadêmicos de apoio a Internacionalização. É papel da liderança superior também reforçar constantemente a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) e uma cultura organizacional que a apoie. As mensagens possuem papel fundamental nesse aspecto. Assim sendo as mensagens de apoio a Internacionalização devem identificar e incentivar desenvolvimentos específicos e linká-los a metas e resultados esperados (HUDZIK, 2011).

Em seguida é relacionado pelo autor o currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem (Curriculum, co-curriculum and learning outcomes). O Ensino Superior tem por objetivo a aprendizagem dos estudantes e por isso deve conter a dimensão internacional. A Internacionalização do currículo e o co-curriculo permitem aos estudantes que estejam expostos a dimensão internacional e possam adquirir habilidades globais (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Por isso o estudo sobre a comunicação intercultural é essencial, para que todos os possam entender e interagir de uma maneira melhor com pessoas de outras culturas. Então é função das Instituições incentivar seus estudantes a aprenderem como se comunicar e conhecer culturas diferentes, estarem aptos a conviver e trabalhar em ambientes multiculturais, ou seja, estarem preparados para os desafios que virão com a Internacionalização (STALLIVIERI, 2017b).

Assim para que as habilidades globais possam ser adquiridas por meio de inclusão de matérias obrigatórias que estudem questões globais e regionais, de modo a reforçar a dimensão internacional e que auxiliarão a interação com estudantes de diversas origens, além de cursos de línguas estrangeiras ofertados pela IES que também ajudarão nesse sentido. Destaca-se também que o desenvolvimento de competências globais dos estudantes também está incluído nas metas e por consequência na avaliação da instituição (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Nesse sentido um programa de inglês como segunda língua pode auxiliar a aumentar o aprendizado. Os estudantes internacionais podem ser provisoriamente aceitos, podem se beneficiar a longo prazo da aprendizagem do inglês, obter maior contato dos estudantes com o público e melhoria nas habilidades linguísticas e de proficiência dos estudantes. Entretanto o departamento de línguas ou programa de idiomas tem a necessidade de reconhecer quais as necessidades dos estudantes em relação à proficiência, e desenvolver parcerias com o corpo docente para divulgar as línguas estrangeiras em todo o currículo (HUDZIK, 2011).

A Internacionalização do campus significa que os elementos do campus devem estar coordenados com Internacionalização do Ensino Superior. Assim, ao realizar esse alinhamento deve-se levar em conta os cursos e currículos, o papel de discentes e acadêmicos internacionais no ambiente do campus, políticas institucionais, ações de suporte a Internacionalização e ambiente intelectual do campus para a ligação mundial (HUDZIK, 2011).

Depois são apresentadas as políticas e práticas docentes (Faculty policies and practices). A Instituição como todo é parte essencial da Internacionalização do campus, portanto, os docentes, por meio de políticas institucionais e mecanismos que proporcionem o desenvolvimento das habilidades internacionais potencializando o aprendizado dos estudantes (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018). Sem dúvida, a variável mais relevante da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é institucional, pois é por

meio dela que várias decisões são tomadas, como se os créditos serão aceitos ou não é controle do currículo (HUDZIK, 2011).

No sentido das políticas de promoção é destacado que deve ser levada em conta a Internacionalização e que as experiências internacionais devem ser incentivadas. Também na contratação de docentes, experiências, antecedentes e interesses internacionais devem ser valorizados na avaliação. As oportunidades de participar de eventos, conduzir pesquisas e ensinar internacionalmente e com financiamento por parte da IES é importante. Além de incentivar a formação dos docentes em competências e perspectivas internacionais que poderão ser aplicadas no ensino (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Para a implementação de Internacionalização com êxito é necessário que a Instituição de Ensino Superior desenvolva uma cultura e visão, conceba a Internacionalização como não mais desejável e passe a ser uma prioridade. É preciso que esteja clara para todo o campus a definição de Internacionalização, porque é relevante para a instituição e entender porque é interessante para a missão e valores institucionais devido a realidade atual. Nesse sentido um diálogo bem feito gerará para a Instituição uma cultura de suporte para uma Internacionalização mais robusta, o que ao longo do tempo mudará o modo de pensar, definição da missão institucional, na determinação, na efetivação das obrigações para com os estudantes e outros. Nesse sentido o escritório internacional é fundamental para auxiliar e defender a Internacionalização, mas o escritório não pode ser o único responsabilizado, a participação de todas a IES é necessária (HUDZIK, 2013).

As unidades acadêmicas desenvolvem o papel de contribuir substantiva e intelectualmente para a Internacionalização, sem que ocorra a ligação entre os departamentos acadêmicos e respectivo corpo docente. Com o processo de aprendizagem a Internacionalização corre o risco de se transformar em um processo vazio. Porém a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) não pode ocorrer sem o apoio voluntário e verdadeiro dos departamentos acadêmicos (HUDZIK, 2011).

Já o escritório internacional tem responsabilidades diferentes de acordo com as determinações de cada IES, porém para que ocorra a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) é necessária uma liderança e coordenação pois sem ela a Internacionalização parecerá absurda. Mas o escritório internacional tem papel fundamental de envolver-se com as unidades acadêmicas, de suporte e de serviço para facilitar e apoiar o comprometimento e dever de ambos (HUDZIK, 2011).

Nesse sentido, a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) desafia os docentes a aumentarem seus conhecimentos e a terem mais experiências tanto em função das aulas quando para pesquisa. Se não for realizado o engajamento de forma correta, muitos acreditam que isso são inconveniências e que interferem em sua liberdade. Porém muitos docentes abraçam a Internacionalização em seu trabalho em função do intelecto e prático, mas existem barreiras que devem ser dissolvidas (HUDZIK, 2011).

Ainda o financiamento é um grande incentivo para a Internacionalização do corpo docente, mas não se realiza por si só. É importante que o sistema de recompensa institucional apoie os esforços de docentes no exterior. Assim algumas das iniciativas no exterior que podem ser realizadas, como cursos com módulos no exterior; cursos de meio-semestrais; financiamento para apresentação de trabalho no exterior, apresentação de seminários e cursos de curta duração (HUDZIK, 2011).

O quesito mobilidade estudantil (Student mobility), serve para caracterizar tanto estudantes provenientes do exterior quanto estudantes das IES que vão para o exterior. Também deve haver programas de reingresso e orientação que auxiliem na adaptação dos estudantes, aumentem o aprendizado e ajudem a transmitir o conhecimento adquirido no exterior (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Algumas medidas devem ser tomadas. Uma delas é a validação de créditos obtidos no exterior pelos cursos da instituição, concessão de bolsas para estudantes que realizam a mobilidade. Também é necessário que sejam realizados programas de auxílio acadêmico e social que ajudem na interação dos estudantes internacionais no campus (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

A mobilidade acadêmica, estudantil e de docentes é fundamental para que ocorra a experiência e aprendizagem ativa da Internacionalização. Desse modo ocorre a aprendizagem e conhecimento fora do campus, mas também no exterior por meio de experiências com culturas diferentes, sistema de valores, diferentes formas de pensamento, trabalho e vivência. Mas além da mobilidade estudantil é necessário valorizar a mobilidade de docentes e equipe, pois sem isso a conexão com IES estrangeiras se torna frágil (HUDZIK, 2011).

Muitos creem que quanto mais estudantes estrangeiros na instituição mais internacionalizada será a instituição. Apesar de essa ser uma esperança de muitas Instituições de Ensino Superior, muitas vezes esses estudantes internacionais se sentem marginalizados socialmente e academicamente até por sua etnia. Os estudantes locais só acolhem de

forma mais efetiva os estudantes em mobilidade se um programa específico for desenvolvido. Os estudantes locais tendem a não acolher tão bem os estudantes em mobilidade. Esse segundo grupo geralmente tem inclinações de ficar juntos e experienciam uma interculturalidade maior que os estudantes domésticos. Essa situação não ocorre em todas as Instituições, mas acontece frequentemente, o que nos faz questionar que uma das razões principais de recrutar estudantes internacionais é o aumento da interculturalidade no campus; porém na prática isso pode não ocorrer e serve como um disfarce para a real razão que é melhorar sua posição no ranking global. (KNIGHT, 2011).

Por fim o autor destaca a colaboração e parcerias (Collaboration and partnerships). Realizar parcerias e colaboração internacionais são pontos essenciais em diversas Instituições de Ensino Superior. As associações com outras Instituições podem fornecer experiências para discentes e docentes, melhoria do currículo, aumento da receita, melhoria da visibilidade da Instituição regional e globalmente (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018). Assim o valor das colaborações está cada vez mais elevado. Para que ocorra a colaboração o corpo docente necessita de perspectivas e oportunidades no exterior. O ambiente do campus internacional e políticas deve apoiar a pesquisas e solução de problemas em parcerias internacionais (HUDZIK, 2013).

Entretanto as colaborações e parcerias requerem um planejamento estratégico que esclareça os objetivos, metas e expectativas em relação aos estudantes que devem ser alinhados com a missão e prioridades da IES, tendo em consideração recursos financeiros e de pessoal. (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

A cooperação internacional em um nível inicial realiza-se com a qualificação dos acadêmicos no exterior, que pode ser iniciada com a concessão de bolsas no exterior, criando, desse modo, parcerias entre a IES e Instituições no exterior. Assim tanto estudantes de diferentes níveis quanto docentes podem realizar a mobilidade. O reconhecimento dos créditos que foram realizados no exterior, faz com que o currículo das duas Instituições fique mais próximo. Em um segundo estágio de cooperação ocorre a produção científica em conjunto das duas Instituições de ensino. Porém para que isso ocorra é preciso que a cooperação esteja bem firmada e que os dois lados possuam grupos para que o projeto seja efetivado. Dessa maneira a produção científica em conjunto é uma forma mais sofisticada de cooperação (MOROSINI, 2011).

Nesse sentido, o currículo internacional no campus e a educação no exterior estão interligados e oferecem a aprendizagem internacional, mas demandam um corpo docente comprometido, assim como o estudo de línguas instrumentos de suporte a Internacionalização. Atividades desenvolvidas no exterior propiciam experiência de campo para estudantes e docentes (HUDZIK, 2011).

Porém, normalmente acredita-se que quanto mais acordos internacionais ou redes de cooperação a IES tem mais prestígio, mais atraente será para outras Instituições e para estudantes. Entretanto na prática não é isso que ocorre. Existe um número limite de acordo que a instituição consegue administrar e se beneficiar, pois para manter os acordos ativos e proveitos existem investimentos de recursos humanos e financeiros. Por isso muitas vezes diversos acordos estão somente no papel e não são produtivos. E nesse sentido quantidade é entendida como mais relevante que a qualidade e os acordos são utilizados como representação de status (KNIGHT, 2011).

Sendo assim a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) influencia além da IES, toda a reputação, suas parcerias e relações com outras Instituições. Hoje devido às demandas econômicas, sistema de comércio, pesquisa e comunicação passam a tornar a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) não mais uma obrigação e sim uma oportunidade (HUDZIK, 2011).

Porém poucas IES conseguem realizar a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) efetivamente. A abordagem para cada uma das Instituições que pretendem internacionalizar de forma abrangente é diferente e é guiada pelo tipo, missão, valores e ponto de partida. Entretanto existem alguns pontos em comum ao realizar uma Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). São eles: a) acesso de todos os estudantes e docentes às oportunidades e perspectiva internacional, global e comparativa; b) estender o atendimento para além do escritório internacional como para departamentos acadêmicos, liderança institucional, suporte no campus e unidades de serviço; c) integração nas missões institucionais centrais (HUDZIK, 2013; 2011).

A Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) não é fácil. Para que ocorra é necessário se ajustar constantemente aos novos desafios institucionais e globais que mudam frequentemente. Ao realizar a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) alguns quadros institucionais provavelmente mudarão pois esses geralmente são orientados em termos locais ou regionais e quando há esse comprometimento precisam mudar para o panorama global (HUDZIK, 2013). Assim as adaptações devem continuar a estruturar programas,

definir metas e também devem realizar parcerias de cooperação com Instituições estrangeiras, entre outros (HUDZIK, 2013).

É necessário realizar um diagnóstico institucional para que possa se identificar a capacidade de Internacionalização e as competências de assimilar as demandas da Internacionalização. Esse diagnóstico deve explicitar o grau de Internacionalização da IES antes de começar novos procedimentos. O diagnóstico deve ser elaborado por especialistas internos e externos. De preferência esses profissionais avaliarão e identificarão como conduzir o PDI e estabelecerão como realizar a Internacionalização (STALLIVIERI, 2017b).

Assim para que a Internacionalização ocorra é preciso planejar as estratégias, demandar recursos para a execução e capacitar os atores da Internacionalização. Nesses países a Internacionalização geralmente ocorre de forma localizada e não ordenada. Em um mesmo setor ou departamento, mesmo quando os atores têm compreensão da necessidade da Internacionalização e já estando capacitados para ela (STALLIVIERI, 2017b).

Ainda que existam várias vantagens para a Internacionalização, ao focar não só benefícios deixa-se de enxergar os riscos e efeitos negativos. Sendo assim, como efeitos negativos podemos citar a fuga de cérebros na mobilidade acadêmica, onde o conhecimento tende a migrar com a mobilidade, para as Instituições mais bem-conceituadas, deixando as Instituições que enviaram os estudantes sem “cérebros”. Outro ponto negativo é a “criação” de fábricas de diplomas-duplos devido à valorização dessa modalidade em função da Internacionalização (KNIGHT, 2012).

E incorreto pensar que a Internacionalização da IES melhorará a sua marca e posição globalmente; isso é uma confusão entre marketing internacional e plano de Internacionalização. O marketing internacional tem por função promover a Instituição internacionalmente e o plano é a estratégia para compor um cenário internacional, intercultural e global em relação a metas, ensino, pesquisa e extensão. Assim o objetivo dos dois é diferente, entretanto uma Internacionalização bem-sucedida pode levar a um reconhecimento internacional maior (KNIGHT, 2011).

Quanto à Internacionalização da IES, um grande mito é em relação a estudantes, acadêmicos, currículos, pesquisa e redes de associações que têm maior crédito, o que dá a falsa impressão de que a reputação internacional é igual a qualidade. Os rankings acadêmicos também influenciam nesse sentido, pois nem sempre classificam a

Internacionalização de modo correto e se realmente a Internacionalização é realmente sinônimo de qualidade (KNIGHT, 2011).

A seguir foram apresentados os conceitos de mobilidade acadêmica que possui muito destaque na Internacionalização, foram evidenciados alguns números mundiais da mobilidade, sua importância para o estudante e para as Instituições de Ensino Superior, também foram apresentados mitos acerca dela.

2.3.1 MOBILIDADE ACADÊMICA

Como já mencionado, a mobilidade estudantil não é um evento novo, mas que está mais presente com a globalização e nas estratégias de Internacionalização do Ensino superior (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). A Organisation for Economic Cooperation and Development (OECD) estima que 4,6 milhões de estudantes de Ensino Superior estavam em mobilidade no ano de 2015, o que configura um aumento de 2,5 milhões de estudantes em relação ao ano de 2001. A mobilidade acadêmica no Ensino Superior tende a crescer cada vez mais nos próximos anos, o que gerou uma competição para atrair os talentos globais (INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION, 2018).

A mobilidade como fenômeno envolve, hoje, uma série de fatores e processos que estão na base do sistema produtivo e no cotidiano das pessoas, englobando todo o sistema de transporte, a gestão desses espaços, as interações espaciais até as dinâmicas geográficas específicas. A mobilidade não envolve, apenas, o movimento de deslocamento; ela é muito mais ampla, pois é social e envolve estruturas, meios, culturas e significados (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, pag. 77).

A mobilidade estudantil e docente é discutida na academia e nas empresas. Essa discussão se dá em torno de sua definição e de sua importância na ciência e tecnologia do país e global, porém a visão de mercado tem predominado como modo de atender as demandas da globalização. Os que realizam a mobilidade têm condições melhor de trabalho; entretanto não é saudável participar desse fenômeno somente em função das demandas do capitalismo (LIMA; MARANHÃO, 2008).

Muitos fatores da mobilidade acadêmica persistem durante os anos como a “limitação do Ensino Superior da nação mãe, acesso e igualdade, metas pessoais e profissionais e capital humano” (Tradução do autor, (INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION, 2018 pag. 4) são fatores a serem considerados quando o estudante estude no exterior. Hoje

as bolsas e a estrutura de ensino da nação receptora têm um impacto significativo na mobilidade estudantil (INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION, 2018).

A mobilidade pode ser dividida em dois tipos, mobilidade vertical e horizontal. Essa divisão é baseada na condição de desenvolvimento do país envolvido. A mobilidade vertical é aquela que ocorre quando as IES estão em países de patamares diferentes. Os estudantes de uma IES de um país em desenvolvimento se deslocam para a de um país desenvolvido. A adaptação dos estudantes é um pouco dificultada devido às diferenças entre os dois países, e normalmente tem uma duração prolongada. Já a mobilidade horizontal é quando as Instituições envolvidas estão em nível igual. A adaptação do estudante ocorre de forma mais rápida, devido a essa igualdade e geralmente duram pouco tempo (STALLIVIERI, 2017a).

Nesse sentido a mobilidade espontânea é quando os estudantes investem em um programa de mobilidade sem ter o financiamento ou incentivo da IES. Assim o próprio estudante seleciona o país, a instituição e qual curso onde vai realizar a mobilidade (LIMA; RIEGEL, 2015).

Nos países do hemisfério norte os campis multiculturais já existem, pois, a mobilidade acadêmica já ocorre há muito tempo. Dessa maneira com o aumento da Internacionalização esses ambientes se espalharão pelo mundo todo. Por esse motivo as IES devem desenvolver e ofertar programas onde as aulas sejam ministradas em outras línguas além do português, principalmente em inglês ou espanhol (STALLIVIERI, 2017b).

Um mito da mobilidade acadêmica é que quanto mais estudantes estrangeiros na instituição mais internacionalizada será a instituição e o currículo. Apesar de essa ser uma esperança de muitas Instituições de Educação Superior, muitas vezes esses estudantes internacionais se sentem marginalizados socialmente, academicamente e até por sua etnia. Os estudantes locais só acolhem de forma mais efetiva os estudantes em mobilidade se um programa específico for desenvolvido. Os estudantes locais tendem a não acolher tão bem os estudantes em mobilidade e esse segundo grupo geralmente tem inclinações de ficar juntos e experienciam uma interculturalidade maior que os estudantes domésticos. Essa situação não ocorre em todas as instituições, mas acontece frequentemente, o que nos faz questionar que uma das razões principais de recrutar estudantes internacionais é o aumento da interculturalidade no campus, porém na prática isso pode não ocorrer e serve como um disfarce para a real razão que é melhorar sua posição no ranking global. (KNIGHT, 2011).

Em seguida foi apresentada a dupla titulação ou titulação conjunta que vem despontando nos últimos anos e que faz parte das estratégias de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), envolve duas instituições, para que a titulação seja realizada, mas é uma experiência mais profunda que a mobilidade acadêmica.

2.3.2 DUPLA TITULAÇÃO OU TITULAÇÃO CONJUNTA

No contexto atual, como já citado, é interessante que os estudantes tenham experiências interculturais. Esse sentido além da experiência poder ser adquirida com a mobilidade acadêmica, essa também pode ser obtida com um programa de dupla titulação (SPINELLI, 2009). A dupla-titulação auxilia a preparar os graduandos a se adaptarem em um ambiente global por meio da experiência internacional. Isso também aumenta a empregabilidade (CULVER et al., 2011).

O termo programa de dupla titulação é utilizado quando duas Instituições de Ensino Superior estão comprometidas no programa para conferir seus diplomas, uma dupla titulação, para os estudantes, seguindo os requisitos preestabelecidos. Além disso o aluno deve ser proficiente na língua de ambos os países. Já a titulação conjunta é quando é emitido um único documento pelas Instituições, independente se as duas Instituições estão envolvidas. Qualquer um dos dois tipos de programa pode acontecer nos níveis de graduação e pós-graduação (SPINELLI, 2009).

Programas de dupla titulação e a titulação conjunta surgem como evolução natural da cooperação institucional como uma forma de facilitar a integração dos estudantes no mercado de trabalho europeu. Os programas de graduação colaborativa se expandiram rapidamente (CULVER et al., 2011). Com o êxito da mobilidade estudantil de graduação, detecta-se uma necessidade onde são alinhados os currículos e conteúdos de dois cursos e os estudantes tenham aulas nas duas Instituições, a sua de origem e uma estrangeira e garantam a sua dupla-titulação (STALLIVIERI, 2017b). Normalmente duram mais tempo do que uma titulação típica e custa mais, porém se tem dois diplomas pelo custo de um (CULVER et al., 2011). Currículos altamente integrados levam a titulação-conjunta ou dupla titulação. Esses tipos de currículos são constantemente mencionados como prova de qualidade na Internacionalização: (SPINELLI, 2009).

Os programas de titulação conjunta podem criar uma ligação mais forte e mais duradoura do que muitos outros tipos de estratégias de Internacionalização. Esse tipo de estratégia gera inovação no currículo, mobilidade acadêmica de docentes e pesquisadores, aumenta o

conhecimento e redes de pesquisa. Desse modo, os estudantes entendem a dupla-titulação como modo de aumentar suas chances na carreira, de realizar mobilidade, experiência de vida e o principal ter dois diplomas por um, o que diminui o custo de educação e empréstimos escolares. Para a nação e regionalmente isso contribui para melhorar a reputação, aumentar a competitividade e capacidade (KNIGHT, 2009).

No sentido da qualidade dos projetos e dupla titulação, um sistema de controle de qualidade já é criado junto com o programa, de maneira que cada uma das Instituições verifica seu andamento nesse quesito. No caso da titulação conjunta, a exigência de qualidade é maior devido a existência de um grande número desses programas; portanto algumas IES mais renomadas montaram comitês para avaliar a qualidade dos programas, evitando associar a sua reputação a programas de pouca qualidade (SPINELLI, 2009).

É preciso diferenciar que os programas de dupla-titulação exigem que sejam realizadas mais horas de trabalho do que um programa de titulação conjunta, por isso é preciso deixar claro qual tipo de programa está sendo ofertado para não enganar as partes interessadas (SPINELLI, 2009).

Alguns programas que foram desenhados para serem titulação conjunta foram convertidos para dupla titulação sem nenhuma adaptação, em função dos obstáculos que algumas nações colocam em relação a elas. Entretanto espera-se que num futuro próximo sejam realizados programas de dupla titulação que possuam um currículo consistente que serão levados a frente e que os outros programas que não atendam esse requisito sejam denominados titulação conjunta. (SPINELLI, 2009).

Assim diplomas triplos também podem estar a caminho, o que é uma grande vantagem para o mercado de trabalho, em função das necessidades atuais, de saber transitar por diferentes culturas, consciência global, que saibam falar diferentes línguas, são motivações para essa tendência. (STALLIVIERI, 2017b).

A seguir foi explicitado o panorama da Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior do Brasil. Iniciando com um histórico que foi até o momento atual de Internacionalização das IES brasileira. Foi citado ainda que apesar de serem realizadas várias iniciativas isoladas do governo, mas a Internacionalização não segue uma direção única devido à ausência de uma política internacional brasileira.

2.4 INTERNACIONALIZAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

A Internacionalização do Ensino Superior brasileiro data do período colonial, quando alguns, mais abonados, realizavam seus estudos no exterior. Posteriormente surgem as Instituições brasileiras que foram criadas com o auxílio de profissionais europeus (TOSTA; STALLIVIERI; TOSTA, 2016). Assim, a Internacionalização brasileira passou por três gerações de Internacionalização segundo Stallivieri (2017c).

A primeira geração, dos anos 1960 a 1990, objetivou a mobilidade de docentes e pesquisadores para o exterior para adquirem títulos de pós-graduação e também intensificação de grupos de pesquisa internacionais, porém essas ações eram pontuais e individualizadas, com verbas nacionais, principalmente por meio de bolsas. Essas ações nem sempre eram continuadas e atendiam a objetivos institucionais. Nessa primeira geração da Internacionalização não era um tópico muito problematizado no Brasil, e por isso não eram disponibilizados recursos de qualquer tipo para que fosse realizada (STALLIVIERI, 2017a; 2017c).

A segunda geração ocorreu no fim dos anos 1990. A Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) declara que a cooperação internacional é essencial para que as IES sejam equivalentes para competir mundialmente. Consequentemente as IES brasileiras passaram a realizar mais cooperações internacionais, especialmente a mobilidade estudantil. Essa faz com que os acordos de cooperação sejam formalizados para que haja legalidade nos estudos no exterior. As ações de Internacionalização passaram a ser mais ordenadas. Assim, as Instituições estabeleceram setores para cuidar da Internacionalização e impulsionaram o aumento do número de acordos de cooperação internacional. A formalização desses acordos também aumentou a colaboração entre investigadores e impulsionou a mobilidade docente (STALLIVIERI, 2017c).

A terceira geração tem início nos anos 2000 quando as Instituições passam a dispor de recursos humanos e financeiros para a Internacionalização e as intenções de internacionalizar passam integrar diretrizes e metas do Plano de Desenvolvimento Institucional de diversas IES. Assim as relações internacionais servem para atender as novas demandas da Internacionalização (STALLIVIERI, 2017c).

Desde o início do século XX, as IES possuíam programas de Internacionalização que depois se tornaram projetos de pesquisa com colaboração internacional, em um modelo de Internacionalização que não

tinha padronização que não contribuía para a evolução da instituição. Porém essas foram as primeiras iniciativas de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior brasileiras (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017). Portanto é possível depreender o motivo do atraso da Internacionalização brasileira, onde somente em um passado recente houve a verdadeira adição da Internacionalização como prioridade no Ensino Superior (STALLIVIERI, 2017c).

As IES brasileiras e o governo têm se empenhado em firmar colaborações acadêmicas em pesquisa e mobilidade de estudantes, porém nem sempre essas iniciativas foram na mesma direção. Desse modo na esfera governamental a Internacionalização precisa ser pensada de forma estratégica para o país, de maneira que a Internacionalização traga benefícios para ambos as Instituições, ou seja, que ambas as Instituições de Ensino Superior possam evoluir academicamente, se modernizar e inovar por meio da cooperação internacional. (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

É necessário determinar qual a direção que a Internacionalização deve ter segundo as demandas nacionais, no sentido de desenvolvimento de talentos, cooperação internacional, troca de conhecimento, auxiliar nas dificuldades mundiais e atrelar a Internacionalização para resolução de adversidade pontuais vividas no Brasil. Além disso, é preciso que as IES brasileiras entendam sua posição como detentoras de valores, opiniões e conhecimento perante a sociedade (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

Assim nesse processo de indispensabilidade da Internacionalização nas IES brasileiras é necessário definir quais são os principais atores desse processo no Brasil. Estão nessa lista órgãos governamentais, agências de fomento que simbolizam a Ensino Superior brasileiro. (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017). Os seguintes atores são tidos como principais:

Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI); o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB); Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas (COMUNG); Associação Brasileira das Universidades Comunitárias (ABRUC); a Associação Nacional de Educação Católica no Brasil (ANEC); o Ministério da Educação (MEC), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Ministério de Relações Exteriores (MRE), dentre outros realizam essas discussões

ante os desafios para a Internacionalização da educação superior no Brasil.). (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017, pag. 592).

Os principais atores debatem sobre a Internacionalização do Ensino Superior mesmo que de forma não ordenada. Esses atores destacam a falta de uma política pública para a Internacionalização do Ensino Superior, documentos específicos que conjuntamente com as metas nacionais possam guiar a Internacionalização do Ensino Superior visando fortalecer o país. Os documentos que a orientam não deixam claro quais devem ser os objetivos e metas. Os documentos orientam a Internacionalização das IES devem contribuir para o desenvolvimento do país, auxiliar a formar os cidadãos e promover Ciência e Tecnologia. As cooperações internacionais devem ser uma via de mão dupla auxiliando na inovação e modernização gerando o desenvolvimento nacional. O que ocorre muitas vezes é que a cooperação normalmente só aprimora apenas um dos parceiros (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

Nesse sentido o que o Brasil tem de orientação para a Internacionalização são documentos pontuais do Governo brasileiros que incentivam a Internacionalização do Ensino Superior. São eles o atual Plano Nacional de Educação, o Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2020 e o documento do Programa Ciência sem Fronteiras, o que dá um direcionamento quanto à Internacionalização do Ensino Superior. Mas esses documentos somente incentivam e definem linhas gerais da Internacionalização, porém o que é necessário é definir os fundamentos para constituir políticas públicas consolidando um modelo político e socioeconômico de Internacionalização do Ensino Superior delineando onde se pretende chegar (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017). Portanto, é preciso formatar uma política de estado visando melhorar a Ensino Superior para adentrar mais qualificado na esfera mundial, econômica e educacional (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

No Plano Nacional de Pós-graduação 2011-2010 a cooperação internacional deve ter por função salientar a evolução da pós-graduação brasileira, destacando a evolução dos conhecimentos; propiciar a introdução no próximo Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social brasileiro; incentivar a cooperação internacional por meio das Instituições de Ensino Superior, de modo que a troca entre discentes e docentes seja institucionalizada possibilitando até a captação de recursos com órgãos internacionais; aumentar as redes internacionais, com uma ligação de igualdade entre a instituição estrangeira e brasileira. Isso ocorre por meio de mobilidade acadêmica de estudantes, projetos de

pesquisa, bolsas sanduiches e oferta de estagio para estudantes (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

Desse modo nos documentos acima apresentados não é possível identificar uma unidade de direção. Esses documentos apresentam cunho econômico, político, acadêmico e sociocultural, para que ocorra o desenvolvimento econômico e tecnológico do Brasil, porém não é dada uma direção em que a Internacionalização deve seguir para que contribua para isso. A falta das políticas públicas e do documento para a Internacionalização do Ensino Superior freia o crescimento da Internacionalização, que por consequência afeta o país como um todo (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

Nesse sentido a Internacionalização ainda está em desenvolvimento e no cenário educacional deve atender as políticas públicas que ainda não estão definidas no Brasil. (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). Quando for elaborado um documento nacional com estratégias, metas e objetivos nacionais de longo prazo, determinando quem são os principais atores e com comunicação constante é que o Brasil poderá projetar e almejar estar mais inserido internacionalmente (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

No Brasil, a produção do conhecimento científico tecnológico baseado na pesquisa está concentrada na pós-graduação. A Cooperação Internacional Inicial, via de regra, começa com a capacitação no exterior de professores e estudantes de doutorado, que, no decorrer de sua vida acadêmica, estabelecem laços não só do ponto de vista de consumo de bibliografia, mas de relações acadêmicas com seus pares e respectivos departamentos universitários e/ou centros de pesquisa onde estagiaram. Esse movimento possibilita a Cooperação Internacional Avançada, caracterizada pela produção de conhecimento através de projetos de pesquisa conjuntos. A construção de redes acadêmicas apoiadas por editais financiadores direciona o desenvolvimento de pesquisas e de formação de recursos humanos com centros de origem de formação no exterior (MOROSINI, 2011, pág. 89).

CAPES e CNPq são os órgãos responsáveis pela cooperação internacional a nível de pós-graduação (MOROSINI, 2011). Apesar do processo de Internacionalização nas IES ainda ser vagaroso no Brasil, esta é uma característica dos programas de pós-graduação onde a criação de

cooperação de pesquisa é incentivada pela avaliação da CAPES. Desse modo seria ideal consolidar os programas de pós-graduação para que possam percorrer caminhos em que integram com o as esferas política, social e turística. Tradicionalmente o Brasil realiza mobilidade acadêmica, estudantes e docentes, para países onde a academia é mais antiga, porém no momento de receber acadêmicos em mobilidade não temos tanta representatividade. Estranhamente o Brasil pode ser atraente para jovens estudantes, pois tem IES com destaque nos rankings mundiais, é multicultural e acolhedor (SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

Acordos bilaterais são projetos que delinham grupos de pesquisa entre duas nações. No Brasil esses projetos são financiados por bolsa, missões de trabalho e valores de subsidio a essas atividades. Preferencialmente os programas de pós-graduação devem realizar esses projetos com programas reconhecidos pelo MEC e com notas entre 5 e 7 na avaliação CAPES (MOROSINI, 2011).

No Brasil existem programas de pós-graduação que são extremamente internacionalizados que possuem redes acadêmicas internacionais consolidadas, onde os pesquisadores brasileiros estão em universidade do exterior e os pesquisadores estrangeiros estão presentes no programa do Brasil. Também há programas com grau baixo ou nenhum grau de Internacionalização, ou seja, há uma grande variação no grau de Internacionalização nos programas de pós-graduação brasileiros (MOROSINI, 2011). As IES brasileiras compreenderam com o passar dos anos que a cooperação internacional é um diferencial acadêmico e competitivo, principalmente no recebimento de recursos internacionais (STALLIVIERI, 2017c).

O modelo Cooperação Internacional Tradicional (CIT) é predominante mantendo a tradição da cooperação internacional sul-norte na maioria dos programas de pós-graduação. Em relação à política de Internacionalização, a cooperação sul-sul tem sido muito incentivada, o que significa a Cooperação Internacional Horizontal (CIH), que pode ser comprovado com a oferta de intercambio fornecida pelas principais agências gestoras da Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) brasileiras. Mesmo que as políticas públicas incentivem as relações de cooperação sul-norte, devido ao conhecimento que há nos países desenvolvidos, a que predomina é a das relações sul-sul (MOROSINI, 2011).

A cooperação tem dois vieses. O aumento da cooperação sul-sul pode beneficiar comercialmente o Brasil, ou seja, a mesma ideia da CIT pode ser aplicada a CIH. Assim fortalecem-se os laços com a mobilidade, mas também se constituem redes acadêmicas e comércio de produtos da

academia como livros, palestrantes, consultorias, entre outros (MOROSINI, 2011).

As mudanças que ocorreram no cenário socioeconômico, cultural e tecnológico com a globalização fazem com que os cidadãos tenham mais anos de estudo para que possam interagir nesse meio onde as fronteiras quase não existem mais. Desse modo as IES são um meio de atender a essa nova demanda. Assim exigem dos governos e organizações internacionais que sejam ditadas diretrizes para atender as novas condições mundiais. A globalização dita que Internacionalização nas IES abarca cooperação acadêmica, sem deixar de prestar atenção na dimensão intercultural na educação e pesquisa (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Com facilidade de acesso a informações, inserção dos países na sociedade do conhecimento, entre outros, faz com que a Internacionalização do Ensino Superior se modifique para responder as novas demandas que se desenrolaram no século XX. Nesse novo cenário o Ensino Superior deve produzir e difundir os conhecimentos (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

O conhecimento é essencial para a evolução da sociedade capitalista; contudo, entende-se que para que isso ocorra não adianta somente o acesso à informação. É necessário que essa informação seja processada e torne-se um conhecimento. Ainda é valorizado o grau com que essa informação é processada, o que leva a uma valorização do sistema de Ensino Superior (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

No Brasil a preferência de destino para realizar a mobilidade estudantil são os Estados Unidos. A preferência se dá pela influência na economia mundial, relação com a América Latina e também pela qualidade de sua Educação que é atrativo para estudantes que querem uma vivência educativa. O Brasil tem vários projetos de Internacionalização em relação à mobilidade estudantil; porém comparando aos países desenvolvidos ainda é embrionária (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). Por esse motivo, existem projetos de cooperação acadêmica em áreas específicas das IES que já possuem alguma interação solidificada e autonomia, com contatos com pesquisadores internacionais, porém essas relações e projetos não são conhecidos pelo restante da Instituição (STALLIVIERI, 2017b).

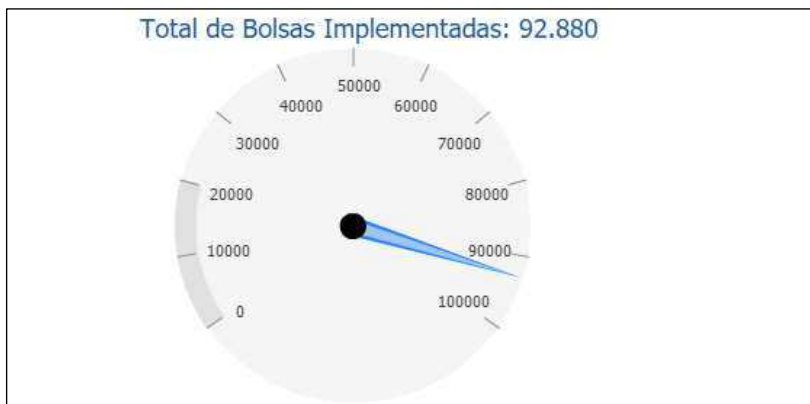
Os Programas de mobilidade acadêmica podem elevar a Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior a um nível equivalente a padrões de Instituições internacionais. Assim o Programa Ciência sem Fronteiras gerou benefícios para o Brasil porque possibilitou que milhares de estudantes realizassem mobilidade, divulgando assim o

nome das IES brasileiras pelo mundo e aumentando a inserção das Instituições na educação global. Entretanto o programa também acarretou problemas o que demonstra a delicadeza da Ensino Superior do Brasil, especialmente em relação à Internacionalização (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

Devido à grande discussão sobre Internacionalização do Ensino Superior e com as demandas nacionais para que isto seja atendido, muitas IES formulam estratégias e ações para que possam desfrutar melhor dos estímulos governamentais e de organizações internacionais. Assim o programa Ciência Sem Fronteiras disponibilizou 101 mil bolsas para estudantes, docentes e também recebeu estudantes e pesquisadores em mobilidade no Brasil. Desse modo a Internacionalização no Brasil teve um crescimento significativo nos últimos anos (TOSTA; STALLIVIERI; TOSTA, 2016).

Assim o programa Ciência sem Fronteiras pode auxiliar na Internacionalização efetiva do país de modo a criar diretrizes para que o aluno em mobilidade possa contribuir com o desenvolvimento do país e auxiliar na inovação das Instituições de Ensino Superior do Brasil quando regressarem do exterior. Porém até o momento quem realiza o controle é a instituição a que o estudante está vinculado, mas sem que haja um exame minucioso, portanto, o país não tem controle dos resultados que o estudante tem e por esse motivo não existe melhoria nos efeitos finais. Ainda nesse sentido o programa poderia ter atendido outra exigência da Internacionalização que são profissionais qualificados, que possam transitar por ambientes globais e multiculturais. Isso poderia ser atendido por meio da interação IES e empresas, fornecendo as empresas estudantes que estejam mais qualificados ou até qualificá-los com o programa (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017). Porém no ano de 2015 foi lançado o último edital e por falta de verbas o programa Ciência sem Fronteiras foi encerrado pelo MEC. Como pode ser verificado na figura abaixo, das 101 mil bolsas que estavam planejadas para ser ofertadas, somente 92.880 foram efetivamente concedidas (CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, 2018).

Figura 3 - Total de Bolsas concedidas pelo Programa Ciência sem Fronteiras

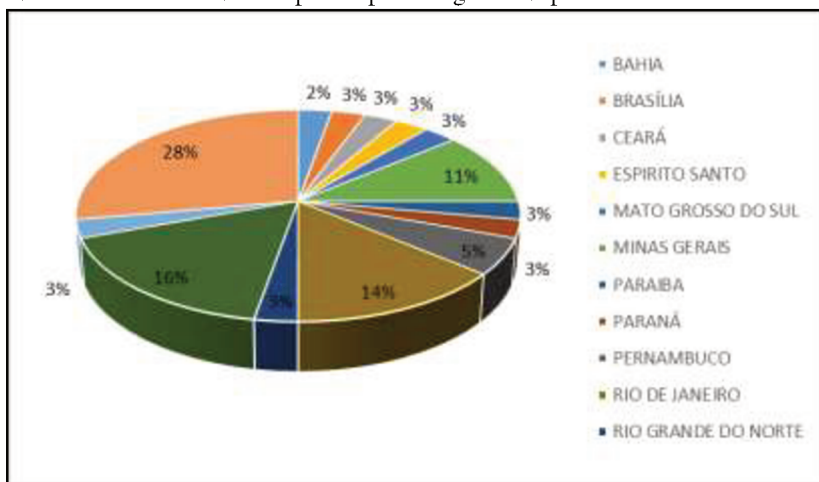


Fonte: Ciência Sem Fronteiras (2018).

No tocante a programas que podem incentivar a Internacionalização, o Programa CAPES PRINT lançado no ano de 2017 também é destacado. O Programa tem por objetivo estimular a Internacionalização na IES e Instituições de Pesquisa brasileiras de modo a aumentar a influência da produção científica e acadêmica da pós-graduação do Brasil. Também tem o intuito de incentivar o aumento da qualidade dos cursos pós-graduação e elevar a visibilidade dos mesmos internacionalmente. Além de aumentar o apoio à Internacionalização, fomentar a mobilidade de docentes e estudantes e por fim, possibilitar a vinda de mais estudantes e docentes para IES brasileiras (CAPES, 2018a).

Os tipos de financiamento internacionais que são abarcados por esse programa são: Auxílio para Missões de Trabalho no Exterior; Recursos para Manutenção de Projetos, Bolsas no Exterior e que tem como categorias, Doutorado Sanduíche, Professor Visitante no Exterior Junior, Professor Visitante no Exterior Sênior, Capacitação em cursos de curta duração ou “summer/winter schools”. Os projetos podem durar até quatro anos e iniciam a partir 2019. Segundo cronograma as propostas das IES deveriam ser enviadas até maio de 2018 e a concessão de bolsas iniciarão em 2019. Entre as contempladas estão dois Institutos de pesquisa e trinta e quatro Instituições de Ensino Superior. Das trinta e seis contempladas, trinta e uma são públicas, sendo quatro estaduais, vinte e sete são federais e cinco são privadas. Destas, três filantrópicas e confessionais e duas católicas. Segue um gráfico apresentando sua localização e onde se encontram suas sedes, instituições ou institutos de pesquisa contemplados (CAPES, 2018a; 2018b).

Gráfico 1 - Estados Contemplados pelo Programa Capes PRINT



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Existe ainda o Programa de estudantes-convênio de graduação (PEC-G) e o Programa de estudantes-convênio de pós-graduação (PEC-PG) que têm por objetivo fornecer bolsas a estudantes e docentes de países em desenvolvimento para que venham estudar no Brasil (CAPES, 2018c; MRE, 2018a; 2018b; MEC, 2018).

O PEC-G é um programa que visa ofertar possibilidade de estudantes estrangeiros de países que o Brasil possui acordos educacionais e culturais para efetuarem seus estudos de Ensino Superior no país. O programa seleciona preferencialmente jovens de 18 a 23 anos, com ensino médio completo, os quais devem possuir proficiência em língua portuguesa. Desse modo o PEC-G foi criado com o intuito de aumentar o número de estudantes estrangeiros de graduação no Brasil na década de 1960. Em 1965 foi divulgado o primeiro protocolo PEC-G (MEC, 2018; MRE 2018a).

Atualmente 59 países participam, sendo constituído por 25 países africanos, 25 das Américas e 9 asiáticos. As vagas se concentram em número maior nos cursos de Letras, Comunicação Social, Administração, Ciências Biológicas e Pedagogia. Vale ressaltar que desde os anos 2000 foram disponibilizadas 9000 vagas, sendo que os países africanos foram os maiores contemplados, com 76% dos selecionados. Entre as nações que tiveram mais participantes estão Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Já na América Latina os países com maiores participantes são Paraguai,

Peru, Equador e Honduras. Na Ásia, Timor Leste é o que possui maior número de contemplados (MRE, 2018a).

No mesmo sentido o PEC-PG é originário de uma parceria entre Capes, MRE e CNPq. O programa tem o propósito de conceder bolsas de doutorado e mestrado pleno a professores universitários, pesquisadores, profissionais e graduados de Ensino Superior de países em desenvolvimento com que o Brasil tem acordo de cooperação educacional e cultural ou de ciência e tecnologia. Visa também colaborar com o aumento da qualificação dos estudantes, acima citados, para ajudar no desenvolvimento de seus países (CAPES, 2018c; MRE 2018b).

O PEC-PG teve início em 1981 com o mesmo intuito que possui atualmente. A bolsa de mestrado concedida tem duração de no máximo 24 meses e a de doutorado de no máximo 48 meses. Segundo dados dos anos de 2000 a 2013 totalizou 226 bolsas, sendo 105 de mestrado e 121 de doutorado, setenta e cinco por cento dos estudantes que receberam bolsas eram oriundos de países sul americanos, com ênfase na Colômbia, Peru e Argentina. A seguir, destacam-se os africanos representando vinte por cento, com ênfase em Moçambique, Cabo Verde e Angola. Por fim, os outros cinco por cento eram provenientes da Ásia, principalmente do Timor-Leste. Entre os países contemplados nesse período 24 eram da África, 25 das Américas e 7 da Ásia. (CAPES, 2018c; MRE, 2018b).

Cabe salientar que é preciso ficar atento pois os estudantes de graduação comumente não geram tanto na produção científica quanto os estudantes da pós-graduação. Devido esse último estar mais envolvido nas pesquisas científicas e ter um perfil de pesquisador mais desenvolvido, auxilia mais no progresso da inovação e tecnologia. Muitas IES brasileiras têm estudantes de graduação que realizam a mobilidade sem que tenham uma experiência em iniciação científica, pois essa não é uma exigência. Logo, é necessário avaliar a real contribuição desses estudantes na construção da inovação e para o desenvolvimento do país ao longo do tempo (MIRANDA; STALLIVIERI, 2017).

O Ministério da Educação do Brasil tem iniciativa de criar IES que propiciam a interação com outros países por meio do Ensino Superior. É o caso da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), criada pela Lei nº 12.189, de 12 de janeiro de 2010 que integra esse campo e tem como função estimular o estudo de estudantes estrangeiros em seus cursos. A UNILA é localizada em Foz do Iguaçu, cidade fronteiriça entre Brasil e Argentina que tem por característica parte de docentes, estudantes argentinos e parte brasileira. Também é uma

instituição bilíngue, português e espanhol, que é essencial para a interação cultural e acadêmica (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Outra Universidade que tem o mesmo sentido é a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que objetiva, como o nome já diz, interação Brasil-África com ênfase nos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O corpo docente e discente é constituído por pessoas de diferentes partes do Brasil, mas também de várias Instituições de países da CPLP com as quais são realizadas cooperação permanentes ou temporárias (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Assim a criação dessas Instituições de Ensino Superior com a mobilidade acadêmica já integrada desde o início é um diferencial que pode ampliar e acelerar o processo de Internacionalização, não só enviando estudantes, mas também os recebendo, propiciando uma integração e um espaço social e cultural (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). Em relação à Internacionalização dos currículos ainda é pouco realizada no Brasil. Algumas iniciativas são as do Centro de Pesquisa e Inovação Educativa (CERI) da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que oferta cursos parcialmente internacionalizados na área de antropologia, psicologia, sociologia, comunicação, educação e gestão. A ideia é que a Internacionalização do currículo possa contribuir para os estudantes que não podem realizar a mobilidade acadêmica (STALLIVIERI, 2017b).

Nesse sentido, uma política de Internacionalização auxiliaria a acelerar o processo de Internacionalização. Com o delineamento da política de Internacionalização são definidas metas para diferentes estratégias de Internacionalização. Com esses objetivos define-se os papéis dos atores e qual direção tomarem nas escolhas de projetos e cooperações internacionais. Assim quando são traçadas metas incoerentes ou não ordenadas com o PDI da instituição, todo o restante fica desalinhado, pois serão tomadas decisões erradas, o orçamento fica comprometido, infraestrutura é feita errada e não atenderá aos requisitos dos projetos, também prejudicando o acolhimento de professores visitantes, assim como estudantes e pesquisadores. Dessa maneira os gestores ficam mais comprometidos e entendem a necessidade de ter uma academia intercultural para que sejam alcançadas as metas traçadas. (STALLIVIERI, 2017b).

Internacionalizar sem ter um objetivo para orientar e como monitorar os resultados é a receita para o erro. Sem isso também dificulta a criação de novos projetos de Internacionalização. Criar projetos sem delegar pessoas, verbas, prazos e modo de fazer, provavelmente

resultarão em erro o que aumenta a quantidade de cooperações internacionais que dão errado, que poderiam ser evitadas (STALLIVIERI, 2017b).

A seguir foram apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados no delineamento desta pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção foram apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. A metodologia segue a linha de pensamento de Saunders, Lewis e Thornhill (2009), especificando a abordagem, horizonte de tempo, objetivo, estratégia de pesquisa, forma de coleta e técnica de análise.

3.1 ABORDAGEM

Quanto à abordagem a pesquisa se encaixou na qualitativa. Creswell (2010) afirma que a investigação qualitativa utiliza dados de texto e imagem. É reforçado por Lakatos e Marconi (2009) que cita que a abordagem qualitativa se empenha em investigar e examinar o comportamento humano, explicitando fatores complexos e já estabelecidos. Investiga de forma minuciosa hábitos, atitudes, tendências de comportamento, entre outros (LAKATOS; MARCONI, 2009). Richardson e Peres (2008) consideram que a pesquisa qualitativa é considerada uma investigação onde se tenta entender as definições e atributos de uma conjuntura que são expostas pelo público-alvo da pesquisa (RICHARDSON; PERES, 2008).

3.2 HORIZONTE DE TEMPO

Em relação ao horizonte de tempo, o método utilizado foi o transversal Richardson e Peres (2008) relatam que ao realizar um estudo transversal, a coleta dos dados é realizada em um momento de tempo, levando em conta a amostra já selecionada. Assim sendo, a coleta de dados é realizada em determinado momento e se encerra depois disso, contendo a informação somente daquele momento sem que haja uma continuação. Se outro pesquisador por ventura vier a realizar um novo estudo pode ser que encontre outro tipo de relação entre os fatores observados (RICHARDSON; PERES, 2008). Dessa maneira a coleta de dados foi realizada de novembro de 2018 a janeiro de 2019 com a amostra de Universidades Públicas de Santa Catarina.

3.3 OBJETIVO

Em relação ao objetivo foi descritiva Cervo, Bervian e da Silva (2007, pag. 61) afirmam que na pesquisa descritiva se “observa, registra,

analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los.” Tenta compreender com que frequência o fenômeno acontece, como ocorre, qual sua relação com outros fenômenos e sua natureza. Procura entender vários eventos que acontecem no âmbito social, político e econômico assim como os hábitos humanos, tanto individuais quanto coletivos. A pesquisa descritiva é utilizada para entender dados que não estão documentados, portanto, como ocorrem em um ambiente determinado, necessitam ser apurados e organizados para que possam ser estudados (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007).

Prodanov e Freitas (2013) comentam que a pesquisa é descritiva quando somente aponta e relata os dados observados sem interferir neles. Tem por objetivo mostrar as propriedades de certa população ou evento analisando suas ligações. Dessa maneira, os dados devem ser coletados de forma uniforme, ou seja, padronizada. Portanto para esse tipo de objetivo utilizam-se geralmente formas de coleta de dados como entrevista, formulário, questionário, teste e observação. Portanto os acontecimentos devem ser constatados, catalogados, explicitados e interpretados, porém sem a interferência do pesquisador, ou seja, não devem ser manipulados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Desse modo esta pesquisa objetivou descrever a realidade encontrada nas Instituições de Ensino Superior Públicas de Santa Catarina em relação a suas estratégias de Internacionalização.

3.4 ESTRATÉGIA

Estratégia de pesquisa foi o estudo de caso múltiplo. De acordo com Yin (2001), o estudo de caso pode tanto incluir um estudo de caso único quanto um estudo múltiplo. Então o estudo de caso é uma pesquisa empírica que examina um acontecimento em seu âmbito natural, principalmente quando a delimitação entre a ocorrência e a circunstância não está nítida. Dessa maneira o estudo de caso ocorre em um cenário singular onde existem muitos fatores por isso existem muitas fontes de dados e são utilizadas diversas fontes de informações (YIN, 2001). Silva e Menezes (2005) definem que estudo de caso é o estudo realizado de forma intensa e detalhada sobre os objetos da pesquisa de modo a conhecer minuciosamente e profundamente. Portanto o presente estudo realizou a coleta de dados com três Instituições de Ensino Superior Públicas de Santa Catarina, selecionadas por meio da seleção intencional de Creswell (2010).

3.5 COLETA DE DADOS

A forma de coleta de dados foi documental e entrevista semiestruturada Severino (2007) aponta que documento é maneira de registro e organização de dados e informações, que será analisado por um pesquisador. É um procedimento de conhecer, identificar e investigar os documentos que são objetos da pesquisa que serão utilizados para elaborá-la. Ainda define que documento é todo instrumento que pode ser usado como forma de informação para ser analisado por meio de técnica específica. Assim o documento é tido como qualquer fonte de informação definitiva que pode ser utilizada como objetos de pesquisa (SEVERINO, 2007). Creswell (2010) afirma que podem ser classificados em dois tipos: públicos e privados. Os documentos fornecem ao pesquisador acesso à opinião dos pesquisados. Podem ser visualizados pelos pesquisados em período oportuno, fornecendo dados precisos, pois foram executados de forma rigorosa, além de economizar tempo do pesquisador porque as informações já estão compiladas e assim se poupa tempo por precisar transcrever os dados. Porém existem as limitações desse tipo de coleta como os documentos podem não estar disponíveis ao público, podem ser de difícil acesso para o pesquisador, podem ser incompletos ou podem não ser precisos ou autênticos. Por isso é papel do pesquisador atentar-se a essas limitações antes de realizar a pesquisa (CRESWELL, 2010).

Severino (2007) cita que a entrevista é uma técnica que é utilizada para reunir informações acerca de uma questão, em que esses dados são coletados diretamente da população alvo. Logo é uma interação pesquisador-pesquisado, de modo que o pesquisador deverá compreender como os pesquisados agem, pensam, tomam atitudes e argumentam (SEVERINO, 2007). Olsen (2015) afirma que é uma técnica que envolve no mínimo duas pessoas. Menciona também que a entrevista semiestruturada deve ser planejada previamente e geralmente é realizada com perguntas abertas. A entrevista é chamada semiestruturada porque há uma estrutura básica definida previamente. Por fim a entrevista semiestruturada é uma forma de coleta sistemática e anteriormente planejada (OLSEN, 2015).

Inicialmente foi realizada a verificação dos atores envolvidos na Internacionalização de cada uma das IES: reitores, secretários de relações internacionais de cada uma das Instituições.

A entrevista semiestruturada para coleta dos dados acerca das estratégias de Internacionalização estava composta de quinze perguntas que poderia ser redirecionada ou refeita caso o entrevistado não

respondesse a pergunta de forma satisfatória. A entrevista semiestruturada foi realizada com base nas estratégias de Internacionalização citadas por Hudzik (2011).

Assim essa pesquisa propôs-se a realizar coleta de dados a partir do Plano de Desenvolvimento Institucional de Instituições de Ensino Superior Públicas de Santa Catarina e também foram realizadas entrevistas com os Secretários de Relações Internacionais e Reitores das Instituições alvo da pesquisa. Dessa forma, a coleta dos dados por meio das entrevistas ocorreu de novembro de 2018 a janeiro de 2019.

3.6 ANÁLISE DE DADOS

A técnica de análise de dados foi a análise de conteúdo por meio do método de Bardin (2016). O método é separado em três etapas: a pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase consiste na organização dos dados e geralmente se desenvolve em cinco etapas, que não necessariamente adotam a ordem a seguir. São elas de acordo com Bardin (2016):

- a) Leitura “flutuante”, onde se realiza o primeiro contato com os documentos que serão analisados;
- b) Escolha dos documentos, quando é definido o que será analisado. Assim deve-se definir qual é o universo (gênero) dos documentos a serem analisados, chamado corpus, que podem ser definidos de acordo com uma das quatro regras: regra da exaustividade, em que se analisam todos os documentos do universo escolhido; regra da representatividade, onde se escolhe uma amostra do gênero escolhido e se generaliza o resultado para todos; regra da homogeneidade, em que se escolhem os documentos segundo critérios predeterminados e regra de pertinência, onde se escolhe somente documentos adequados ao objetivo da pesquisa;
- c) Formulação de hipóteses e objetivos, onde se deve formular hipóteses e objetivos sobre o corpus, porém nem sempre se tem uma hipótese, pois algumas análises são feitas “às cegas” e sem ideias prévias;
- d) Referenciação dos índices e elaboração de indicadores, onde se realiza recortes dos textos a serem analisados;
- e) Preparação do material, em que se realiza a organização do material a ser analisado.

Assim os documentos selecionados para atender aos objetivos dessa pesquisa foram os Planos de Desenvolvimento Institucional dos objetos da pesquisa e as entrevistas realizadas com reitores e secretários de relações internacionais ou órgão equivalente. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e posteriormente transcritas pelo pesquisador. Foram também realizadas anotações com maior riqueza de detalhes possível para o caso de haver falhas nas gravações como é ressaltado por Godoy (2006).

A segunda etapa, da exploração do material, consiste na codificação dos dados em informações, seguindo algumas regras. Esta se divide etapa em três etapas de acordo com Bardin (2016):

- a) Escolha das unidades, onde é feito o recorte, ou seja, se criam as categorias que servirão para a codificação dos dados;
- b) Escolha das regras de contagem, em que se determina como irá se realizar a enumeração dos termos encontrados nos dados;
- c) Escolha de categorias, onde se realiza a classificação dos elementos identificados segundo categorias (BARDIN, 2016).

A seguir foram realizados os recortes das entrevistas realizadas de acordo com o que foi planejado pelas instituições objetos da pesquisa em seus Planos de Desenvolvimento Institucionais. Desse modo foram selecionadas ações apresentadas pelos entrevistados que se relacionavam com o cumprimento do planejamento e com a internacionalização da instituição.

Por fim é realizado o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, onde se realiza a transformação dos dados em informações propriamente ditas. Desse modo deve ocorrer a inferência, que consiste na interpretação dos dados, porém de forma ordenada. Em seguida se realiza a junção das informações e ressaltam-se as que serão utilizadas na análise; por fim devem-se examinar as inferências, refletindo e analisando de forma crítica as informações (BARDIN, 2016).

Nesse sentido, para cumprir o objetivo específico “a” foi utilizada a análise dos documentos institucionais de Plano de Desenvolvimento Institucional e o roteiro de entrevista semiestruturada, que está em anexo no apêndice A, foram utilizadas para cumprir os objetivos específicos “b” e “c”. As perguntas da entrevista foram elaboradas segundo a teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). A entrevista passou por pré-teste e as perguntas foram reestruturadas quando necessário. Em seguida

se realizou a aplicação das entrevistas que foram utilizadas na análise desta pesquisa.

A interpretação e inferência dos dados foram realizadas com base nos fundamentos teóricos dessa pesquisa, atribuindo significado aos dados segundo as literaturas. Assim a interpretação dos dados fez com que fosse possível conhecer de forma que as Universidades Públicas de Santa Catarina elaboram suas estratégias de internacionalização.

Desse modo foram apresentados abaixo os instrumentos utilizados para cumprir cada um dos objetivos propostos por este estudo.

Quadro 2 - Escopo da pesquisa

Objetivo Geral			
Analisar como as Universidades Públicas de Santa Catarina desenvolvem suas estratégias de Internacionalização.			
Objetivos Específicos	Instrumentos	Categorias de análise	Autores
a) Identificar as principais ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina.	•Plano de Desenvolvimento Institucional dos objetos da pesquisa	•Comitê institucional; •Liderança administrativa, estrutura e pessoal; •Currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem; •Políticas e práticas docentes; •Mobilidade estudantil; •Colaboração e parcerias.	Hudzik, 2011; Knight, 2011; Morosini, 2011; Knight, 2012; Hudzik, 2013; Hudzik, 2015; American Council On Education, 2018; Miranda; Stallivieri, 2017; Stallivieri, 2017b.
b) Examinar a eficácia das ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina.	Entrevistas realizadas, segundo entrevista semiestruturada (Apêndice A) e Plano de	•Comitê institucional; •Liderança administrativa, estrutura e pessoal;	Hudzik, 2011; Knight, 2011; Morosini, 2011; Knight,

	Desenvolvimento Institucional dos objetos da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Currículo, currículo e resultados de aprendizagem; • Políticas práticas docentes; • Mobilidade estudantil; • Colaboração e parcerias. 	2012; Hudzik, 2013; Hudzik, 2015; American Council On Education, 2018; Miranda; Stallivieri, 2017; Stallivieri, 2017b.
c) Analisar a adoção de estratégia de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) pelas Universidades Públicas de Santa Catarina.	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas realizadas, segundo entrevista semiestruturada (Apêndice A) e Plano de Desenvolvimento Institucional dos objetos da pesquisa 	<ul style="list-style-type: none"> • Comitê institucional; • Liderança administrativa, estrutura e pessoal; • Currículo, currículo e resultados de aprendizagem; • Políticas práticas docentes; • Mobilidade estudantil; • Colaboração e parcerias. 	Hudzik, 2011; Knight, 2011; Morosini, 2011; Knight, 2012; Hudzik, 2013; Hudzik, 2015; American Council On Education, 2018; Miranda; Stallivieri, 2017; Stallivieri, 2017b.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

3.7 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A seleção dos objetos da pesquisa aconteceu de forma intencional. Segundo Creswell (2010) as pesquisas qualitativas têm uma seleção intencional dos objetos da pesquisa que auxiliarão o pesquisador a entender de forma mais profunda a questão de pesquisa, entretanto isso

não quer dizer que a amostra precisa ser de grandes proposições como é o caso das pesquisas quantitativas.

Desse modo, essa pesquisa tem como alvo as Universidades Públicas de Santa Catarina, para ter uma pesquisa que fosse heterogênea, por suas diversas características e pela acessibilidade a elas. A partir disso foram selecionados os seguintes objetos de pesquisa.

Quadro 3 – Objetos da Pesquisa

Sigla	Nome
UDESC	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina.
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Para efeitos dessa pesquisa os sujeitos da pesquisa cujas entrevistas foram realizadas são, os reitores e secretários de relações internacionais ou cargo equivalente.

Quadro 4 - Classificação dos sujeitos de pesquisa

Universidade	Respondente	Classificação
Instituição “a”	1	AR1
Instituição “b”	1	BR1
	2	BR2
Instituição “c”	1	CR1
	2	CR2

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

No decorrer da pesquisa o reitor de uma instituição para a confidencialidade da pesquisa aqui nominada instituição “a”, sentiu necessidade o seu secretário de relações internacionais ou órgão equivalente para que respondesse em seu lugar, assim sendo para a instituição “a” houve apenas uma entrevista realizada.

Um caso semelhante parecido com o acima ocorreu em relação à instituição “b”, em que o reitor da Universidade indicou o seu vice-reitor para que respondesse em seu lugar.

No caso da instituição “c” o secretário de relações internacionais ou cargo equivalente indicou um técnico administrativo que está lotado na secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente para que respondesse a pesquisa em seu lugar.

3.8 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Nesse sentido as limitações de pesquisa foram a dificuldade na realização das entrevistas. Algumas delas foram realizadas por Skype devido à impossibilidade de realizá-las presencialmente e uma delas foi realizada através de questionário enviado ao pesquisado. Além disso uma dificuldade foi não conseguir acesso à todos entrevistados, portanto foram apontados respondes alternativos.

Outra limitação residiu nos Planos de Desenvolvimento Institucional porque foram analisados somente os que estavam vigentes, logo ocorre a limitação pois somente foi analisado o momento atual. Ainda no PDI houve a dificuldade de encontrar as estratégias de Internacionalização porque não foram destinadas secções específicas para a Internacionalização, o que dificultou a extração dessas informações.

Além disso, os sujeitos da pesquisa não possuíam plano de Internacionalização o que facilitaria a identificação das estratégias de Internacionalização.

3.9 RESUMO DOS MÉTODOS DA PESQUISA

O panorama geral dos procedimentos metodológicos que foram utilizados para desenvolvimento dessa pesquisa, serão apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 - Resumo dos métodos de pesquisa

Aspectos Metodológicos	Especificação	Autores
Abordagem	Qualitativa	Creswell (2010); Lakatos; Marconi (2009); Richardson, Peres (2008).
Horizonte de Tempo	Transversal	Richardson, Peres (2008).
Objetivo	Descritiva	Cervo; Bervian; Da Silva (2007); Prodanov; Freitas (2013)
Estratégia de Pesquisa	Estudo de Caso Múltiplo	Yin (2001).
Formas de Coleta de Dados	Entrevista semiestruturada e documental	Severino (2007); Creswell (2010); Olsen (2015).

Delimitação da Pesquisa	Método intencional	Creswell (2010).
Técnica de Análise de Dados	Análise de conteúdo por meio do método de Bardin (2016)	Bardin (2016).
Limitações da Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> •Dificuldade na realização das entrevistas; •Realização da entrevista por Skype •Realização da entrevista via questionário 	Elaborado pela autora (2019)

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção foram discutidos os dados coletados a partir da pesquisa documental e entrevistas almejando cumprir os objetivos propostos nessa pesquisa.

4.1 IDENTIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS UNIVERSIDADES OBJETO DA PESQUISA

De maneira a atingir os objetivos propostos neste trabalho, compreende-se que foi necessário conhecer as características das Universidades Públicas de Santa Catarina

Sendo assim inicialmente apresentadas as instituições quanto a criação, localização, estrutura organizacional e convênios internacionais que possuem.

4.1.1 Universidade Federal de Santa Catarina

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundada no ano de 1960, fornecendo ensino de forma gratuita e pública. Possui sua sede e reitoria em Florianópolis, Santa Catarina, juntamente com seu campus. Ainda possui outros 4 campi distribuídas pelo estado de Santa Catarina. A UFSC no vestibular do ano de 2017 ofertou 6.601 vagas para seus 1119 cursos de graduação, com 30.781 estudantes matriculados no ano de 2017, com 7.528 diplomados no ano de 2016. Ofertou ainda 1.164 vagas, no ano de 2017 de educação básica em seu Colégio de Aplicação (CA) e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) que fornecem ensino infantil ao médio, formando 356 estudantes no ano anterior. Contou ainda com 14.488 matriculados em seus 162 cursos de pós-graduação, no ano de 2017, incluindo especialização, mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, sendo que no ano de 2016 foram 4.047 diplomados. Ainda no ano de 2017 possuía 306 convênios vigentes de acordo de cooperação internacional com 35 países (UFSC, 2017; 2018).

4.1.2 Universidade do Estado de Santa Catarina

A Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foi fundada em 1965. Fornece ensino de forma gratuita e pública. Possui sua sede e reitoria em Florianópolis, Santa Catarina, juntamente com seu campus. Ainda possui outros 12 campi distribuídas pelo estado de Santa

Catarina e 32 polos de apoio presencial para o ensino a distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), do Ministério da Educação. A UDESC no vestibular do ano de 2017 em suas duas entradas, de verão e de inverno, ofertou 2.337 vagas, para seus 58 cursos de graduação, com 14.197 estudantes matriculados no ano de 2017 com 7.528 diplomados no ano de 2016. Conta ainda com 884 matriculados em seus 50 cursos de pós-graduação no ano de 2017, incluindo especialização, mestrado e doutorado. No ano de 2017 foram 611 diplomados. Ainda no ano de 2018 possuía 99 convênios vigentes de acordo de cooperação internacional com 23 países (UDESC, 2017a; 2017b; 2017c; 2017d; 2017e; 2017f; 2017g; 2017h; 2018).

4.1.3 Universidade Federal da Fronteira Sul

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) foi fundada em 2009. Fornece ensino de forma gratuita e pública, abrangendo mais de 400 municípios da Mesorregião Grande Fronteira Mercosul, incluindo Sudoeste do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Noroeste do Rio Grande do Sul. Possui sua sede em Chapecó, Santa Catarina, dispõe de 5 campi que estão distribuídos em sua área de abrangência. A UFFS no vestibular do ano de 2017 ofertou 2.936 vagas, para seus 43 cursos de graduação, com 8.370 estudantes matriculados no ano de 2017 com 820 diplomados no ano de 2017. Contou ainda com 437 matriculados em seus 21 cursos de pós-graduação no ano de 2017, incluindo especialização, mestrado e doutorado. No ano de 2017 foram 106 diplomados em mestrado. Ainda no ano de 2018 possuíam 6 convênios vigentes de acordo de cooperação internacional com 4 países (UFFS, 2017; 2018a; 2018b).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DAS AÇÕES ESTRATÉGICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DOS OBJETOS DA PESQUISA

A seguir foram mapeadas as ações de Internacionalização contidas no PDI. Depois os dados coletados do PDI foram cruzados com os coletados nas entrevistas. Por fim as ações estratégicas praticadas pelas Universidades objetos da pesquisa foram analisadas sob a luz da teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) com vistas a identificar como ocorre a estratégia de Internacionalização nas Universidades Públicas de Santa Catarina.

Dessa forma para que a Internacionalização seja plena, é necessário que os participantes estejam envolvidos e comprometidos, como também é necessário ter objetivos claramente definidos e coerentes

com as estratégias de execução. Os projetos devem estar contidos no PDI das instituições de ensino (HUDZIK, 2011; STALLIVIERI, 2017b).

4.3 ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO PLANEJADAS NO PLANO DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Para cumprir o objetivo específico “a” foi necessário realizar uma pesquisa documental nos Planos de Desenvolvimento Institucional das Universidades objetos da pesquisa. Para isso foi realizada a pesquisa com as seguintes palavras-chave:

1. Internacionalização;
2. Internacional;
3. Internacionais;
4. Mobilidade;
5. Intercâmbio;
6. Colaboração;
7. Parceria;
8. Acordo;
9. Cooperação;
10. Inglês;
11. Espanhol;
12. Línguas Estrangeiras.

As palavras utilizadas são as unidades citadas por Bardin (2016), essas foram selecionadas especificamente para a pesquisa documental a partir das 6 iniciativas citadas na Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), com a interpretação da Internacionalização adaptada a realidade brasileira. Como foi citado por KNIGHT (2012) e HUDZIK (2013) a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) não tem por objetivo criar um modelo específico para a Internacionalização e sim deve ser adaptada à realidade de cada instituição.

4.3.1 Instituição “a”

Nesse sentido a instituição “a”, nome fictício tinha seu Plano de Desenvolvimento Institucional vigente dos anos de 2012 a 2018. Ressalta-se que o plano quando foi criado deveria durar até o ano de 2017, mas foi prorrogado por seu Conselho Universitário por mais um ano, no caso até 2018.

A seguir foram apresentados os pontos obtidos com as palavras-chave acima citadas. Abaixo estão apresentados os desafios propostos no Plano da instituição “a”.

Quadro 6 - Desafios e Objetivos instituição "a"

Desafios	Objetivos
Fomento às Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Pode-se observar que a instituição “a” tem como desafios fomentar as ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação. Citou como uma forma de obter a Internacionalização os programas de cooperação com vários países destacando Portugal e países do MERCOSUL. Acredita-se que devido a sua proximidade e alianças com países do MERCOSUL em relação a Portugal devido à língua e à herança cultural.

Ainda nesse sentido a instituição traçou no ano de 2013 metas para que esse objetivo fosse alcançado, como está destacado no quadro abaixo.

Quadro 7 - Objetivos ano de 2013 instituição "a"

Desafio	Metas 2013
Fomento às Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação	Cooperação com Portugal e países do Mercosul;
	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Assim além da meta de institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul, para o ano de 2013 elaborou-se a meta de realizar cooperação com Portugal e países do Mercosul.

Desse modo a instituição entendeu que essas duas ajudariam a efetivação do desafio de fomentar as ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação.

As dimensões que a instituição “a” pretende trabalhar em seu PDI vigente são:

Quadro 8 - Dimensões da instituição "a"

Dimensão	Objetivos
Políticas da Pós-graduação	Favorecer a cooperação e a inserção dos pesquisadores da instituição “a” no âmbito nacional e internacional, bem como sua participação em redes de pesquisa;
	Promover a cooperação com instituições nacionais e internacionais e o intercâmbio de professores e estudantes;
Políticas de Pesquisa	Fortalecer a pesquisa enquanto atividade coletiva e interdisciplinar, promovendo a interlocução, o debate e a cooperação dos pesquisadores dos diferentes campi e com outras instituições;
	Potencializar a formação de pesquisadores por meio de parcerias, intercâmbios e acordos de cooperação com outras instituições de ensino e de pesquisa, nacionais e estrangeiras.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Nota-se que a instituição “a” tem focado em duas dimensões de Internacionalização para trabalhar. Sendo a primeira a Política da Pós-graduação que está relacionada com a Política Nacional da Pós-graduação (PNPG) 2011-2020. Sendo assim a instituição estava consciente que precisava seguir e acompanhar as mudanças propostas pela PNPG 2011-2013.

Assim a instituição “a” destacou em seu PDI 2012-2018 que a PNPG 2011-2020 recomenda a interação entre sociedade e universidade para que ocorra a diminuição da distância entre a produção de conhecimentos e a apropriação pública.

Em consonância com o PNPG vigente, a instituição “a” traçou dois objetivos relacionados com a dimensão das políticas da Pós-Graduação e a Internacionalização. O primeiro deles está relacionado com a expansão da rede de pesquisa no sentido de proporcionar mais cooperação e inserção no âmbito nacional como internacional. O segundo objetivo estabelecido referente à Internacionalização está relacionado com realizar cooperação com outras instituições nacionais e internacionais e realizar intercâmbio de discentes e docentes.

Referente às políticas de pesquisa existem dois objetivos traçados. O primeiro deles é o fortalecimento da cooperação e debate com diversas instituições, que podem ser internacionais ou nacionais, consolidando a pesquisa como uma atividade coletiva e interdisciplinar. O segundo objetivo está relacionado à expansão da formação dos pesquisadores por

meio de mobilidade acadêmica e cooperação com instituições e institutos de pesquisas nacionais e internacionais.

Como meio de viabilizar esses dois objetivos foram utilizados dois programas. O primeiro foi o programa de apoio aos grupos de pesquisa, que visa o fortalecimento de pesquisa relacionado à produção científica e tecnológica ligando os núcleos de pesquisa e pesquisadores. O segundo foi o programa de apoio à formação de pesquisadores, que como o próprio nome já indica, tem por objetivo a formação de pesquisadores tanto na instituição com em parcerias com outras, por meio de intercâmbios e acordos de cooperação.

Ainda no tocante à dimensão da política de pesquisa no PDI, a instituição “a” citou alguns pontos em que sua política entra em consonância como no caso das metas e objetivos para o desenvolvimento tecnológico e científico do país, com vistas melhoria no mercado internacional em relação à competitividade no desenvolvimento de inovações tecnológicas. No mesmo sentido segue a política de redução de desigualdade e exclusão social, além da exploração sustentável das riquezas naturais que auxiliam no fortalecimento da indústria internacionalmente por meio da inovação, ciência e tecnologia.

Esses dois pontos em que a política de pesquisa deveria estar em consonância foram viabilizados pelo programa institucional de iniciação científica e tecnológica. O programa envolve estudantes de graduação em atividades de pesquisa como bolsas de iniciação científica, auxílio para participação em projetos vinculados a eventos acadêmicos e científicos qualificados, incentivo à criação de fórum de discussão sobre ciência e tecnologia, incentivo à mobilidade acadêmica de discentes, realização de seminários de iniciação científica mostras de desenvolvimento tecnológico e inovação, e apoio apresentação de trabalhos para estudantes bolsistas.

Destacou-se ainda a intenção de criar um curso de especialização em cooperação internacional e desenvolvimento rural com metas de oferta de 30 vagas no ano de 2013; porém no ano de 2018 verificou-se no site da instituição, mas não havia oferta do referido curso que está diretamente relacionado com a Internacionalização do país.

A instituição “a” coloca o seu programa de mobilidade como um fator de estímulo à permanência de discentes, pois lhes proporciona a experiência internacional tanto na graduação quanto na pós-graduação. Citou que esse programa depende de convênios previamente fixados e reconhecidos pela instituição “a”, estados e também depende da compatibilidade e aproveitamento das disciplinas cursadas no programa,

do reconhecimento do MEC e de outros documentos exigidos pela instituição.

A seguir foram apresentados os dados coletados a partir da pesquisa documental realizado no PDI da universidade para fins desta pesquisa denominada Instituição “b”.

4.3.2 Instituição “b”

A instituição “b” possui um PDI vigente dos anos de 2015 a 2019 e iniciou inserindo a Internacionalização em sua missão e valores como pode ser observado no quadro abaixo.

Quadro 9 - Missão e valores instituição "b"

Missão	Produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade da vida.
Valores	A instituição “b” ³ deve afirmar-se, cada vez mais, como um centro de excelência acadêmica nos cenários regional, nacional e internacional, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e democrática e para a defesa da qualidade da vida, com base nos seguintes valores: Internacionalizada - Uma instituição capaz de intensificar parcerias e convênios com instituições internacionais, contribuindo para o seu desenvolvimento, o do Brasil e o de outras nações.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Desse modo a instituição “a” inseriu a internalização em sua missão ao englobar a sociedade como um todo, não só nacionalmente quanto internacionalmente, para que o ser humano que possa desempenhar o seu papel como profissional de formar uma sociedade mais justa e democrática, defendendo a qualidade de vida.

Em relação aos valores um deles está relacionado à Internacionalização quando citou que a instituição deve aumentar as parcerias e convênios com instituições internacionais para que possa contribuir com o desenvolvimento do Brasil e do mundo.

³ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

No sentido das dimensões a instituição “b” dividiu em três que são ensino, pesquisa e extensão. Cada uma dessas dimensões tem objetivos que foram alcançados através de metas sendo que algumas dessas metas estão relacionadas com a Internacionalização. Abaixo foi relacionada a dimensão do Ensino.

Quadro 10 - Dimensão Ensino da instituição "b"

Dimensão	Objetivos	Metas
Ensino	Institucionalizar ações inovadoras nos projetos pedagógicos em todos os níveis de ensino	Fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente;
	Estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação)	Colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição “b” ⁴ ;

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Referente ao objetivo de legitimar a inovação em todos os níveis de ensino uma das metas para obter é incrementar a mobilidade estudantil e docente interinstitucional que pode ser inclusive entre instituições de diferentes países. O segundo objetivo da pesquisa relacionado à Internacionalização é que deve ser estabelecida uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Em relação a isso foi traçado o objetivo de contribuir para a integração dos estudantes estrangeiros que estão na instituição, para ajudar a Internacionalização e auxiliar a aumentar a qualidade dos cursos de graduação e de pós-graduação.

Na dimensão da pesquisa foi criado um objetivo para ampliar a Internacionalização da instituição “b” como pode ser verificado no quadro abaixo.

Quadro 11 - Dimensão Pesquisa da instituição “b”

⁴ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Quadro 11 - Dimensão Pesquisa da instituição “b”

Dimensão	Objetivos	Metas
Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ⁵	Incrementar ações e projetos de cooperação internacional;
		Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade;
		Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos;
		Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional;
		Incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela;

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Desse modo as metas para atingir esse objetivo estavam: aumentar as ações e projetos de cooperação internacional, incrementar a cooperação institucional e interinstitucional tanto nacional e internacional em redes de pesquisa, especialmente os que mais contribuem. Ainda possia como meta ampliar a participação dos docentes, discentes e técnicos administrativos na apresentação de trabalhos em eventos científicos internacionais, além de aumentar a quantidade de publicações em revistas internacionais indexadas, incentivas a mobilidade acadêmica de discentes e incentivar programas de dupla-titulação e cotutela.

Quadro 12 - Dimensão Extensão da instituição “b”

⁵ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Quadro 12 - Dimensão Extensão da instituição “b”

Dimensão	Objetivos	Metas
Extensão	Promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária	Incentivar e apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais;
	Ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade	Fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais;
		Incentivar e facilitar a participação dos servidores da instituição “b” ⁶ em comitês de assessoramento técnico e conselhos externos, em âmbito estadual, nacional e internacional.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Dessa maneira dois objetivos de extensão estão relacionados com a Internacionalização dessa instituição. O primeiro deles visava aperfeiçoar continuamente as ações e estimular propostas inovadoras de interação com a comunidade. Sendo assim uma das metas para que isso fosse alcançado é incentivar, apoiar projetos e programas de diversas áreas, também redes e cooperação interinstitucionais que podiam ser realizadas tanto com instituições internacionais quanto de com as nacionais.

O segundo objetivo de extensão relacionado com o tema é a ampliação da interação com a sociedade. Duas das metas se relacionam com a Internacionalização que é o fomento da extensão por meio do intercâmbio e redes de cooperação interinstitucionais. A outra é incentivar e facilitar os servidores a participarem de comitês de assessoramento técnicos, conselhos externos, estadual, nacional e internacionalmente.

Outras iniciativas de Internacionalização que a instituição “b” tem são meios de estímulo à permanência e disponibilização de bolsas para a realização de curso extracurricular de línguas estrangeira. Sua editora

⁶ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

provê a publicação de títulos regionais, nacionais e internacionais como modo de acompanhar as tendências mundiais. Sua biblioteca prevê acesso à base de dados nacionais e internacionais como modo de manter seu corpo docente, discente e técnico atualizados.

Sobre a mobilidade acadêmica, a instituição citou que na criação do PDI em 2015 possuiu 2% de seu corpo estudantil internacional, sendo por graduação sanduiche ou por convênios PEC-G, PEC-PG e outros 10% de seus estudantes regulares realizavam intercâmbio. Ao fim da vigência do PDI atual em 2019 a instituição “b” pretendia aumentar para 5% a quantidade de estudantes internacionais em intercâmbio temporário e projeta que 25% de seus estudantes de graduação realizem intercâmbio. Já na pós-graduação pretende que 50% dos estudantes de doutorado realizem sanduiche ou cotutela. Em relação ao corpo docente pretendia incentivar a colaboração científica internacional e apoiar os técnicos para terem oportunidades de se aperfeiçoarem no exterior.

Em relação à Internacionalização, a instituição está consciente que se trata de uma realidade no mundo todo e que passa a ser um diferencial de qualidade tanto na graduação quanto na pós-graduação e também um critério diferenciado para receber verbas públicas. Ainda nesse sentido, a instituição “b” está ciente que tem um bom histórico de Internacionalização e que está bem posicionada em rankings que valorizam o tema.

Em seguida foram apresentados os dados relacionados à Internacionalização referente ao PDI da instituição “c”, nome fictício para fins dessa pesquisa.

4.3.3 Instituição “c”

Em relação à instituição “c”, possuía um PDI vigente do ano de 2017 a 2021. Primeiramente foram definidas em seu PDI algumas políticas e diretrizes referentes a várias áreas que estão relacionadas com a Internacionalização da instituição. No quadro abaixo foram dispostas as políticas e diretrizes.

Quadro 13 - Políticas e Dimensões da instituição “c”

Políticas	Diretrizes
Institucionais	Contribuir para a viabilização da meta do PNE, cuja finalidade é o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão;

Políticas	Diretrizes
Ensino de Graduação	Consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil;
Pesquisa	Desenvolvimento de pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional;
Pós-graduação	Promoção de cursos de pós-graduação stricto sensu, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional;
	Viabilização da Meta do PNE, a fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem a Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa;

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Dessa forma a primeira política estabelecida pela instituição “c” foi a institucional, que engloba a instituição como todo. Então a diretriz estabelecida que está relacionada com a Internacionalização foi a que deve seguir o Plano Nacional de Educação (PNE) que tem por objetivo o intercâmbio científico e tecnológico no âmbito nacional e internacional com instituições de ensino, pesquisa e extensão, estando assim diretamente relacionado com a Internacionalização.

A segunda política definida foi a de ensino de graduação que possui a diretriz de fortalecer e aumentar os programas de mobilidade estudantil. No sentido da política de pesquisa que diz que a instituição deve dar seguimento à pesquisa em conjunto com empresas e instituições nacionais e internacionais de ensino e pesquisa por meio de projetos em conjunto, visando o desenvolvimento regional.

Na política de Pós-Graduação existem duas diretrizes associadas à internacionalização, que foram a de viabilizar cursos de pós-graduação stricto sensu proporcionando parcerias com universidade e instituições de pesquisa nacionais e internacionais com o objetivo da cooperação interinstitucional. A outra foi promover as metas do PNE para fortalecer programas, projetos e ações que tenham por fim a Internacionalização da pesquisa e pós-graduação brasileiras, de modo a incentivar as atividades em rede e a consolidação dos grupos de pesquisa.

Quadro 14 - Objetivos e Metas da Instituição "c"

Quadro 14 - Objetivos e Metas da Instituição "c"

Eixo	Objetivos	Estratégias
Eixo 2 - Desenvolvimento o Institucional	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando ao aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área.
		Ampliação da participação de professores em atividades no exterior, por meio do Novo Proeven (Edital Print).
		Ampliação do número de universidades conveniadas.
		Ofertar disciplinas em inglês.
		Criação e regulamentação da emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de Pós-graduação.
		Criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente.
		Ampliação de bolsas de mobilidade internacional (Prome), disponibilizando uma vaga anual por curso.
		Participação de técnicos em eventos no exterior.

Fonte: Elaborada pela autora (2019).

A instituição “c” possuía em seu PDI dois eixos que tem objetivos relacionados com a Internacionalização. O primeiro deles é o eixo 2 – Desenvolvimento Institucional, sendo o objetivo afim da Internacionalização o de promover ações que busquem a Internacionalização da universidade.

Nesse sentido foram traçadas oito estratégias para que esse objetivo seja alcançado. A primeira foi estabelecer convênios de cooperação com instituições de destaque na extensão na América Latina, para o aperfeiçoamento teórico-metodológico, fomentar redes

extensionistas para dar suporte ao Ensino à Distância e também realizar publicações estrangeiras na área. Outra estratégia era aumentar a participação dos docentes em atividades no exterior por meio do Novo Proeven (edital Proint), que são editais próprios para a promoção de participação em eventos. O terceiro era a ampliação do número de convênios, outra estratégia era ofertar disciplinas em inglês e a regulamentação da emissão de duplo-diplomas com instituições conveniadas com os programas de pós-graduação. Outra ação era criação e regulamentação das cotutelas com as instituições conveniadas, aumentando as bolsas de mobilidade internacional por meio do programa Prome, que disponibiliza uma vaga por curso de graduação. Por fim tem-se a viabilização e a participação dos técnicos em eventos no exterior.

Além disso, a instituição está ciente dos desafios da educação superior e citou que o momento atual da Internacionalização indica uma competitividade econômica e tecnológica entre os países. Desse modo é função das universidades brasileiras contribuir para a construção do conhecimento para superar o atraso social, tecnológico e econômico de nosso país. Assim é necessário que haja uma política de financiamento adequado ao ensino, pesquisa e extensão na Educação Superior.

Sendo assim, a relação entre o conhecimento e sua aplicação nas tecnologias e a rápida mudança devido a esse processo modificam o papel da educação. Portanto, mudando o processo de produção de conhecimentos que deve levar em conta o contexto nacional e internacional em busca do desenvolvimento científico, técnico e cultural, gerando novas vantagens, possibilidades de abertura e cooperação internacional.

Em relação aos convênios e mobilidade, a instituição “c” disse ter firmado diversos deles tanto no âmbito nacional quanto internacional para que possa proporcionar oportunidades de intercâmbio cultural, divulgar e aumentar a produção técnico-científica e estudar por um ou dois semestres em instituições parceiras.

Ainda no sentido da Internacionalização para ajudar os estudantes que desejam realizar a mobilidade acadêmica a instituição aderiu ao programa “Inglês sem Fronteiras” para que os estudantes de graduação e pós-graduação possam realizar o TOEFL IPT, que é exigido em diversas instituições para que possam realizar a mobilidade. Porém o programa não tem só beneficiado os estudantes como também servidores da instituição que representam um número significativo de participantes na aplicação dos testes.

A instituição “c” ressaltou que para valorizar a extensão universitária deve seguir os seguintes eixos sinalizados pelo Fórum de

Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) no ano de 2012. Entre eles a Internacionalização é inclusive um dos eixos. Citou o intercâmbio nacional e internacional das ações de extensão por meio da mobilidade estudantil e intercâmbio docente em ações de extensão. Ainda em relação ao Fórum, algumas iniciativas de atividades de desportos internacionais são incentivadas que é a participação dos discentes em eventos e campeonatos estaduais, nacionais e internacionais fortalecendo a imagem da instituição “c”.

Ainda a instituição “c” possui os Princípios Éticos e Filosóficos que foram concebidos como instrumentos de gestão e de avaliação. Esses citaram em relação à Internacionalização que as ações universitárias devem ser pautadas em preocupações éticas e valores sociais para promover atividades locais, regionais, nacionais e internacionais. Também deve contribuir para compreender, interpretar, preservar, reforçar, fomentar, difundir a cultura nacional, regional e internacional e histórica pautado na pluralidade cultural.

Assim algumas das premissas dos Princípios Éticos e Filosóficos estão relacionadas com a Internacionalização da instituição. São elas fomentar a visibilidade da instituição “c” no cenário estadual, nacional e internacional. Do mesmo modo que deve focar nas parcerias como meio de crescimento e inovação necessário para a evolução da sociedade. Desse modo essas parcerias citadas podem ser com instituições internacionais.

No âmbito da biblioteca da instituição “c” para melhoria do atendimento dos usuários, oferta alguns serviços de comutação bibliográfica, sendo dois deles nacionais e um internacional, o que também contribui para a internacionalização da instituição também.

Na questão de conhecimentos e Internacionalização a instituição ainda possui uma revista, criada em 2006, gerenciada pela coordenadoria de gestão que tem por fim propagar a produção da comunidade acadêmica nacional e internacional, contribuindo com a extensão e cultura.

Nesse sentido fez-se necessário investigar se as ações que as Universidades investigadas por essa pesquisa colocaram em prática conforme objetivo “b”, que foram apresentados a seguir.

4.4 AÇÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO DESENVOLVIDAS PELOS OBJETOS DA PESQUISA

No intuito de atingir o objetivo específico “b” foram elaboradas 15 perguntas para realização de uma entrevista semiestruturada, disponíveis no apêndice A. Foram realizadas com os sujeitos selecionados de cada instituição objeto da pesquisa. Portanto nesta seção as entrevistas dos sujeitos serão analisadas para que o objetivo específico “b” seja atingido.

A partir das ações mapeadas no objetivo “a” foi realizado o cruzamento do que foi planejado pelas instituições e o que está sendo efetivamente realizado, segundo informado nas entrevistas.

4.4.1 Instituição “a”

A instituição “a” cujos desafios e dimensões, juntamente com suas metas e objetivos do PDI relacionadas à Internacionalização foram apresentadas na seção anterior. A seguir cruzados com as ações realizadas segundo a entrevista com o sujeito aqui denominado AR1.

No caso específico dessa instituição, esse foi o único entrevistado, devido ao reitor da instituição “a” ter indicado o seu secretário internacional ou cargo equivalente para que respondesse à pesquisa, sendo assim essa foi a única entrevista realizada para a instituição “a”.

Desse modo, a pergunta introdutória da entrevista é acerca de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). O entrevistado AR1 quando questionado sobre o termo disse não conhecer com esse nome exatamente e quando fornecido o significado afirmou:

[...] a nossa universidade é muito nova, então praticamente antes de eu assumir tinha uma assessoria de assuntos internacionais, mas foi mais em função do ciência sem fronteiras, e foi meio improvisada, inclusiva para atender a demanda do CSF, então não tinha uma política [...]. Então nós começamos a pensar em como fazer Internacionalização a partir de 2015 quando eu assumi. E quando começamos já tinha toda essa discussão, e nós já tínhamos essa posição de ser algo que perpassasse a universidade como um todo, que não fosse um setorzinho que mande gente para fora. A gente nunca achou que a Internacionalização era mobilidade [...] seria mais uma consequência do que propriamente um primeiro passo. Então a gente sempre teve muita consciência que tinham que ser um movimento de toda a universidade e de várias frentes. [...] agora é

que uma possibilidade de se pensar em caminhos para internacionalizar, então agora nós já estamos trabalhando com isso, mas é uma coisa bem recente. Nós estamos começando a Internacionalização e outras em termos nacionais já estão em nível mais alto. Eu entendo que a Internacionalização não é um setor que trata de receber e enviar estudantes e professores para o exterior, quase que como separado do todo da instituição. Nós entendemos que a Internacionalização faz parte dos objetivos, das políticas e dos princípios da universidade. [...]. Quando a gente começou a pensar em Internacionalização essa discussão já estava colocada, quando o país começou a colocar essa discussão, nesses termos, por isso já começamos pensando nessa perspectiva.

Segundo a resposta do entrevistado AR1, ele e sua instituição estão cientes de que a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) existe e precisa ser realizada, porém desconhecia que esse tipo de Internacionalização fazia referência a esse termo. Entretanto o entrevistado citou que apesar do desconhecimento a Internacionalização em sua instituição nunca foi pensada para ser realizada de forma isolada, porém ainda estão na fase inicial da mesma quando comparada a outras instituições brasileiras.

O entrevistado AR1 inclusive citou que está consciente que o setor de Internacionalização não deve ser um setor para enviar e receber estudantes, professores e técnicos do exterior, ou seja, somente mobilidade. Citou ainda está ciente que o setor de relações internacionais não é totalmente separado da instituição. Entende que deve perpassar toda a instituição, e que a Internacionalização deve ser realizada por meio de várias iniciativas de diferentes formas.

Também destacou que estão cientes que a Internacionalização deve fazer parte dos objetivos, políticas e princípios da universidade e por consequência fazer parte do planejamento da instituição. Ainda ressaltou que quando iniciaram a discussão sobre a Internacionalização que esse conceito de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) já existia no cenário nacional, e que por esse motivo sua Internacionalização já iniciou dessa forma. O entrevistado AR1 citou que a assessoria de relações internacionais de sua instituição foi criada para atender a demanda do programa Ciência sem Fronteiras, e sem um planejamento adequado, o que foi realizado posteriormente quando o entrevistado assumiu o cargo

em 2015. Por esse motivo a sua Internacionalização efetiva e planejada só foi iniciada recentemente.

A seguir foram analisadas as ações que foram citadas no PDI de instituição “a” comparadas com as informações fornecidas pelo entrevistado AR1.

Quadro 15 - Ações de Internacionalização desafios instituição “a”

Desafio	Objetivos	Metas 2013	Entrevistado AR1
Fomento às Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.	Cooperação com Portugal e países do Mercosul;	Não foi realizado.
		Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.	Não foi realizado.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Assim a instituição “a” possuía em seu PDI vigente o objetivo de institucionalizar programas de cooperação com diversos países com ênfase em Portugal e países do Mercosul, inclusive com metas para efetivação no ano de 2013. O entrevistado AR1 ao ser questionado sobre esse ponto disse que a instituição não havia conseguido cumprir esse objetivo, e que esse objetivo provavelmente iria ser realizado em breve, pois estavam trabalhando para cumpri-lo e que incluiriam mais itens sobre esse quesito em seu próximo PDI.

Quanto às dimensões descritas no Plano de Desenvolvimento Institucional da Instituição “a” foram citados os pontos a seguir.

Quadro 16 - Ações de Internacionalização dimensões instituição “a”

Quadro 16 - Ações de Internacionalização dimensões instituição “a”

Dimensão	Objetivos	Entrevistado AR1
Políticas da Pós-graduação	Favorecer a cooperação e a inserção dos pesquisadores da instituição “a” no âmbito nacional e internacional, bem como sua participação em redes de pesquisa;	<ul style="list-style-type: none"> ●A instituição possui estudantes em mobilidade; ●Editais de bolsas; ●Recebimento de estudantes de mobilidade;
	Promover a cooperação com instituições nacionais e internacionais e o intercâmbio de professores e estudantes;	<ul style="list-style-type: none"> ●Possui estudantes alemães interessados em fazer mobilidade; ●Existe diálogo com a Universidad Nacional de Misiones na Argentina, Universidad de la República Uruguay e Universidad de la Empresa;
Políticas de Pesquisa	Fortalecer a pesquisa enquanto atividade coletiva e interdisciplinar, promovendo a interlocução, o debate e a cooperação dos pesquisadores dos diferentes campi e com outras instituições;	<ul style="list-style-type: none"> ●Proposta de melhorar o nível de línguas estrangeiras dos professores e estudantes de pós-graduação;
	Potencializar a formação de pesquisadores por meio de parcerias, intercâmbios e acordos de cooperação com outras instituições de ensino e de pesquisa, nacionais e estrangeiras.	<ul style="list-style-type: none"> ●Criação de uma rubrica nos projetos para tradução de artigos; ●Verba para tradução dos sites da pós-graduação e das revistas institucionais.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Como já citado pelo entrevistado AR1, a instituição “a” ainda é muito nova. A Internacionalização só começou a ser planejada e pensada efetivamente no ano de 2015, por esse motivo a instituição possui poucos estudantes em mobilidade, como destacado somente dois, um no Chile e outro na Espanha. O estudante que estava no Chile foi através de um convênio realizado com a Organização Universitária Interamericana (OUI), e o estudante que se encontrava na Espanha está realizando a mobilidade por meio de um convenio European Region Action Scheme for the Mobility of University Students (ERASMUS). Citou ainda que possui editais de bolsas como forma de incentivar a mobilidade estudantil, porém essa ainda é uma realidade muito distante na instituição “a” devido a sua recém criação e à maioria de seus estudantes estudarem em um turno e trabalharem no outro.

Referente aos estudantes que estavam em mobilidade na instituição, o professor AR1 destacou que os dois vieram para realizar suas práticas em projetos que a instituição possui. São participantes geralmente do programa ERASMUS provenientes da Europa e precisam realizar vivências para obterem seu diploma. Os estudantes desenvolvem práticas integrando ensino, pesquisa e extensão. Realizam os trabalhos nos projetos de extensão da universidade e discutem seus resultados em grupos de pesquisa, porém esses grupos de pesquisa estão ligados às disciplinas cujos estudantes em mobilidade também participam na pós-graduação. Os estudantes podem optar por participar de um projeto somente, mas nós dois casos realizaram vivências em mais de um projeto durante sua estadia na instituição “a”.

O entrevistado AR1 citou que pensou que os estudantes que realizariam mobilidade para universidades brasileiras não teriam interesse na instituição “a” pois essa não se localiza em um local onde existem muitas atrações turísticas típicas do Brasil. Entretanto a instituição “a” possui uma boa nota de classificação no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), mas não é um grande centro de referência em pesquisa, o que também não contribuí para o interesse de estudantes estrangeiros na instituição “a”.

A instituição “a”, segundo o entrevistado, se destaca por sua estreita relação com a comunidade, que inclusive possui participação ativa dentro das decisões da universidade. Além desse fato, o indivíduo ressaltou que possuem uma grande quantidade de grupos de extensão e que participam de movimentos da comunidade. Assim esses dois motivos seriam os diferenciais que a instituição “a” possui. Realizou a divulgação para as universidades de fora do país, o que tem atraído estudantes

interessados em realizar esse tipo de atividade. Inclusive existe muito interesse por parte de estudantes alemães para realização de mobilidade para a instituição “a”

Em relação aos convênios, o professor AR1 citou que a efetivação dos convênios ocorre, preferencialmente, de forma vinculada a projetos de pesquisa, ensino ou extensão e que a iniciativa parte dos professores. O contato inicial é realizado pelos professores das instituições interessadas e que posteriormente são firmados os acordos pela assessoria de relações internacionais.

O entrevistado destacou que os convênios não são firmados somente para realizar mobilidade de estudantes e que essa mobilidade deve ser realizada com vinculação a projetos para que esse conhecimento seja aproveitado para a instituição, prioritariamente. Todavia o entrevistado AR1 ao ser questionado sobre o controle da contribuição dos convênios para a instituição informou que ainda estão iniciando a realização dos convênios e que essa questão está prevista nos projetos de cooperação. Ainda destacou que os resultados provavelmente serão mensurados pelos relatórios e encaminhados conjuntamente para o pró-reitor responsável e para a assessoria de relações internacionais.

A vinculação ao grupo de pesquisa, segundo o entrevistado, auxilia no retorno do conhecimento do estudante para a instituição “a”, pois estando ele vinculado a um projeto facilita o retorno do conhecimento da experiência, mas o retorno fica somente dentro daquele grupo e não se expande para toda a instituição.

O entrevistado AR1 citou que possuem uma ligação com as universidades de Universidad Nacional de Misiones na Argentina, Universidad de la República Uruguay e Universidad de la Empresa devido à natureza e a realidade da instituição, que permitem a aproximação e a relação entre elas.

Em relação à política linguística o entrevistado AR1 relatou que já foi encaminhado um projeto para que seja aprovado. Essa política, segundo ele é voltada à diversidade, que abarca dois direcionamentos, um das línguas nativas indígenas como as línguas caingangue, guarani e línguas de fronteiras, cujo responsável é a pró-reitora de extensão, e outro lado para as línguas estrangeiras de responsabilidade da assessoria de relações internacionais.

Destaca ainda que a política linguística possui uma parte voltada a diversidade cultural como, por exemplo, mostra de cinema de países vizinhos com incentivo à participação de todos da universidade e da comunidade. Ainda no sentido da cultura, possuem estudantes Haitianos

como estudantes regulares da instituição “a” cujo ingresso é diferenciado e estão em fase de expansão do programa para outras nacionalidades. Hoje, de acordo com o professor AR1 a instituição tem atividades culturais próprias dos Haitianos como o dia da bandeira e outras datas comemoradas no país. A organização fica a cargo dos estudantes.

Ainda relacionado às línguas estrangeiras, o professor AR1 citou que existe uma dificuldade em ofertar cursos de línguas estrangeiras devido ao horário de funcionamento dos cursos e que muitos dos estudantes trabalham no contra turno. Por esse motivo foi criada uma bolsa para fomentar o ensino de línguas. Outro instrumento utilizado foi o incentivo ao aprendizado desde que os estudantes ingressam na instituição para estarem preparados caso queiram realizar mobilidade ou posteriormente cursar pós-graduação.

Foi ressaltado pelo entrevistado AR1 que o curso de medicina de instituição possui em seu currículo a obrigatoriedade de possuir proficiência em uma língua estrangeira na conclusão do curso, mas que nos demais os idiomas são contabilizados como atividades complementares. O campus sede tem o Idiomas sem Fronteiras, programa do governo federal que incentiva o ensino de línguas estrangeiras. Possuem o ensino de português para estrangeiros, espanhol e inglês.

No sentido de ministrar aula em outros idiomas ainda não foi uma grande realidade na instituição pois muitos dos estudantes e professores ainda não estão familiarizados com os idiomas estrangeiros, e por esse motivo não existe muito sentido em ministrar essas aulas.

Entretanto, o professor AR1 ressaltou que em alguns cursos de pós-graduação o ensino em línguas estrangeiras já iniciou e que em outros estão planejando iniciar. Para que essa transição ocorra os professores da pós-graduação estão aos poucos introduzindo textos em outros idiomas para que haja adaptação dos estudantes. No futuro pretendem exigir um nível de proficiência em línguas estrangeiras para o ingresso na pós-graduação.

Além disso, o entrevistado acredita que com a melhoria do sistema de videoconferência da instituição conseguirão transmitir mais aulas em línguas estrangeiras. Destaca também que quando recebem professores estrangeiros as aulas são ministradas na língua nativa do professor e é realizada a tradução da aula e dos slides.

No sentido da política linguística no setor da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente está prevista a realização da semana de Internacionalização, onde serão organizadas palestras e seminários de estudantes que realizaram mobilidade, estudantes que estão em

mobilidade da instituição e imigrantes, entre outros. As atividades culturais da semana serão organizadas pela diretoria de cultura.

Outro ponto salientado pelo entrevistado AR1 foi a criação de uma rubrica específica para tradução dos artigos em inglês para os projetos. Uma parte da verba de Internacionalização foi destinada para a tradução dos sites da pós-graduação e das revistas institucionais.

Em seguida foi realizada a análise das entrevistas realizadas com os sujeitos da Instituição “b”.

4.4.2 Instituição “b”

A instituição “b” cuja missão, valores, dimensões, objetivos e metas de seu Plano de Desenvolvimento Institucional pertinente à Internacionalização foram explicitados na seção anterior. Aqui se encontram os dados das ações versus o que foi realizado segundo as entrevistas realizadas com os sujeitos, de nome fictício BR1 e BR2. Para essa instituição, ressalta-se que o reitor da instituição “b” indicou o seu vice-reitor para que esse realizasse a entrevista para fim de atingir os objetivos desta pesquisa.

Para iniciar a entrevista realizou-se uma pergunta sobre o conhecimento dos entrevistados referente à Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). O entrevistado BR1 quando questionado sobre seu conhecimento a respeito do termo forneceu a seguinte resposta:

Internacionalização (ou entre nações, ou transnacionalização) como políticas e práticas de ações ou atividades ou projetos institucionais universitários de cunho acadêmicos (ensino/pesquisa/ extensão/ inovação) em espaços/ contextos/ instituições e pessoas em outros países oportunizando, visibilidade, inserção, colaboração, parcerias, ações conjuntas, ou outra que resulte em trocas de conhecimentos e saberes, formação profissional, construção de novos conhecimentos e tecnologias, captação de recursos financeiros, conhecimento de outras realidades com perspectivas de incremento dos potenciais que enriquecem nossa missão, visão e valores institucionais (IES). [...]

O Entrevistado BR1 citou estar consciente do significado de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) e reafirma isso com sua fala que está ciente que a Internacionalização deve estar ligada as políticas, ações, atividades e projetos acadêmicos da instituição, sendo

realizada em vários contextos, espaços, em vários países, para várias pessoas com cunho acadêmico. O entrevistado ressaltou que a Internacionalização proporciona oportunidades, visibilidade, inserção, colaboração, parcerias, ações conjuntas ou outros, gerando troca de conhecimentos, saberes, formação profissional, produção de conhecimentos, tecnologias, recursos financeiros, conhecimentos de várias culturas e realidades, de modo a melhorar a missão, visão e valores da instituição.

Em relação ao mesmo questionamento o entrevistado BR2 forneceu a seguinte resposta:

É o que chamam de *comprehensive internationalization* [...]. Em algumas universidades eles preferem traduzir como Internacionalização transversal, e eu prefiro acho que é um termo mais apropriado nesse caso. A Internacionalização compreensiva, abrangente ou transversal, tem essa ideia que a Internacionalização ocorre em todas as instâncias de uma instituição de ensino superior. Então, por exemplo, ela não ocorre [...] só na secretaria de relações internacionais. [...] se a gente quer realmente internacionalizar uma universidade todos os setores da instituição “b”⁷ têm que estar engajados nesse processo, [...] coordenadores de curso, departamentos, direção de centro, [...] alta administração, todas as secretarias, todas as pró-reitorias. [...] com esse intuito da Internacionalização transversal, a gente criou um comitê, no qual fazem parte todos os secretários e todos os pró-reitores, e é através desse comitê que a gente procura discutir e mostrar a importância de Internacionalização para a universidade como um todo. E isso atualmente tem se refletido em ações muito concretas, por exemplo tivemos agora o primeiro concurso para técnicos administrativos cobrando inglês e espanhol [...]. Na extensão nós tivemos os cursos de verão e de inverno que incentivam a ministração de cursos em língua inglesa, em fevereiro e no final de julho [...]. Na pós-graduação com o CAPES PRINT é indiscutível, [...] mais direcionado pelo governo

⁷ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

federal, já estamos trabalhando com isso. O catalogo de matérias em língua inglesa que saiu agora já demonstra isso. Então são pequenas ações que já estão começando a aparecer por conta dessa visão da Internacionalização transversal que a gente já começou a discutir nesse comitê de Internacionalização.

O entrevistado BR2 destacou estar ciente do significado do termo Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) ressaltando que ela pressupõe que a Internacionalização esteja presente em todas as instâncias da instituição e não só na secretaria de Internacionalização ou órgão equivalente, que devem incluir coordenadores de curso, direção de centros, alta administração, secretarias e pró-reitorias.

O entrevistado BR2 citou que as ações de Internacionalização estão presentes no PDI na instituição, mas em que muito casos a Internacionalização está presente de forma implícita, e que é necessário interpretar o que está declarado para que se entenda que a Internacionalização está presente naquele item.

Foi ressaltado ainda pelo entrevistado, a criação de um comitê de Internacionalização, onde estão contidos os dez secretários, e os sete pró-reitores da instituição “b”. Foi criado com o intuito de discutir e mostrar a importância da Internacionalização para a instituição “b”. Por meio desse comitê que ocorreu a discussão e criação do Plano de Internacionalização. Com isso a Internacionalização ficará mais explícita para todos da instituição “b”. Nesse documento ressaltou que serão planejadas ações de curto, médio e longo prazo, onde também estarão estipulados indicadores que servirão para controlar o progresso da Internacionalização. Segundo o entrevistado, o controle dos indicadores ocorrerá por um programa que mostrará o progresso e será alimentado pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente.

De acordo com o entrevistado BR2 esse Plano de Internacionalização seguirá o direcionamento do Ministério da Educação. Ressalta também que o incentivo do governo, por meio de programa CAPES PRINT, faz com que a Internacionalização ganhe importância e destaque na instituição “b”.

Em relação às iniciativas de criar uma cultura de Internacionalização já estavam sendo colhidos os frutos como demonstra o entrevistado quando falou que está sendo realizado um concurso para técnicos administrativos e que existe a exigência que falem alguma língua estrangeira; no caso pode optar por inglês ou espanhol.

Outra iniciativa foi na parte de extensão em que estão sendo realizados cursos de verão e de inverno, que geralmente são ministrados em língua estrangeira com preferência para o inglês. A criação do catálogo de matérias em língua inglesa também ressaltou o crescimento da importância da Internacionalização para a instituição “b” de acordo com o entrevistado BR2.

Assim o entrevistado destacou que essas ações estão sendo cada vez mais aparentes e frequentes devido à criação do comitê de Internacionalização e também do incentivo que tem sido feito para que a Internacionalização ocorra, não só pela instituição “b” como por diversas partes do governo brasileiro.

O entrevistado BR2 citou que estão criando um regimento interno da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente para que as decisões sejam orientadas e padronizadas. Além disso, foi elaborando a resolução da Internacionalização, pois atualmente estão recorrendo à resolução da graduação quando necessitam de alguma orientação sobre estudantes internacionais. Destacou que os estudantes internacionais devem ser tratados da mesma maneira que os estudantes ditos como regulares da instituição.

De acordo com o entrevistado, a secretaria de relações internacionais não possuía orçamento específico destinado pela instituição, porém possui algumas verbas provenientes de convênios com programas de mobilidade ou com outras instituições. Segundo ele, quando é necessária alguma verba específica para elaboração, por exemplo, de um edital de bolsas é necessário requisitar a verba especificamente para isso. Entretanto a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente recebe do MEC que é chamado Plano de Desenvolvimento das Universidades que serve para cobrir as despesas da secretaria ou órgão equivalente. O entrevistado BR1 citou perceber que a cultura de Internacionalização é algo que ainda é novo e que não irá acontecer de uma hora para outra. Atualmente foram realizadas pequenas ações de Internacionalização que em conjunto auxiliarão na criação e incentivo da cultura de Internacionalização da instituição.

A seguir foram analisadas as dimensões de Ensino, Pesquisa e Extensão juntamente com seus objetivos e metas em relação ao que foram realizados de acordo com os entrevistados BR1 e BR2.

Quadro 17 - Ações de Internacionalização dimensão ensino instituição “b”

Quadro 17 - Ações de Internacionalização dimensão ensino instituição “b”

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
Ensino	Institucionalizar ações inovadoras nos projetos pedagógicos em todos os níveis de ensino	Fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente;	<ul style="list-style-type: none"> •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Curso de línguas estrangeiras; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Política de mobilidade pós-graduação e de graduação; •A mobilidade estudantil é incentivada por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos. 	<ul style="list-style-type: none"> •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Curso de línguas estrangeiras; Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •A validação de disciplinas é realizada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente.

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
	Estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação)	Colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição “b” ⁸ ;	<ul style="list-style-type: none"> ●Recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação; ●Recepção dos estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação; ●Incentivos para conhecer a dimensão internacional; ●Cursos de português para estrangeiros; ●Curso de línguas estrangeiras; ●Oferta de disciplinas em outras línguas. 	<ul style="list-style-type: none"> ●Recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação; ●Recepção dos estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação; ●Incentivos para conhecer a dimensão internacional; ●Cursos de português para estrangeiros; ●Curso de línguas estrangeiras; ●Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; ●Criação de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras;

⁸ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
				<ul style="list-style-type: none"> ●Fornecem cursos de línguas para docentes e técnicos; ●Sinalização no campus em língua estrangeiras; ●Realizam eventos para que estudantes, docente e técnicos conheçam dimensão internacional; ●Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros; ●Existem agentes da Internacionalização em todos os campus.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Na dimensão Ensino da instituição “b” existiam dois objetivos relacionados à Internacionalização. Cada um deles com uma meta relacionada. Assim o primeiro objetivo a ser analisado foi institucionalizar ações inovadoras nos projetos pedagógicos em todos os níveis de ensino, com sua meta de fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente; interinstitucional estudantil e docente. Em relação ao segundo objetivo de estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação) e sua meta de colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição “b”.

Sobre o primeiro objetivo e a meta de fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente; interinstitucional estudantil e docente os entrevistados BR1 e BR2 fazem algumas afirmações sobre o que está sendo realizado para o seu cumprimento. O ponto inicial que tem relação com essa meta e foi destacado pelos entrevistados BR1 e BR2 foi a oferta de disciplinas em outras línguas que podem ser um incentivo a realizar mobilidade, além de incentivar os estudantes a realizarem cursos de línguas estrangeiras. Um ponto também ressaltado pelos entrevistados foi quando falam que existem cursos extracurriculares de línguas estrangeiras e que são pagos, mas a valores de baixo custo e ressaltam que os estudantes que se encontram inseridos na lista de estudantes de vulnerabilidade econômica da instituição ganham isenção na inscrição desses cursos.

Igualmente, de acordo com os entrevistados BR1 e BR2 a oferta de curso de línguas estrangeiras pela instituição pode ser considerada um incentivo à mobilidade. O entrevistado BR2 ressaltou que a instituição “b” tem o curso de Inglês sem fronteiras e que inclusive são aplicados exames do TOEFL ITP, porém ainda não atingem tantos estudantes quando gostariam. No sentido dos cursos de língua estrangeiras foi difícil a divulgação dos mesmos. São divulgados nos murais e site da instituição, no site e no Facebook da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente. No entanto, muitos ainda desconhecem a existência dos cursos.

O entrevistado BR2 citou que pretendem fazer cursos mais voltados à Internacionalização de como escrever um abstract, como escrever um artigo acadêmico, tradução, curso de como atender ao telefone em inglês, espanhol, francês e alemão e curso de conversação, por meio de parcerias.

Outra forma de fomento, segundo os entrevistados BR1 e BR2 pode ser que os estudantes ao retornar devem apresentar suas experiências no exterior em um seminário ou encontro. No caso dos estudantes de pós-graduação, de acordo com o entrevistado BR1, geralmente esse conhecimento é incorporado nos próprios grupos de pesquisa e estudos. Em relação aos professores que retornam do pós-doc, apesar de ter o relatório de pós-doc, são incentivados pelos centros e departamentos a realizarem a divulgação dos conhecimentos adquiridos através de uma palestra, se não para o seu grupo de pesquisa. Nesse sentido, dentro do Plano de Internacionalização, foi criada uma política de retorno, em que os indivíduos que saem da instituição precisam dar o retorno para ela.

Ainda de acordo com os entrevistados BR1 e BR2, como forma de incentivar a mobilidade, a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece auxílio e apoio para estudantes que querem realizar mobilidade, no sentido de orientá-los, preparar documentação, provas de proficiência, recursos e relatórios.

O entrevistado BR1 afirmou que a mobilidade é incentivada por meio da política de mobilidade da pós-graduação e graduação. Os programas de mobilidade disponibilizados pela instituição "b", o incentivo foi realizado pela divulgação dos editais e das oportunidades de realizar.

Segundo o entrevistado BR1 também houve fomento por meio dos projetos políticos-pedagógicos e que existe a oportunidade de realização de mobilidade a partir de certa fase/módulo dos cursos de graduação.

Em relação à validação de disciplina o entrevistado BR2 citou que foi organizado o segundo colóquio de Internacionalização da instituição "b" para falar sobre a Internacionalização com foco no currículos e validação de disciplinas, para que isso ocorra de forma efetiva porque até então não estava ocorrendo. O estudante que realiza mobilidade deve e pode ter sua disciplina cursada incluída em seu currículo com o nome em língua estrangeira.

O outro objetivo relacionado à Internacionalização é estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação) e sua meta colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição "b". Assim algumas ações relacionadas pelos entrevistados têm relação com o cumprimento dessa meta e serão relacionadas abaixo.

Os entrevistados BR1 e BR2 citaram que existe a recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes de graduação estrangeiros. A recepção é programada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente ocorre de forma coletiva com a presença do reitor ou vice-reitor da instituição “b”. É realizada a integração entre todos os estudantes intercambistas.

Segundo o entrevistado BR2 trouxeram mais informações na recepção dos estudantes estrangeiros como divulgação dos cursos oferecidos pelo centro de desportos e divulgação dos cursos de português para estrangeiros, entre outros. Nessa recepção também é realizada a orientação sobre moradia, segurança e orientações no geral, em relação à matrícula dos estudantes internacionais, de acordo com o entrevistado BR2 é realizada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente.

Em relação aos estudantes da pós-graduação não existe um dia específico para sua recepção deles. Foi afirmado pelos entrevistados BR1 e BR2 que a recepção ocorre dentro do próprio programa de pós-graduação ou pelo grupo de pesquisa. O entrevistado BR2 disse que esse é um ponto que necessitam melhorar, pois até pouco tempo a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente não possuía o controle desses estudantes e agora pretendem organizar a recepção dos estudantes estrangeiros da pós-graduação.

No sentido de conhecer a dimensão internacional, foram ressaltados pontos pelos dois entrevistados. O entrevistado BR1 citou que existem incentivos e isso também contribui para a integração dos estudantes estrangeiros. Sobre isso o entrevistado BR2 ressaltou a realização do segundo colóquio de Internacionalização na instituição “b” para falar sobre a Internacionalização com foco no currículos e validação de disciplinas.

Os eventos começaram no ano de 2018 e querem promover mais no ano de 2019, de acordo com o entrevistado BR2. Esse citou que os eventos contribuem bastante e que foram eventos direcionados para estudantes, técnico administrativo, e para professor, mas que no geral todos podem participar. Ressaltou que com os eventos pode ocorrer a mudança de cultura e que todos da instituição ganha com essa mudança.

O entrevistado BR2 afirmou que querem inserir os estudantes internacionais nos eventos relacionados à cultura brasileira e regional, porém ainda estão em negociação.

Sendo assim, existem cursos de português para estrangeiros para que ocorra a interação dos estudantes ditos como regulares da instituição

“b”. É necessário que possuam o domínio de línguas estrangeiras, o que é facilitado pelos cursos de línguas oferecidos para ambos.

A instituição “b”, de acordo com os dois entrevistados, oferta disciplinas ministradas em língua estrangeiras. Segundo o entrevistado BR2 possuem um catálogo com essas disciplinas que facilitam a consulta pelos estudantes estrangeiros. Estão disponíveis cursos de línguas na instituição como já citado no item acima; porém o entrevistado BR2 ressaltou que para que ocorra um melhor suporte a esses estudantes é necessário maior treinamento dos técnicos que são responsáveis por essa parte. Citou que pretendem realizar cursos de conversação, de como atender ao telefone principalmente para técnicos que lidam diretamente com os estrangeiros, como técnico que trabalha na recepção dos estudantes, técnicos dos programas de pós-graduação e chefes de expediente. É necessário um diálogo mais próximo para que ocorra essa oferta. Estão em busca de parcerias para isso. O domínio de línguas é importante principalmente na pós-graduação que para serem programas de excelência precisam ser internacionalizados.

Além disso, os cursos de línguas também auxiliam os professores a aprenderem línguas para que posteriormente possam ministrar as disciplinas em língua não nativa.

Ainda como modo de colaborar com a integração dos estudantes internacionais, a instituição tem sinalização nos campi trilingue, português, inglês e espanhol, segundo o entrevistado BR2. A escolha das línguas ocorreu de acordo com o entrevistado, pois o Brasil tem uma posição de liderança na América do Sul e se faz necessário assumir essa posição e valorizar a Internacionalização SUL-SUL, mas realizando não somente esse tipo de Internacionalização.

Em relação ao conhecimento dos estudantes internacionais o entrevistado BR2 citou que o conhecimento é valorizado da forma como gostariam. Destacou que alguns participam de feira, seminários, eventos culturais, mas que ainda deixa a desejar. No Plano de Internacionalização foram traçadas algumas diretrizes nesse sentido para possam cada vez mais valorizar esses estudantes e proporcionar um pouco mais de conhecimento para a instituição “b”.

O cargo de agente da Internacionalização dos campi foi criado quando o entrevistado BR2 entrou no cargo. Os agentes são geralmente um professor ou um técnico administrativo. Esses agentes estão em contato constante com a alta gestão da Internacionalização, recebem treinamento constante e estão participando do Plano de Internacionalização.

A seguir foram analisadas a dimensão de pesquisa juntamente com seus objetivos e metas em relação ao que foram realizados de acordo com os entrevistados BR1 e BR2.

Quadro 18 - Ações de Internacionalização dimensão pesquisa instituição “b”

Quadro 18 - Ações de Internacionalização dimensão pesquisa instituição “b”

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ⁹	Incrementar ações e projetos de cooperação internacional;	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Curso de línguas estrangeiras; •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •A Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação; •Política de mobilidade pós-graduação e de graduação; 	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Curso de línguas estrangeiras; •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Diminuição do número de convênios e acordos internacionais; •Estão tentando implementar a obrigatoriedade de validação de disciplinas.

⁹ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
			<ul style="list-style-type: none"> •A mobilidade estudantil é incentivada por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos. 	
		<p>Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade;</p>	<ul style="list-style-type: none"> •A Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação; •Política de mobilidade da graduação e pós-graduação; •Fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> •Diminuição do número de convênios e acordos internacionais; •Realizam eventos para que estudantes, docentes e técnicos conheçam a dimensão internacional; •Divulgação de editais de mobilidade.
		<p>Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em eventos internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não soube informar.

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
		Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional;	<ul style="list-style-type: none"> •Registro das publicações dos docentes. 	<ul style="list-style-type: none"> ••Registro das publicações dos docentes.
		Incentivar o intercâmbio internacional do corpo docente e programas de dupla titulação e de cotutela;	<ul style="list-style-type: none"> • Existem políticas de incentivo a internacionalização; •Oferta de disciplinas em outras línguas. 	<ul style="list-style-type: none"> •Existem políticas de incentivo a internacionalização; •Oferta de disciplinas em inglês; •Divulgação de editais de mobilidade.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Em relação à dimensão pesquisa um dos objetivos é relacionado a Internacionalização que foi ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b”. Para o cumprimento desse objetivo foram traçadas cinco metas que possuem relação com a Internacionalização. A primeira meta é incrementar ações e projetos de cooperação internacional. A segunda é fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade. A terceira meta relacionada é fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos. A quarta é ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional e, por fim, incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela.

Sobre a meta de incrementar ações e projetos de cooperação internacional, os entrevistados BR1 e BR2 destacaram a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente auxilia os estudantes com orientações, como realizar, documentações necessárias, seguros. Os entrevistados ainda destacaram a oferta de cursos de línguas estrangeiras em duas modalidades no programa idiomas sem fronteiras e na modalidade de curso extracurricular. Esse segundo de baixo custo e com isenção para estudantes de vulnerabilidade financeira. BR1 e BR2 ainda salientaram a oferta de disciplinas em língua estrangeira que podem ser um modo de incentivar as ações e cooperação internacional.

Quanto aos eventos podemos considerar ainda a divulgação das experiências dos estudantes de instituição que retornam da mobilidade e realizaram palestras sobre suas experiências. A mobilidade foi destacada, por ambos os entrevistados, como forma de fomentar a cooperação, seja na divulgação de editais, das possibilidades ou das experiências vivenciadas no exterior; todas essas são agentes do incentivo à cooperação que pode se tornar de alta complexidade.

O entrevistado BR1 ressaltou um ponto relacionado Internacionalização estava presente nos projetos de pesquisa e inovação, ou seja, já existe a inserção dessa dimensão dentro dos próprios projetos o que faz com que a Internacionalização seja promovida. Na mesma direção a política de mobilidade da graduação e da pós-graduação e sua divulgação, eventos e projeto político pedagógico como já detalhado, são formas de incentivar a Internacionalização.

Curiosamente o entrevistado BR2 citou que houve a diminuição do número de convênios e acordos internacionais. Isso contribuiu para a Internacionalização da instituição. O fato ocorreu devido a diminuição

contribuir para que aumentasse a qualidade dos convênios existentes e que não houvesse renovação nos convênios sem atividades.

Ainda sobre essa meta, o entrevistado destacou a implementação da obrigatoriedade de validação de disciplinas por meio do Plano de Internacionalização que ainda está em fase de aprovação, porque até então muitos estudantes realizavam a mobilidade, mas não validavam ou não tinham a inclusão da disciplina com o nome original em língua estrangeira.

Para a meta de fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade. De acordo com o entrevistado BR1 a Internacionalização no cerne dos projetos de pesquisa e inovação e por si só já incentiva a cooperação, principalmente a de alta complexidade. O entrevistado BR1 destacou a política de mobilidade da graduação e da pós-graduação e sua divulgação, eventos e projeto político-pedagógico como já detalhado, pode ser considerada uma forma de incentivar a Internacionalização.

Os entrevistados BR1 e BR2 citaram que a instituição “b” possui diversos acordos de cooperação, entretanto o entrevistado BR2 destacou que ocorreu a diminuição do número de convênios e acordos internacionais para que houvesse o aumento da qualidade ou em vez de quantidade. Segundo BR2 convênios não frutíferos deixaram de ser renovados.

Em relação aos eventos, ganham força no ano de 2018, mas o plano é aumentar em 2019, segundo o entrevistado BR2. Ressaltou que os eventos são direcionados para docentes, discentes e técnicos, porém a participação é livre, assim acredita que ocorrerá a fortificação e modificação na cultura de Internacionalização institucional, que pode ser entendido como um modo de fomentar a meta.

Ainda sobre a segunda meta o entrevistado BR2 destacou a divulgação dos editais para mobilidade que ocorrem por newsletter, páginas do Facebook da instituição, sites e e-mails que pode ser considerada uma ação para cumprir essa meta.

Sobre o fomento da participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos, o entrevistado BR2 não informou sobre ações para o cumprimento dessa meta durante sua entrevista. O entrevistado BR1 citou que há o incentivo à participação em eventos internacionais, e que isso ocorre por meio de disponibilização de verbas e de editais para auxiliar e incentivar a participação.

Em relação à quarta meta de ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional, tanto o entrevistado BR1 quanto o entrevistado BR2 citaram que ocorre o controle das publicações realizadas pelo corpo docente. Já o entrevistado BR2 destacou que o registo ocorre pela pró-reitoria de pós-graduação e que com a criação do Plano de Internacionalização e o controle dos indicadores, a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente irá acompanhar esses dados de forma mais próxima. O entrevistado BR1 ressaltou a importância e a necessidade desse registo. O entrevistado BR2 destacou a importância e controle dos dados para o preenchimento dos rankings das universidades.

No sentido da meta de incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela. Os entrevistados BR1 e BR2 citaram que existem políticas de incentivo à Internacionalização como apoio para ir a eventos, realização de mobilidade, disciplinas em línguas estrangeiras, incentivo a realizar publicações internacionais entre outros, podem ser vistos como incentivos ao intercâmbio internacional. Já o entrevistado BR2 ainda acrescentou que existem os editais de mobilidade e que esses foram amplamente divulgados como em mídias sociais, páginas da instituição, e-mails e newsletters.

Por fim, foi citado pelos entrevistados o ensino de línguas estrangeiras que servem como modo de fomento de todas as iniciativas de Internacionalização, seja para técnicos, docentes ou discentes. Além do incentivo de conhecer a dimensão internacional que também incentiva à Internacionalização.

A seguir foram analisadas a dimensão de extensão juntamente com seus objetivos e metas em relação ao que foram realizados de acordo com os entrevistados BR1 e BR2.

Quadro 19 - Ações de Internacionalização dimensão extensão instituição “b”

Quadro 19 - Ações de Internacionalização dimensão extensão instituição “b”

Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistado BR1	Entrevistado BR2
Extensão	Promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária	Incentivar e apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais;	<ul style="list-style-type: none"> •Existem políticas de incentivo a internacionalização. 	<ul style="list-style-type: none"> •Existem políticas de incentivo a internacionalização; • Apoio a mobilidade de técnicos administrativos.
	Ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade	Fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais;	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
		Realizam a valorização do conhecimento adquiridos em mobilidade técnico e conselhos externos, em âmbito estadual, nacional e internacional.	<ul style="list-style-type: none"> •Não soube informar. 	<ul style="list-style-type: none"> •Não soube informar.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Para a dimensão extensão do PDI da instituição “b” existem dois objetivos relacionados à Internacionalização. O primeiro deles é promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária com sua meta de incentivar apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais. O segundo objetivo é ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade e relacionados à Internacionalização existe duas metas: fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais e incentivar e facilitar a participação dos servidores da instituição “b” em comitês de assessoramento técnico e conselhos externos, em âmbito estadual, nacional e internacional.

Em relação ao objetivo promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária relacionado com a meta de incentivar com sua meta de apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais os entrevistados citaram algumas ações que estão relacionadas. Os dois entrevistados citaram que existem políticas de incentivo à Internacionalização como apoio financeiro para ir a eventos tanto para docentes, discentes e técnicos, a possibilidade de realizar mobilidade, disciplinas ministradas em línguas estrangeiras e incentivo a realizar publicações internacionais.

No sentido da mobilidade o entrevistado BR2 destacou que ocorreu um aumento do número de vagas para técnicos realizarem mobilidade e que atualmente são disponibilizadas de 6 a mais vagas para realização de mobilidade na América do Sul. Atualmente disponibilizam 4 vagas para programas de mobilidade para Europa que podem ser para técnicos administrativos.

No sentido de cumprir o segundo objetivo, a primeira meta relacionada à Internacionalização é fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais. Os entrevistados citaram que a instituição possui acordos e cooperações internacionais. Como forma de fomentar a extensão, destacada pelos dois entrevistados, existe a divulgação dos conhecimentos dos estudantes que realizaram mobilidade para os seus colegas, por meio de palestra, seminários e eventos. Os professores fazem pós-doc devem realizar uma palestra ou divulgar sua experiência para o grupo de pesquisa que participam. Como modo de incentivar o retorno do conhecimento

adquirido em mobilidade foi criada a política de retorno no Plano de Internacionalização, mas o Plano ainda precisa de aprovação e divulgação.

Ressalta-se a fala do entrevistado BR2 destacando a diminuição da quantidade para que pudessem aumentar a qualidade e excluindo os convênios que não possuíam atividades.

Sobre a última meta realizam a valorização dos conhecimentos adquiridos em mobilidade no âmbito estadual, nacional e internacional, nenhum dos dois entrevistados informou alguma ação que auxiliasse no cumprimento dessa meta e de seu respectivo objetivo.

Ainda como forma de incentivar a dimensão extensão da instituição foi citado pelos dois entrevistados o ensino de línguas estrangeiras em duas modalidades, por meio do Idiomas sem fronteiras e cursos extras de línguas estrangeiras que têm baixo custo e isenção para os vulneráveis financeiramente. Além disso, existe o incentivo de conhecer a dimensão internacional que contribui para a Internacionalização da instituição “b”.

Em seguida foi realizada a análise das entrevistas dos sujeitos da Instituição “c” ressaltando os pontos ligados à Internacionalização.

4.4.3 Instituição “c”

A instituição para fins dessa pesquisa denominada “c” possuía políticas, diretrizes, objetivos e estratégias do PDI relacionadas com a Internacionalização analisadas na seção anterior. Desse modo, a seguir foram analisado o que está planejado em relação ao que está sendo efetivado.

No caso da instituição “c” o secretário de relações internacionais ou cargo equivalente indicou um técnico administrativo que está lotado na secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente para que respondesse a pesquisa.

Como pergunta introdutória da entrevista se questionou aos entrevistados sobre seu conhecimento sobre a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Nesse sentido o entrevistado CR1 forneceu a seguinte resposta:

A gente está familiarizado, mesmo porque se nós não conhecermos e não estivermos familiarizados de Internacionalização, corremos um sério risco de termos os nossos conceitos oficiais, realmente suprimidos. Então a gente está bem familiarizado com a questão da Internacionalização, sabemos da

importância e da qualidade que isso traz para a formação dos nossos acadêmicos e também para, vamos dizer assim, reciclagem dos nossos professores e técnicos.

Dessa forma o entrevistado CR1, nome fictício, disse estar familiarizado com o termo Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Ressalta que sem esse conhecimento dos termos seus conceitos e por consequência suas metas relacionadas à Internacionalização ficariam defasadas. Ressaltou que sabem da importância da Internacionalização e a qualidade que isso gera para os estudantes e também para a mudança e renovação dos professores e técnicos. Sendo assim está consciente que a Internacionalização modifica a instituição como um todo e que isso traz qualidade; e por isso é importante realizá-la e conhecê-la.

Já o entrevistado CR2 quando questionado sobre os conhecimentos sobre os termos destaque não conhecer o termo especificamente, porém quando mencionado o conceito citou que:

[...] estamos dentro dessa Internacionalização abrangente, já que a Internacionalização dentro da instituição “c”¹⁰, ela é inserida inclusive no plano de gestão, então é um dos objetivos.

O entrevistado CR2 apesar de não possuir conhecimento do termo Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), depois que mencionado o conceito diz que é praticado dessa forma na instituição “c”. Porém o entrevistado CR2 destacou que a instituição “c” está ciente que a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) existe e precisa ser realizada; entretanto não conhecia a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) com essa nomenclatura.

Assim destacam que na instituição “c” estão realizando a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) e que como destacado no conceito apresentado a Internacionalização encontra-se presente no Plano de Gestão então é um objetivo da instituição, além de estar incluso no PDI da mesma com políticas, diretrizes, objetivos e metas.

Destaca-se o fato de os entrevistados CR1 e CR2 citarem que possuem representantes da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente nos campi da instituição, e que esses são escolhidos pelos diretores dos centros, o que auxilia na divulgação e na efetivação da Internacionalização da instituição “c”.

¹⁰ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

A seguir foram analisadas as políticas e diretrizes do PDI juntamente com seus objetivos e metas em relação ao que foram realizados de acordo com os entrevistados CR1 e CR2.

Quadro 20 - Ações de Internacionalização políticas instituição “c”

Quadro 20 - Ações de Internacionalização políticas instituição “c”

Políticas	Diretrizes	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
Institucionais	Contribuir para a viabilização da meta do PNE, cuja finalidade é o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão;	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em Inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Aumento da mobilidade; •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; •Programa de BUDDY; •Orientação estudantes estrangeiros.

Políticas	Diretrizes	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
Ensino de Graduação	Consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil;	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em Inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Aumento da mobilidade.
Pesquisa	Desenvolvimento de pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional;	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Oferta de disciplinas em inglês; •Criação do escritório Study USA; •Programa de mobilidade PRINT PG; 	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Oferta de disciplinas em inglês; •Criação do escritório Study USA; •Aumento da mobilidade;

Políticas	Diretrizes	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
		<ul style="list-style-type: none"> •Relações estreitas com instituições internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; •Programa de BUDDY.
Pós-graduação	<p>Promoção de cursos de pós-graduação stricto sensu, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional;</p>	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; • Oferta de disciplinas em inglês; •Criação do escritório Study USA; •Programa de mobilidade PRINT PG; •Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros. 	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Oferta de disciplinas em inglês; •Criação do escritório Study USA; •Aumento da mobilidade; •Programa de BUDDY; •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros.
	<p>Viabilização da Meta do PNE, a fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem a Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o</p>	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; 	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade;

Políticas	Diretrizes	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
	fortalecimento de grupos de pesquisa;	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta de disciplinas em inglês; • Criação do escritório Study USA; • Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta de disciplinas em inglês; • Criação do escritório Study USA; • Aumento da mobilidade; • Programa de BUDDY; • Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

As políticas relacionadas à Internacionalização no PDI da instituição “c” são as institucionais, ensino de graduação, pesquisa e pós-graduação. Para a política institucional foi traçada uma diretriz relacionada à Internacionalização que é contribuir para a viabilização da meta do PNE, cuja finalidade é o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão. Na política de ensino de graduação foi elaborada uma diretriz de consolidar e ampliar os programas de mobilidade estudantil. Já na política de pesquisa a diretriz foi para desenvolver as pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional. Por fim a política de pós-graduação tem duas diretrizes. A primeira foi a de promover os cursos de pós-graduação stricto sensu, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional. A segunda foi viabilizar as Meta do PNE, a fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem à Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa.

Em relação a política institucional e suas metas os entrevistados CR1 e CR2, relacionada a meta ressaltaram o programa PROME que disponibiliza doze bolsas para cursos de graduação, sendo uma por centro de ensino, para custear mobilidade por seis meses, que inclui passagem ida e volta e uma bolsa em euros ou dólares por mês. Os entrevistados destacaram a oferta de disciplinas em inglês tanto para a graduação quanto para pós-graduação em diversos centros e cursos da instituição, que de acordo com os entrevistados fomenta a mobilidade nos dois sentidos. Ainda no sentido dessa meta a divulgação da mobilidade por meio dos editais, newsletter e divulgamos nos centros, por meio do edital em que a transparência é absoluta.

No sentido da mobilidade os estudantes que querem fazer são orientados pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente ou pelos braços de Internacionalização dos centros de ensino para preparar a documentação para realizar mobilidade, assim como orientações, se os estudantes necessitam de orientações quando então em mobilidade o trabalho também é realizado. Segundo o entrevistado CR2 foi disponibilizado no site da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente, um roteiro para orientar o estudante sobre os passos que precisa para realizar mobilidade. São realizados atendimentos por e-

mail, e ressalta que hoje os estudantes são muito conscientes sobre a mobilidade.

Os entrevistados CR1 e CR2 destacaram a criação do escritório Study USA na instituição “c” que é tanto para estudantes da instituição quanto para de fora nos níveis de graduação e pós-graduação para realização de intercâmbios nos Estados Unidos, os entrevistados acreditam que isso intensificará a mobilidade.

De acordo com CR1 e CR2 muitos estudantes divulgam suas experiências para seus colegas e isso é outra forma de incentivar a mobilidade. Além disso, os estudantes precisam fazer todo um processo de relato de como foram as atividades que realizou e as disciplinas, socializando com os seus pares. Isso é realizado em um evento específico em cada um dos centros, já que centros são separados por área de conhecimento.

CR1 ainda salientou que alguns professores possuem relações estreitas com instituições internacionais, como instituições da Suécia e Alemanha e até que alguns estudantes estão colocados dentro de empresas nesses países além de realizar a mobilidade.

Ainda sobre essa meta o entrevistado CR2 relatou que apesar da crise financeira e a quantidade de bolsas não ser o ideal, que ocorreu um aumento do número de mobilidade estudantil, porque alguns estudantes custeiam a mobilidade por conta própria.

Além disso, o programa de Buddy foi relatado pelo entrevistado CR2 como forma de fomentar a troca de conhecimentos entre estudantes da instituição e estudantes estrangeiros. Os estudantes da instituição “c” são designados por um técnico da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente. Auxiliam os estudantes estrangeiros no dia a dia, como questões relacionadas a moradia, transporte. Além disso os entrevistados destacaram que é realizado o Welcome Day para esses estudantes estrangeiros, também são fornecidas orientações antes e depois de sua chegada à instituição. Assim os estudantes não ficam desamparados.

Relacionada à política de ensino de graduação e sua meta de consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil, os entrevistados CR1 e CR2 apresentaram ações semelhantes a meta institucional. São elas, o programa Prome que disponibiliza uma bolsa por centro para mobilidade da graduação para o período de 6 meses, custeando passagens e uma bolsa mensal em dólares ou euros.

Outro ponto destacado pelos entrevistados foi a oferta de disciplinas em inglês que, segundo eles, fomenta a mobilidade nos dois sentidos, assim como a divulgação das oportunidades de mobilidade por meio dos editais, newsletter e divulgação nos centros.

Foi citado pelos entrevistados a orientação que a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente, ou agentes nos centros de ensino oferecem aos estudantes que querem realizar mobilidade, seja de forma pessoal, por e-mail ou pelas orientações disponibilizadas em sua página, informações sobre documentação e instituições, entre outros.

No mesmo sentido citou que a criação do escritório Study USA na instituição “c” foi estímulo para realização de mobilidade estudantil em nível de graduação e pós-graduação. Por fim foi citada pelos dois entrevistados a valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade, que devem relatar suas experiências em um evento específico que ocorre nos campi.

CR1 ainda salientou que alguns professores têm relacionamento com instituições da Suécia e Alemanha. Além disso, o entrevistado CR2 acrescentou o aumento da mobilidade mesmo com a crise econômica do país.

Em seguida a política de pesquisa e sobre a meta de desenvolvimento de pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional. Os entrevistados CR1 e CR2 destacaram a transmissão dos conhecimentos dos estudantes que realizam intercâmbio, por meio de eventos em seus centros, assim como a oferta de disciplinas em inglês e a criação do escritório Study USA que podem incentivar a mobilidade.

O entrevistado CR1 destacou a criação do programa PRINT PG, que é para professores de cursos de pós-graduação de alto impacto se habilitarem fazendo um período de mobilidade em instituições que possuem convênio e a intensão foi que passe a ser uma via de mão dupla. CR1 ainda salientou que alguns professores possuem relações estreitas com instituições internacionais, como instituições da Suécia e Alemanha.

Já o entrevistado CR2 evidenciou que houve um aumento da mobilidade estudantil, possivelmente devido às iniciativas para fomentar a mesma. No sentido dos estudantes estrangeiros destaca que ocorreu diversificação das nacionalidades dos estudantes estrangeiros, em função principalmente do ensino de disciplinas em inglês, pois anteriormente não conseguiam atrair esses estudantes. Destacou ainda o programa de Buddy, em que estudantes da instituição “c” se candidatam para auxiliar os estudantes estrangeiros.

Para a política de pós-graduação e suas metas de promoção de cursos de pós-graduação stricto sensu, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional e viabilização da Meta do PNE, a

fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem a Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa.

Os entrevistados salientaram, relacionados com a meta, que a secretaria de relações internacionais fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade, a oferta de disciplinas em inglês e a criação do escritório Study USA como forma de estimular a mobilidade, sendo as disciplinas em inglês a mobilidade bilateral.

CR1 ressaltou o programa de mobilidade Print PG para professores de programas de pós-graduação de conceitos na CAPES 4 ou maior possam realizar mobilidade de curta duração para instituições conveniadas e aos poucos querem tornar bilateral. O entrevistado ainda destacou a valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros no sentido do compartilhamento dentro dos grupos de pesquisa e em sala de aula.

O entrevistado CR2 chamou atenção para o aumento da mobilidade dos estudantes da instituição “c”, mas com poucas bolsas, a seguir o programa de Buddy para que estudantes da instituição acompanhem e orientem os estudantes estrangeiros no dia a dia e por fim a diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros, devido às disciplinas ministradas em inglês, segundo CR2.

Algo importante destacado pelo entrevistado CR2 foi que para a mobilidade estudantil da pós-graduação não existem bolsas institucionais, apesar de incentivarem que realizem.

Os entrevistados CR1 e CR2 destacaram que na instituição “c” ainda não há incentivo nem na graduação quanto pós-graduação, também não ensino de idiomas estrangeiros devido a não terem cursos de línguas na instituição. Entretanto o entrevistado CR1 ressaltou que estão tentando realizar parcerias com outras instituições locais e com o escritório Study USA para o ensino principalmente de inglês.

CR1 e CR2 ainda ressaltaram que estão conscientes que a internacionalização não é só mobilidade, quanto mais mobilidade estudantil, porém atualmente o foco do PDI é intensificar a questão da mobilidade, embora seja algo básico é ainda muito importante para a instituição “c”.

A seguir foram analisadas as políticas e diretrizes do PDI juntamente com seus objetivos e estratégias em relação ao que foram realizados de acordo com os entrevistados CR1 e CR2.

Quadro 21 - Ações de Internacionalização objetivos instituição “c”

Quadro 21 - Ações de Internacionalização objetivos instituição “c”

Objetivos	Estratégias	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando ao aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área.	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição do número de convênios e acordos internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
	Ampliação da participação de professores em atividades no exterior, por meio do Novo Proeven (Edital Proint).	<ul style="list-style-type: none"> • Edital Proeven. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não soube informar.
	Ampliação do número de universidades conveniadas.	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição do número de convênios e acordos internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
	Ofertar disciplinas em inglês.	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta de disciplinas em Inglês. 	<ul style="list-style-type: none"> • Oferta de disciplinas em Inglês
	Criação e regulamentação da emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de Pós-graduação.	<ul style="list-style-type: none"> • Não soube informar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela.
	Criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente.	<ul style="list-style-type: none"> • Não soube informar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de uma resolução específica de

Objetivos	Estratégias	Entrevistado CR1	Entrevistado CR2
			duplo-diploma e cotutela.
	Ampliação de bolsas de mobilidade internacional (Prome), disponibilizando uma vaga anual por curso.	•Programa de mobilidade PROME.	•Programa PROME
	Participação de técnicos em eventos no exterior.	•Não foi possível cumprir.	•Não foi possível cumprir.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Para o cumprimento das políticas e diretrizes descritas no PDI da instituição “c” relacionados à Internacionalização foram traçados um objetivo e oito metas. O objetivo foi promover ações que buscam a Internacionalização da universidade, com as metas, indicadas a seguir. A primeira foi viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando o aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área. A segunda é a ampliação da participação de professores em atividades no exterior, por meio do Novo Proeven (Edital Print). A terceira foi a ampliação do número de universidades conveniadas e a quarta é ofertar disciplinas em inglês. A seguir estava a meta de criação e regulamentar a emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de pós-graduação, juntamente com a meta de criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente. A seguir estava a meta de ampliar as bolsas de mobilidade internacional (Prome), disponibilizando uma vaga anual por curso e por fim fomentar a participação de técnicos em eventos no exterior.

Sobre a primeira e a terceira meta que estava respectivamente de viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando o aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área e ampliação do número de universidades conveniadas. O entrevistado CR1 ressaltou que a instituição “c” possui convênios com mais de 70 instituições que oportuniza o aluno a fazer essa mobilidade por conta própria, não só pelo edital PROME. Destaca que foi incentivado aos docentes que tenham relacionamento com as instituições estrangeiras. O entrevistado CR1 salientou que houve uma época em que assinavam muitos convênios e que muitos não prosperavam, e que por esse motivo atualmente não focam na quantidade de acordo e sim, fazê-los com qualidade.

Ainda acerca dos convênios de cooperação, apesar do fato de citarem que estão focando na qualidade dos convênios, tanto o entrevistado CR1 quando o entrevistado CR1 destacaram que ainda não possuem o controle da efetividade de o quanto os acordos de cooperação estão contribuindo, mas o entrevistado CR2 ressaltou que sabem se os convênios ou acordo possuem atividade. Alguns possuem mais impacto do que outros na Internacionalização da instituição “c”. Outro fato citado

pelos entrevistados foi que não possuem o controle das publicações realizadas dentro desses acordos.

O entrevistado CR2 ressaltou que conseguiram atrair estudantes de outros países, que não só Portugal e da América Latina, pois anteriormente havia a dificuldade devido principalmente ao idioma.

Em relação a meta de ampliação da participação de professores em atividades no exterior, por meio do Novo Proeven (Edital Proint), o entrevistado CR1 citou que o corpo docente tem 10 saídas para eventos para o campus como todo. A forma de conceder as bolsas é por edital, que usa um processo de pontuação. O entrevistado citou que essa ação é muito ligada a CAPES e aos critérios da CAPES. Sobre essa meta o entrevistado CR2 não forneceu qualquer informação.

No sentido da quarta meta de ofertar disciplinas em inglês, os dois entrevistados ressaltaram que conseguiram atingir. Os entrevistados CR1 e CR2 afirmaram que são ministradas não só na graduação como na pós-graduação e que estão se expandindo para todos os centros de ensino. Ainda foi citado pelo entrevistado CR1 que o ensino de disciplinas em inglês estimula o processo de Internacionalização, principalmente da mobilidade estudantil nos dois sentidos. Entretanto CR1 destacou que não existe incentivo para o aprendizado de línguas estrangeiras, mas que estão tentando realizar parcerias com outras instituições e com o escritório STUDY USA para ministrar cursos, principalmente de inglês.

A sexta e a sétima meta estão extremamente ligadas e são respectivamente criação e regulamentação da emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de pós-graduação e criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente. Sobre a criação da regulamentação o entrevistado CR1 não forneceu nenhuma informação, mas o entrevistado CR2 destacou que foi criada uma resolução através da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente e que alguns projetos já estão sendo firmados para que sejam criados os programas de cotutela e dupla-titulação.

Em relação a meta de ampliar as bolsas de mobilidade internacional do Programa Prome e passar a disponibilizar uma vaga anual por curso, tanto o entrevistado CR1 quanto o CR2 citaram que não foi possível a ampliação do programa. O programa Prome atualmente disponibiliza doze bolsas para mobilidade estudantil de graduação, um por centro de ensino, para custar mobilidade por seis meses, os estudantes recebem pelo programa passagem ida e volta e uma bolsa em euros ou dólares por mês.

No sentido da participação de técnicos em eventos no exterior, os dois entrevistados citaram que não foi possível cumprir essa meta, devido principalmente aos cortes de verba em função da crise financeira.

A seguir foi realizada a análise das estratégias das Universidades Públicas de Santa Catarina à luz da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

4.5 ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO À LUZ DE HUDZIK (2011)

Para cumprir o objetivo específico “c” procedeu-se a análise das estratégias planejadas e ações de internacionalização realizadas à luz da teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Com base no que foi analisado no objetivo específico “b” analisou-se a estratégias contidas no Plano de Desenvolvimento Institucional dos objetos da pesquisa, juntamente com os dados coletados em as entrevistas dos selecionados de cada instituição.

As categorias de classificação das estratégias de Internacionalização foram criadas de acordo com as unidades da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), são elas:

- Comitê institucional;
- Liderança administrativa, estrutura e pessoal;
- Currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem;
- Políticas e práticas docentes;
- Mobilidade estudantil;
- Colaboração e parcerias.

Para efeito dessa análise existiam algumas estratégias e metas que poderiam se encaixar em mais de uma categoria. A classificação ocorreu de forma que a estratégia ou meta fosse enquadrada na categoria que melhor se adequava a ela.

4.5.1 Instituição “a”

Com base nos dados que foram coletados da instituição “a” visando cumprir os objetivos específicos, abaixo estão apresentados os desafios, objetivos, metas e dimensões, juntamente com o que foi apresentado pelo entrevistado AR1 de ações de Internacionalização, classificando cada um deles de acordo com as unidades apresentadas na teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011)

Quadro 22- Classificação da Estratégia de fomento a ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação de Internacionalização da instituição “a”

Unidade	Desafio	Objetivos	Metas 2013	Entrevistado AR1
Colaboração e parcerias	Fomento às Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.	Cooperação com Portugal e países do Mercosul;	●Não foi realizado.
Colaboração e parcerias	Fomento às Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.	Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.	●Não foi realizado.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Em relação ao desafio de fomentar as Ações de Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-graduação e o objetivo de institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul, foram traçadas duas metas no ano de 2013 para seu cumprimento, cooperação com Portugal e países do Mercosul e Institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do Mercosul.

A primeira delas é a cooperação com Portugal e países do Mercosul que se encaixa na unidade de colaboração e parcerias apresentada por Hudzik (2011). A segunda meta para cumprir o desafio e objetivo da instituição “a” é efetivamente institucionalizar programas de cooperação com diversos países, com ênfase para Portugal e países do MERCOSUL também se encaixa na unidade de colaboração e parcerias. Em relação à execução dessa meta, o entrevistado AR1 ressaltou que não houve qualquer ação para que desafio, objetivos e metas fossem colocados em prática.

Acerca dessa unidade a literatura é essencial para as instituições realizar parcerias e colaboração internacionais e essas fornecem experiências de internacionalização aos seus discentes e docentes, assim como aumenta a visibilidade da instituição. Desse modo o valor das colaborações a parcerias está cada vez mais elevado, mas para que ocorram é necessário que o campus seja um ambiente internacional, e ao resolver problemas ou realizar pesquisas seja incentivado que se busquem parcerias internacionais. As parcerias e colaborações devem ser planejadas, ter objetivos, metas e expectativas, alinhados com a estratégias e recursos financeiros da instituição (HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Sendo assim a instituição “b” realizou o planejamento de suas ações, cooperações e parcerias alinhadas aos objetivos da mesma. Foi incentivando que os problemas e pesquisas sejam solucionados em parcerias internacionais, pois os desafios proporcionados são para ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação. Porém a instituição não citou informações sobre o planejamento das parcerias com objetivos, metas e expectativas.

Em seguida foram apresentadas as dimensões e objetivos da instituição “a” juntamente com a fala do entrevistado e a classificação segundo a unidade que melhor se encaixa.

Quadro 23 – Classificação da Estratégia de graduação e pesquisa de Internacionalização da instituição “a”

Quadro 23 – Classificação da Estratégia de graduação e pesquisa de Internacionalização da instituição “a”

Unidade	Dimensão	Objetivos	Entrevistado AR1
Colaboração e parcerias	Políticas da Pós-graduação	Favorecer a cooperação e a inserção dos pesquisadores da instituição “a” no âmbito nacional e internacional, bem como sua participação em redes de pesquisa;	<ul style="list-style-type: none"> ●A instituição possui estudantes em mobilidade; ●Editais de bolsas; ●Recebimento de estudantes de mobilidade;
Colaboração e parcerias	Políticas da Pós-graduação	Promover a cooperação com instituições nacionais e internacionais e o intercâmbio de professores e estudantes;	<ul style="list-style-type: none"> ●Possui estudantes alemães interessados em fazer mobilidade; ●Existe diálogo com a Universidad Nacional de Misiones na Argentina, Universidad de la República Uruguay e Universidad de la Empresa;
Colaboração e parcerias	Políticas de Pesquisa	Fortalecer a pesquisa enquanto atividade coletiva e interdisciplinar, promovendo a interlocução, o debate e a cooperação dos pesquisadores dos diferentes campi e com outras instituições;	<ul style="list-style-type: none"> ●Proposta de melhorar o nível de línguas estrangeiras dos professores e estudantes de pós-graduação;
Colaboração e parcerias	Políticas de Pesquisa	Potencializar a formação de pesquisadores por meio de parcerias, intercâmbios e acordos de cooperação com outras instituições de ensino e de pesquisa, nacionais e estrangeiras.	<ul style="list-style-type: none"> ●Criação de uma rubrica nos projetos para tradução de artigos; ●Verba para tradução dos sites da pós-graduação e das revistas institucionais.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Em relação a dimensão política da pós-graduação e os objetivos de favorecer a cooperação e a inserção dos pesquisadores da instituição “a” no âmbito nacional e internacional, bem como sua participação em redes de pesquisa, e a meta de promover a cooperação com instituições nacionais e internacionais e o intercâmbio de professores e estudantes na teoria de Hudzik (2011) relaciona-se com a unidade de colaboração e parcerias.

No sentido das políticas de pesquisa e seus objetivos de fortalecer a pesquisa enquanto atividade coletiva e interdisciplinar, promovendo a interlocução, o debate e a cooperação dos pesquisadores dos diferentes campi e com outras instituições e de potencializar a formação de pesquisadores por meio de parcerias, intercâmbios e acordos de cooperação com outras instituições de ensino e de pesquisa, nacionais e estrangeiras. Ambos estão relacionados à unidade de colaboração e parcerias também.

Para execução das metas relacionadas acima foram tomadas as seguintes ações de mobilidade dos estudantes da instituição, divulgação das bolsas de mobilidade e recebimento de estudantes internacionais. Existe interesse de estudantes alemães em realizar mobilidade para a instituição, possuem diálogo com instituições de países vizinhos, tem propostas de melhorar o nível de línguas estrangeiras na pós-graduação, possuem uma rubrica para tradução de artigos, e tem uma verba destinada à tradução de sites institucionais.

Para a o cumprimento das metas as ações não estão necessariamente relacionadas com as colaborações e parcerias, mas as ações estão sendo feitas no sentido de cumprir as metas.

Relacionado com as metas acima citadas a literatura destaca que a colaboração oferece práticas internacionais para docentes e discentes, melhoria do currículo e a visibilidade da instituição, além de aumentar a receita. Entretanto para que a colaboração seja efetivada o ambiente dos campi deve ser internacional, as políticas devem apoiar a solução de problema e a realização de pesquisas internacionais. Ainda para as parcerias e cooperações é necessário o estudo de línguas, que demanda um corpo docente comprometido. Porém segundo os autores as parcerias e colaborações devem ser planejadas e ter objetivos, metas e expectativas alinhados com a estratégia da instituição e determinar recursos financeiros e de pessoal para sua realização (HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Desse modo a cooperação internacional inicialmente ocorre com a qualificação dos docentes e discentes de todos os níveis no exterior, que pode ocorrer com a concessão de bolsas no exterior como modo de

começar as parcerias. Além da realização da mobilidade é necessário o reconhecimento dos créditos realizados no exterior o que liga os currículos das duas instituições. As colaborações e parcerias em um nível mais sofisticado geram produções e pesquisas científicas em conjunto, porém para que isso ocorra são necessários grupos de pesquisa dos dois lados da parceria e cooperação (MOROSINI, 2011).

Entretanto é errado pensar que quanto mais parcerias ou colaborações a instituição tiver mais prestígio e mais atraente será, porém existe um número máximo de parcerias e colaboração que a instituição pode se beneficiar porque são necessários verbas e recursos humanos para que estejam ativos (KNIGHT, 2011).

Assim a instituição “a” pretendeu inserir seus pesquisadores no âmbito internacional e em redes de pesquisa, que é reafirmado pela literatura que pode ser obtido com cooperação e parcerias. Também se destaca em consonância com a teoria, a realização de mobilidade de estudantes e professores. Do mesmo modo que querem realizar a troca de experiências, realizar pesquisas, trocar informações e publicações com parcerias internacionais, o que é confirmado pelos autores do tema.

A instituição está tentando planejar sua Internacionalização, porém não citou se estão estipulando objetivos, metas e expectativas como foi citado pelo entrevistado AR1, mas ressaltou que irão controlar se a cooperação ou parceria está ativa.

Para o cumprimento das metas foram realizadas as ações que podem ser relacionadas com a teoria que são a mobilidade dos estudantes que é um estágio inicial das colaborações e parcerias, assim como fornece as experiências internacionais como é reafirmado pelos autores. Ainda relacionado à mobilidade são concedidas bolsas que fazem parte das verbas destinadas à Internacionalização, também como modo de iniciar as parcerias e colaborações e como forma de tornar os campi mais internacionais como foi citado na literatura.

Como ação foi ressaltado o recebimento de estudantes de mobilidade e o interesse de estudantes alemães em ir para a instituição “a”. Os dois são inerentes as parcerias e colaborações, o que pode ser confirmado pela literatura, e com o aumento do prestígio da instituição que deve ocorrer com o aumento das parcerias maior será o número de estudantes que irá atrair.

Em relação a fazer parcerias e colaborações a instituição “a” possui diálogo com as instituições Universidad Nacional de Misiones na Argentina, Universidad de la República Uruguay e Universidad de la Empresa que podem resultar em acordos.

Foram citadas as ações de tentar melhorar o nível de línguas estrangeiras dos docentes e discentes da pós-graduação, que é uma ação que deve ser realizada para a efetivação e realização de colaboração e parcerias como afirmado na literatura.

A seguir a ação de criação de uma rubrica dos projetos para tradução de artigos, desse modo a produção de artigos internacionais é um ponto relacionado como essencial para a parcerias e colaboração. Mas também com os artigos traduzidos, a instituição ganha visibilidade internacionalmente e pode atrair e realizar mais parcerias e colaborações.

Relacionado com esse, com a atração e realização de parcerias está a ação de disponibilização de verbas para a tradução dos sites de revistas institucionais e da pós-graduação.

Por fim é interessante destacar a fala do entrevistado AR1 em relação a algumas iniciativas da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). Mesmo desconhecendo o termo, ao ser apresentando para sua definição o entrevistado destacou que na instituição “a” a internacionalização nunca foi pensada como iniciativa e ações isoladas e que sempre imaginaram de forma a envolver toda a instituição, apesar de a internacionalização da instituição estar em um estágio inicial quando comparada com outras.

Ainda salientou que o setor de Internacionalização não deve servir somente para realização de mobilidade e ser algo separado da instituição. O entrevistado entende que a Internacionalização deve ser efetivada por meio de diversas ações e englobará todos os seus setores.

AR1 evidenciou que sabe que a Internacionalização deve fazer parte dos objetivos, políticas e princípios da universidade e planejamento da instituição. Entretanto o entrevistado AR1 destacou que a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente foi criado em função do programa Ciência sem Fronteiras, mas não havia planejamento e que esse só iniciou no ano de 2015. Assim a Internacionalização da instituição “a” efetivamente e de forma planejada iniciou recentemente.

O entrevistado ainda ressaltou que possuem uma verba específica para a internacionalização advinda da instituição que realizam o planejamento no ano anterior e que recebem a aprovação de um valor específico que deve ser destinado para o que foi planejado. Destaca ainda que recebem uma verba do MEC para a internacionalização da instituição “a”

Em seguida foi realizada a análise dos dados obtidos da instituição “b” com a pesquisa à luz da teoria de (Hudzik, 2011).

4.5.2 Instituição “b”

De acordo com o exposto e os dados coletados da instituição “b” com visando alcançar os objetivos específicos dessa pesquisa, a seguir são explicitados as dimensões, objetivos e metas contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional e os dados obtidos pelas entrevistas com os sujeitos selecionada da Instituição “b”. Em seguida realizou-se a classificação seguindo as unidades expressas na teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

Em seguida foi apresentada a dimensão de ensino, seus objetivos e metas da instituição “b” relacionado com a Internacionalização juntamente com a fala dos entrevistados e a classificação segundo a unidade que melhor se encaixa.

Quadro 24 – Classificação da Estratégia de Ensino de Internacionalização da instituição “b”

Quadro 24 – Classificação da Estratégia de Ensino de Internacionalização da instituição “b”

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
Mobilidade estudantil	Ensino	Institucionalizar ações inovadoras nos projetos pedagógicos em todos os níveis de ensino	Fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente;	<ul style="list-style-type: none"> •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Curso de línguas estrangeiras; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Política de mobilidade pós-graduação e de graduação; •A mobilidade estudantil é incentivada por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos; •A validação de disciplinas é realizada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente.

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
Mobilidade estudantil	Ensino	Estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação)	Colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição “b” ¹¹ ;	<ul style="list-style-type: none"> •Recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação; •Recepção dos estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação; •Incentivos para conhecer a dimensão internacional; •Cursos de português para estrangeiros; •Curso de línguas estrangeiras; •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Criação de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras; •Fornecem cursos de línguas para docentes e técnicos; •Sinalização no campus em língua estrangeiras; •Realizam eventos para que estudantes, docente e técnicos conheçam dimensão internacional;

¹¹ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
				<ul style="list-style-type: none"> • Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros; • Existem agentes da Internacionalização em todos os campi.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

No sentido da dimensão ensino, objetivando institucionalizar ações inovadoras nos projetos pedagógicos em todos os níveis de ensino, com meta de fomentar iniciativas institucionais que promovam a mobilidade interinstitucional estudantil e docente, estão relacionadas com a unidade de mobilidade estudantil de Hudzik (2011). De acordo com os entrevistados foram realizadas as seguintes ações: oferta de disciplinas em línguas estrangeiras, curso de línguas estrangeiras, valorização do conhecimento adquiridos em mobilidade, auxílio da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente orientando os estudantes para preparo de documentações para realizar mobilidade, política de mobilidade pós-graduação e de graduação, incentivo a mobilidade por meio da divulgação, eventos e projeto político-pedagógico dos cursos, validação de disciplinas realizadas em mobilidade.

Na mesma direção está o objetivo de estabelecer uma política de acolhimento, acompanhamento e apoio pedagógico aos discentes (graduação e pós-graduação) com a meta de colaborar para a integração acadêmica de estudantes estrangeiros matriculados na instituição, favorecendo a Internacionalização com qualidade nos cursos de graduação e pós-graduação da instituição “b”, que também está relacionada à categoria de mobilidade estudantil. Assim as ações relacionadas a essa meta foram salientadas pelos entrevistados são a recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação, recepção dos estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação, incentivo para conhecer a dimensão internacional, cursos de português para estrangeiros, curso de línguas estrangeiras, oferta de disciplinas em outras línguas, criação de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras, cursos de línguas para docentes e técnicos, sinalização no campus em língua estrangeiras, realização de eventos para que estudantes, docente e técnicos conheçam dimensão internacional, valorização do conhecimento dos estudantes internacionais e agentes da Internacionalização em todos os campi.

Acerca da unidade da mobilidade estudantil a teoria afirma que a mobilidade estudantil deve ocorrer tanto para os estudantes da instituição quanto para estudantes provenientes de outros países. Devem ser elaborados programas de reingresso para os estudantes da instituição e orientação que auxiliem a adaptação dos estudantes para aumentar o aprendizado e auxiliar na transmissão dos conhecimentos adquiridos no exterior. Alguns pontos devem ser realizados como a validação dos créditos obtidos no exterior, concessão de bolsas de mobilidade de estudantes, programas de auxílio acadêmico e social para auxiliar na

interação dos estudantes estrangeiros com todos da instituição (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Além disso, a mobilidade acadêmica ajuda na experiência e aprendizagem ativa da Internacionalização, que deve ocorrer dentro e fora do campus. Desse modo a aprendizagem pode ocorrer com experiências com culturas diferentes, sistema de valores, diferentes formas de pensamento, trabalho e vivência. Porém em muitas instituições os estudantes estrangeiros são excluídos e por esse motivo devem ser realizadas ações de integração deles com a instituição, e também para que ocorra a interculturalidade, a transmissão de conhecimentos, entre outros (HUDZIK, 2011; (KNIGHT, 2011).

Assim a instituição “b”, corroborando com a literatura, realiza ações de incentivo à mobilidade por meio da oferta de bolsas, da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos e política de mobilidade da graduação e pós-graduação. Além disso, a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade. No sentido da validação de disciplinas, essa é realizada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente.

Como modo de incentivar a mobilidade e a interação com os estudantes estrangeiros, segundo a teoria, são ofertadas disciplinas em línguas estrangeiras, curso de línguas estrangeiras, cursos de português para estrangeiros e o incentivo a conhecer a dimensão internacional.

Para os estudantes estrangeiros no campus são realizadas algumas iniciativas a integração e interação, que estão alinhadas com a literatura. São elas a recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação e pós-graduação, existência de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras, que os auxilia na escolha e conhecimento das matérias que podem cursar em língua estrangeiros.

Para melhorar a interação e o fornecimento de informações são ofertados cursos de línguas para docentes e técnicos, realizam eventos para que estudantes, docente e técnicos conheçam dimensão internacional, existe sinalização no campus em língua estrangeiras e existem agentes da Internacionalização em todos os campi que auxiliam nesse contato e interação, caso necessário.

Por fim os conhecimentos tanto dos estudantes estrangeiros quanto dos da instituição que realizam mobilidade são valorizados e transmitidos para os interessados da instituição, por meio de diferentes iniciativas, que é algo abordado na literatura sobre o tema.

A seguir foi explicitada a dimensão da pesquisa juntamente com seus objetivos e metas da instituição “b” relacionado com a Internacionalização juntamente com a fala dos entrevistados e a classificação segundo a unidade que melhor se encaixa.

Quadro 25 - Classificação da Estratégia de pesquisa de Internacionalização da instituição “b”

Quadro 25 - Classificação da Estratégia de pesquisa de Internacionalização da instituição “b”

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ¹²	Incrementar ações e projetos de cooperação internacional;	<ul style="list-style-type: none"> •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Curso de línguas estrangeiras; •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •A Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação; •Política de mobilidade pós-graduação e de graduação; •A mobilidade estudantil é incentivada por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos;

¹² O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
				<ul style="list-style-type: none"> •Diminuição do número de convênios e acordos internacionais; •Estão tentando implementar a obrigatoriedade de validação de disciplinas.

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ¹³	Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade;	<ul style="list-style-type: none"> ●A Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação; ●Política de mobilidade da graduação e pós-graduação; ●Fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais; ●Diminuição do número de convênios e acordos internacionais; ●Realizam eventos para que estudantes, docentes e técnicos conheçam a dimensão internacional; ●Divulgação de editais de mobilidade.
Políticas e práticas docentes	Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ¹⁴	Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos	<ul style="list-style-type: none"> ●Participação em eventos internacionais.

¹³ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

¹⁴ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
			internacionais para apresentação de trabalhos;	
Colaboração e parcerias	Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ¹⁵	Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional;	<ul style="list-style-type: none"> •Registro das publicações dos docentes.
Colaboração e parcerias	Pesquisa	Ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” ¹⁶	Incentivar o intercâmbio internacional do corpo docente e programas de dupla titulação e de cotutela;	<ul style="list-style-type: none"> •Existem políticas de incentivo a internacionalização; •Oferta de disciplinas em línguas estrangeiras; •Divulgação de editais de mobilidade.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

¹⁵ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

¹⁶ O nome da Universidade foi substituído como modo de manter a confidencialidade da pesquisa.

Para dimensão da pesquisa em relação a unidade colaboração e parcerias estão os objetivos de ampliar a Internacionalização das atividades da instituição “b” e as metas de fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade; a segunda de fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos. A terceira meta é ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional e por fim a meta de incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela.

As ações tomadas para que essas metas fossem atingidas foram realizados incentivo à mobilidade estudantil por meio de bolsas, por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos e da política de mobilidade da graduação e pós-graduação. Ainda como forma de incentivar a mobilidade que gera parcerias e colaborações são ofertadas disciplinas em línguas estrangeiras e cursos de línguas. No mesmo sentido a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade. Também atuam na valorização dos conhecimentos dos estudantes que realizam mobilidade, e estão tentando implementar a obrigatoriedade de validação de disciplinas. Ressaltam a importância do controle de publicações internacionais dos docentes.

Como forma de fomento a realização de colaboração e parceria, a Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação, e o fomento à cooperação por meio de convênios institucionais internacionais, porém houve a diminuição do número de convênios e acordos internacionais para que houvesse maior qualidade ao invés de quantidade. Do mesmo modo realizam eventos para que estudantes, docentes e técnicos conheçam a dimensão internacional, incentivam a participação em eventos internacionais e existem políticas de incentivo à internacionalização.

Relacionada a isso, a literatura destaca que as colaborações e parcerias podem proporcionar experiências para discentes e docentes como melhoria do currículo, melhoria da visibilidade da Instituição regional e globalmente. Desse modo as colaborações estão cada vez mais valorizadas. Entretanto para que ocorram o corpo docente precisa de perspectivas e oportunidades no exterior, um ambiente do campus internacional e políticas que favoreçam as pesquisas e solução de problemas em parcerias internacionais (HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

As parcerias inicialmente proporcionam a qualificação dos acadêmicos no exterior, que pode ser obtida por bolsas de mobilidade, dessa maneira criando parcerias entre as Instituições. Precisam também validar os créditos que foram realizados no exterior. Em nível mais avançado de colaboração, ocorre a produção científica em conjunto das duas Instituições de ensino, mas é necessário que as duas instituições tenham grupos que se conversem e possam efetivar o projeto (MOROSINI, 2011).

Desse modo as parcerias geram uma interligação entre a educação no campus e a aprendizagem internacional; porém exige o ensino de línguas como modo de viabilizar a Internacionalização. Entretanto existe um número máximo de colaborações e parcerias que a instituição pode se beneficiar; pois além do convênio precisa dispender recursos financeiros e humanos. O que ocorre é que o acordo muitas vezes fica somente no papel (HUDZIK, 2011; KNIGHT, 2011).

Corroborando com a literatura, a instituição “b” realizou o incentivo da realização da mobilidade, oferta de disciplinas, e auxílio aos estudantes que querem realizar mobilidade que ajuda na criação e fortalecimento das parcerias e colaborações. Os autores destacaram que o ensino de cursos de línguas é essencial para a viabilização da internacionalização.

A instituição “b” ainda destacou a valorização dos conhecimentos dos estudantes que realizam mobilidade, e estão tentando implementar a obrigatoriedade de validação de disciplinas assim como foi ressaltado pelos autores a importância dessas iniciativas para a Internacionalização. Também existe o controle de publicações internacionais dos docentes, mas não necessariamente as resultantes de colaboração.

Como modo de fomento à efetivação das colaborações e parcerias, a Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação, e criação de colaboração e parcerias. Entretanto ocorreu a diminuição do número de convênios e acordos internacionais para aumentar a qualidade ao invés de visar à quantidade.

Ainda em consonância com a literatura são promovidos eventos para que estudantes, docente e técnicos para que conheçam a dimensão internacional. Também incentivaram a participação em eventos internacionais e existem políticas de incentivo à internacionalização, o que é destacado pela literatura como pontos relevantes para a colaboração e parcerias.

A seguir foi explicitada a dimensão da extensão juntamente com seus objetivos e metas da instituição “b” relacionado com a

Internacionalização juntamente com a fala dos entrevistados e a classificação segundo a unidade que melhor se encaixa.

Quadro 26 – Classificação da Estratégia de extensão de Internacionalização da instituição “b”

Quadro 26 – Classificação da Estratégia de extensão de Internacionalização da instituição “b”

Unidade	Dimensão	Objetivos	Metas	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Extensão	Promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária	Incentivar e apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais;	<ul style="list-style-type: none"> •Existem políticas de incentivo a internacionalização; •Apoio a mobilidade de técnicos administrativos.
Colaboração e parcerias	Extensão	Ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade	Fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais;	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais; •Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
Colaboração e parcerias	Extensão	Ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade	Realizam a valorização do conhecimento adquiridos em mobilidade técnico e conselhos externos, em âmbito estadual, nacional e internacional.	<ul style="list-style-type: none"> •Não soube informar.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Para a dimensão de extensão foi traçado o objetivo de promover aprimoramento contínuo das ações e estimular propostas inovadoras de interação comunitária, com a meta de incentivar e apoiar os projetos e programas das diversas competições acadêmicas, bem como apoiar iniciativas de cooperação e redes de projetos interinstitucionais, esses estão relacionados com a unidade de colaboração e parceria da teoria de Hudzik (2011). As ações tomadas para realizar a meta foram as políticas de incentivo à internacionalização e o apoio à mobilidade de técnicos administrativos.

Em relação à unidade de colaboração e parceria está o segundo objetivo de ampliar e melhorar as ações de interação com os setores organizados da sociedade, com as metas de fomentar a extensão por meio de intercâmbios e de redes de cooperação interinstitucionais, e realizam a valorização do conhecimento adquiridos em mobilidade técnica e conselhos externos, em âmbito estadual, nacional e internacional.

Para a primeira meta foram realizadas as ações de valorização dos conhecimentos adquiridos em mobilidade, fomento à cooperação por meio de convênios institucionais internacionais e a diminuição do número de convênios e acordos internacionais. Para o segundo objetivo não souberam informar ações que foram realizadas para o seu cumprimento.

As colaborações e parcerias, de acordo com os autores, estão cada vez mais valorizadas, pois fornecem aos discentes e docente melhoria do currículo e da visibilidade da instituição. Entretanto ressaltam que as colaborações e parcerias requerem um planejamento estratégico que contenha objetivos, metas e expectativas em relação aos estudantes e devem estar de acordo com a missão e prioridades da IES, tendo em consideração recursos financeiros e de pessoal (AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Entretanto os créditos realizados no exterior devem ser validados na instituição de origem. Desse modo o currículo das instituições se torna interligado, proporcionando a aprendizagem internacional, mas deve ter o suporte e comprometimento dos docentes. Porém foi ressaltado que existe um número limite de parcerias que a instituição pode se beneficiar, pois os acordos não são só assinar contratos, mas também deve-se dispor de recursos financeiros e humanos (HUDZIK, 2011; KNIGHT, 2011, MOROSINI, 2011).

Corroborando com a literatura a instituição realizou o incentivo da mobilidade por meio de política que estão em consonância com os objetivos organizacionais, realiza o fomento das colaborações e parcerias internacionais. A instituição “b” ainda apoia a mobilidade dos técnicos administrativos que pode auxiliar na efetivação dos convênios e valoriza

a incorporação dos conhecimentos adquiridos em mobilidade que é um modo de manter as parcerias. Por fim em acordo com os autores a instituição “b” diminuiu a quantidade de parcerias internacionais como forma de concentrarem-se nos que possuem atividade e dando mais qualidade.

Os entrevistados da instituição “b” destacaram a criação de um comitê de Internacionalização, em que participam os dez secretários, e os sete pró-reitores da instituição; por meio desse comitê estão discutindo o Plano de Internacionalização da instituição, onde estarão estipuladas ações de curto, médio e longo prazo, com indicadores para medir o progresso, que é algo destacado na literatura sobre Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

A instituição “b” ressaltou que estão fomentando a criação de uma cultura de internacionalização, e que inclusive realizou um concurso para técnicos administrativos e exige que falem alguma língua estrangeira, inglês ou espanhol.

Também estão ministrando cursos de verão e inverno geralmente em língua inglesa, que pode ocasionar maior atração de estudantes estrangeiros para a instituição. Outra iniciativa na parte de extensão, está a realização de cursos de verão e de inverno, que geralmente são ministrados em língua estrangeira com preferência para o inglês. A criação do catálogo de matérias em língua inglesa também auxilia no crescimento das colaborações e parcerias.

Porém a secretaria de relações internacionais não possui orçamento específico destinado pela instituição, mas consegue algumas verbas provenientes de convênios com outras instituições e verbas do MEC para que possam cobrir suas despesas. No caso de destinação de bolsas precisam realizar editais específicos para solicitar.

A seguir foi efetuada a análise dos dados obtidos da instituição “c” com a pesquisa à luz da teoria de (Hudzik, 2011).

4.5.3 Instituição “c”

De acordo com os dados apurados da instituição “c” com vistas alcançar os objetivos específicos, desta pesquisa, a seguir estão explicitadas as políticas, diretrizes, objetivos e estratégias, relacionados com as entrevistas dos sujeitos CR1 e CR2 sobre as ações de Internacionalização, classificando cada um deles de acordo com as unidades apresentadas na teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

Quadro 27 – Classificação da Estratégia institucional, graduação, pesquisa e pós-graduação, de Internacionalização da instituição “c”

Unidade	Políticas	Diretrizes	Entrevistados
Mobilidade estudantil	Institucionais	Contribuir para a viabilização da meta do PNE, cuja finalidade é o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão;	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em Inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Aumento da mobilidade; •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; •Programa de BUDDY; •Orientação estudantes estrangeiros.

Unidade	Políticas	Diretrizes	Entrevistados
Mobilidade estudantil	Ensino de Graduação	Consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil;	<ul style="list-style-type: none"> •Programa de mobilidade PROME; •Oferta de disciplinas em Inglês; •Divulgação de editais de mobilidade; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; •Criação do escritório Study USA; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Aumento da mobilidade.
Colaboração e parcerias	Pesquisa	Desenvolvimento de pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional;	<ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade; •Oferta de disciplinas em inglês; •Criação do escritório Study USA; •Programa de mobilidade PRINT PG; •Relações estreitas com instituições internacionais; •Aumento da mobilidade; •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; •Programa de BUDDY.

Unidade	Políticas	Diretrizes	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Pós-graduação	Promoção de cursos de pós-graduação stricto sensu, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional;	<ul style="list-style-type: none"> ●A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; ●Oferta de disciplinas em inglês; ●Criação do escritório Study USA; ●Programa de mobilidade PRINT PG; ●Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros; ●Aumento da mobilidade; ●Programa de BUDDY; ●Diversificação das nacionalidades de estudantes dos estrangeiros.

Unidade	Políticas	Diretrizes	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Pós-graduação	Viabilização da Meta do PNE, a fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem a Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa;	<ul style="list-style-type: none"> ●A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade; ●Oferta de disciplinas em inglês; ●Criação do escritório Study USA; ●Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros; ●Aumento da mobilidade; ●Programa de BUDDY; ●Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

No sentido da política institucional e sua meta de contribuir para a viabilização da meta do PNE atual, cuja finalidade é o intercâmbio científico e tecnológico, nacional e internacional entre as instituições de ensino, pesquisa e extensão, de acordo com a teoria de Hudzik (2011) está ligada com a unidade de mobilidade estudantil. Relacionado a essa meta os entrevistados CR1 e CR2 citaram as ações de internacionalização, divulgação e concessão de bolsas de mobilidade por meio do programa PROME, oferta de disciplinas em Inglês, auxílio com a documentação para estudantes que querem realizar mobilidade, criação do escritório Study USA, valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade, aumento da mobilidade, diversificação de estudantes estrangeiros, programa de BUDDY e orientação estudantes estrangeiros.

A meta de ensino de graduação também está relacionada à consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil e é consolidação e ampliação dos programas de mobilidade estudantil. Seguindo essa meta de acordo com os entrevistados foram feitas as seguintes ações, divulgação e concessão de bolsas de mobilidade por meio do programa PROME, oferta de disciplinas em Inglês, auxílio com a documentação para estudantes que querem realizar mobilidade, criação do escritório Study USA, valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade, aumento da mobilidade.

Sendo assim a literatura aborda sobre a mobilidade estudantil no sentido que essa categoria deve ser considerada tanto para estudantes estrangeiros quanto estudantes da instituição que vão para o exterior. Os estudantes devem transmitir os conhecimentos quando retornam da mobilidade, bolsas devem ser concedidas para realização de mobilidades, deve haver interação entre os estudantes da instituição e os estudantes internacionais. Assim a mobilidade estudantil e docente é essencial para que aconteça a aprendizagem e experiência da Internacionalização, de maneira que aprendizagem ocorra dentro e fora do campus, por meio da mobilidade e da transmissão de conhecimentos (HUDZIK, 2011; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Dessa maneira a instituição inclui tanto estudantes da sua instituição quanto estudantes estrangeiros na instituição “c”, tanto que tem programas para auxiliar os dois lados da mobilidade. Para os estudantes de sua instituição que querem realizar mobilidade existem bolsas disponíveis além de fornecerem auxílio de como realizar, documentos necessários, entre outros. Também valorizam os conhecimentos de seus estudantes que realizam mobilidade.

Além disso, tem disciplinas em inglês que são formas de transmitir conhecimentos, além do programa de Buddy onde o estudante da

instituição auxilia os estudantes estrangeiros no seu dia a dia, que proporciona a aprendizagem dentro do campus. A aprendizagem fora do campus acontece na realização da mobilidade. No sentido da mobilidade docente também foi incentivada.

Por fim ocorreu a criação do escritório Study USA que é um modo de incentivar a mobilidade estudantil nos níveis de graduação e pós-graduação. Ainda foi ressaltado pelos entrevistados destacaram o aumento dos estudantes apesar de terem poucas bolsas para mobilidade estudantil e da crise financeira.

Os entrevistados salientaram que ocorreu a diversificação dos estudantes estrangeiros na instituição, que pode ter ocorrido em função da oferta de disciplinas em inglês em diversos centros e curso de graduação e pós-graduação.

No sentido da política de pesquisa e a meta de desenvolvimento de pesquisas em parceria com empresas e outras instituições nacionais e internacionais de ensino e de pesquisa, por meio de projetos compartilhados que objetivem o desenvolvimento regional, está relacionada com a unidade de colaboração e parcerias de Hudzik (2011). As ações de internacionalização destacadas pelos entrevistados para essa meta foram, a valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade, oferta de disciplinas em inglês, criação do escritório Study USA, programa de mobilidade PRINT PG, relações estreitas com instituições internacionais, aumento da mobilidade, diversificação das nacionalidades de estudantes dos estrangeiros e programa de BUDDY.

Para a política de pós-graduação as metas foram promoção de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, que oportunizem parcerias com universidades e instituições de pesquisa nacionais e internacionais, visando à cooperação interinstitucional e viabilização da Meta do PNE, a fim de consolidar programas, projetos e ações que objetivem a Internacionalização da pesquisa e do pós-graduação brasileiros, incentivando a atuação em rede e o fortalecimento de grupos de pesquisa, que também estão relacionados com a unidade de colaboração e parcerias segundo a teoria da Internacionalização Abrangente de Hudzik (2011). Para realização dessas metas foram implantadas ações tais como a secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade, oferta de disciplinas em inglês, criação do escritório Study USA, programa de mobilidade PRINT PG, valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros, aumento da mobilidade, programa de BUDDY e diversificação das nacionalidades de estudantes dos estrangeiros.

Acerca das colaborações e parcerias, a literatura aponta que proporcionam experiências para estudantes e professores na melhoria do currículo e da visibilidade da Instituição regional e globalmente, o que aumenta a quantidade de parcerias e mobilidade. Desse modo o valor das colaborações está cada vez mais elevado; entretanto para que aconteça a colaboração os docentes precisam de oportunidades no exterior, um ambiente internacional no campus, as políticas devem incentivar que as pesquisas e solução de problemas sejam realizadas em parcerias internacionais (MOROSINI, 2011; HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Porém as parcerias e colaborações precisam ser planejadas estrategicamente com objetivos, metas e expectativas em relação aos estudantes que devem ser alinhados com a missão e prioridades da IES, tendo em consideração recursos financeiros e de pessoal. As colaborações e parcerias inicialmente ocorrem com a qualificação dos acadêmicos no exterior; podem ocorrer por meio de bolsas de mobilidade para docentes e discentes. Também é necessário o reconhecimento das matérias realizadas no exterior, mas isso só ocorre com o comprometimento de toda a instituição, e com o incentivo de comunicação em línguas estrangeiras (MOROSINI, 2011; HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Em consonância com a teoria a instituição “c” realizou a valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade, também ofertam disciplinas em inglês e o programa de BUDDY que auxilia na troca de conhecimentos entre os estudantes estrangeiros e também dos estudantes que realizam mobilidade. Para incentivar a mobilidade e, por consequência da colaboração ocorreu a criação do escritório Study USA, que também ajuda em adquirir conhecimentos internacionais.

Corroborando com a literatura existe o programa de mobilidade PRINT PG que auxilia nas colaborações. A instituição “c” tem relações estreitas com instituições internacionais que ajudam na criação de parcerias, no mesmo sentido ocorreu aumento da mobilidade. Aconteceu a diversificação das nacionalidades de estudantes dos estrangeiros, em função da oferta de disciplinas em inglês.

A seguir foi explicitado o objetivo juntamente com estratégia da instituição “c” relacionado com a Internacionalização juntamente com a fala dos entrevistados e a classificação segundo a unidade que melhor se enquadra.

Quadro 28 – Classificação da Estratégia institucional, graduação, pesquisa e pós-graduação, de Internacionalização da instituição “c”

Unidade	Objetivos	Estratégias	Entrevistados
Colaboração e parcerias	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando ao aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área.	●Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
Políticas e práticas docentes	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Ampliação da participação de professores em atividades no exterior, por meio do Novo Proeven (Edital Proint).	●Edital Proeven.
Colaboração e parcerias	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Ampliação do número de universidades conveniadas.	●Diminuição do número de convênios e acordos internacionais.
Currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem	Promover ações que buscam a	Ofertar disciplinas em inglês.	●Oferta de disciplinas em Inglês.

Unidade	Objetivos	Estratégias	Entrevistados
	Internacionalização da universidade.		
Colaboração e parcerias	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Criação e regulamentação da emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de Pós-graduação.	●Criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela.
Colaboração e parcerias	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente.	●Criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela.
Mobilidade estudantil	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Ampliação de bolsas de mobilidade internacional (Prome), disponibilizando uma vaga anual por curso.	●Programa de mobilidade PROME.
Colaboração e parcerias	Promover ações que buscam a Internacionalização da universidade.	Participação de técnicos em eventos no exterior.	●Não foi possível cumprir.

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

Em relação aos objetivos relacionados à colaboração e parcerias, a primeira é promover ações que buscam a Internacionalização da universidade e as estratégias de viabilização de convênios de cooperação com instituições, notadamente latino-americanas, que guardam excelência em extensão, visando ao aperfeiçoamento teórico-metodológico, bem como a formação de redes extensionistas, com suporte de ferramentas em EAD, além da participação em publicações estrangeiras na área. A segunda estratégia é promover ações que buscam a Internacionalização da universidade e a estratégia de ampliação do número de universidades conveniadas. A terceira é a criação e regulamentação da emissão de duplo-diploma entre as IES conveniadas internacionalmente nos programas de pós-graduação. A quarta é criação e regulamentação da ação de cotutela entre as IES conveniadas internacionalmente. E por fim está a meta de participação de técnicos em eventos no exterior que segundo as entrevistas não foi realizada.

As ações realizadas para o cumprimento das estratégias foram diminuição do número de convênios e acordos internacionais; e a criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela.

De acordo com a literatura, as colaborações e parcerias são essenciais nas instituições, ajudam na melhoria do currículo e a visibilidade da instituição globalmente. A cooperação inicialmente se realiza com a qualificação dos acadêmicos, que auxilia na criação de parcerias (MOROSINI, 2011; HUDZIK, 2013; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Assim a criação de mais convênios está ligada com o que a literatura cita, que está relacionado com a criação da resolução sobre dupla-titulação e cotutela.

Em relação às políticas e práticas docentes tem-se a estratégia de ampliação da participação de professores em atividades no exterior por meio do Novo Proeven que pode ser relacionado com a literatura ao citar o desenvolvimento das habilidades internacionais, através de políticas de incentivo a realização de experiências internacionais com financiamento (HUDZIK, 2011; AMERICAN COUNCIL ON EDUCATION, 2018).

Com o apoio da literatura está o Novo Proeven que permite aos docentes realizarem experiências internacionais com incentivo financeiro e desenvolvimento as habilidades internacionais.

Relacionada com a mobilidade estudantil está a estratégia de ampliação de bolsas de mobilidade internacional (Prome), disponibilizando uma vaga anual por curso, que não foi realizada.

Por fim os entrevistados citaram que a internacionalização na instituição “c” está ocorrendo de forma que toda a instituição esteja

envolvida, o que auxilia na implementação da Internacionalização abrangente (Hudzik, 2011).

Os entrevistados citaram o fato de terem representantes da internacionalização em todos os campi da instituição, o que se relaciona com a literatura que citou a criação de um comitê de internacionalização que deve conter integrantes de vários níveis de administração (HUDZIK, 2011). Ainda que em um nível inicial a instituição está entendendo que precisa ser realizada a criação de um comitê.

Relacionado à mobilidade estudantil, apesar de terem bolsas para estudantes de graduação realizarem mobilidade, não há bolsas para estudantes de pós-graduação que é um elemento que prejudica a mobilidade desses estudantes. No mesmo sentido não há o ensino de idiomas estrangeiros, porém estão tentando realizar parcerias para iniciar, o que significa que estão conscientes que necessitam e que é importante o ensino de línguas para a Internacionalização da instituição, o que é apoiado pela teoria.

Os entrevistados destacaram que estão cientes que a internacionalização não é somente mobilidade, porém o foco do planejamento atual é a mobilidade e que isso é muito importante para a instituição “c”.

Por fim os entrevistados destacaram que não possuem orçamento específico para a internacionalização e que a aquisição de verba ocorre por meio de editais quando necessário.

Em seguida foi apresentada uma síntese das ações realizadas pelos objetos da pesquisa, classificando de acordo com as categorias apresentadas pela teoria da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

4.6 SÍNTESE DOS RESULTADOS

A seguir foi apresentada uma síntese das ações de Internacionalização que foram realizadas pelas Universidades objetos da pesquisa e que foram classificados segundo as categorias de análise da Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

Quadro 29 - Síntese dos Resultados

Quadro 29 - Síntese dos Resultados

Categorias de Análise						
Comitê institucional	Liderança administrativa, estrutura e pessoal	Currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem	Políticas e práticas docentes	Mobilidade estudantil	Colaboração e parcerias	
<ul style="list-style-type: none"> •Existem agentes da Internacionalização em todos os campi. 	<ul style="list-style-type: none"> •Apoio a mobilidade de técnicos administrativos; •Existem políticas de incentivo a Internacionalização; •Fornecem cursos de línguas para docentes e técnicos; •Incentivos para conhecer a dimensão internacional; •Realizam eventos para que estudantes, docentes e 	<ul style="list-style-type: none"> •A validação de disciplinas é realizada pela secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente; •Criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela; •Estão tentando implementar a obrigatoriedade de validação de disciplinas; •Oferta de disciplinas em 	<ul style="list-style-type: none"> •Participação em eventos internacionais; •Programa de mobilidade PRINT PG. 	<ul style="list-style-type: none"> •A instituição possui estudantes em mobilidade; •A mobilidade estudantil é incentivada por meio da divulgação, eventos, projeto político-pedagógico dos cursos; •A secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente fornece orientação para preparo de documentações 	<ul style="list-style-type: none"> •A Internacionalização o está presente nos projetos de pesquisa e inovação; •Criação de uma rubrica nos projetos para tradução de artigos; •Criação de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras; •Diminuição do número de convênios e 	

	técnicos conheçam a dimensão internacional.	línguas estrangeiras; <ul style="list-style-type: none"> •Valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros; •Valorização do conhecimento dos estudantes que realizam mobilidade. 		para realizar mobilidade; <ul style="list-style-type: none"> •Criação do escritório Study USA; •Curso de línguas estrangeiras; •Cursos de português para estrangeiros; •Diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; •Divulgação de editais de mobilidade; •Editais de bolsas; •Orientação estudantes estrangeiros; •Política de mobilidade da graduação e pós-graduação; 	acordos internacionais; <ul style="list-style-type: none"> •Existe diálogo com a Instituições de Ensino Superior Estrangeiras; •Fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais; •Programa de BUDDY; •Registro das publicações dos docentes; •Relações estreitas com instituições internacionais; •Sinalização no campus em língua estrangeiras; •Verba para tradução dos sites da pós-graduação e das revistas institucionais.
--	---	--	--	---	--

				<ul style="list-style-type: none"> •Possui estudantes estrangeiros interessados em fazer mobilidade; •Proposta de melhorar o nível de línguas estrangeiras dos professores e estudantes de pós-graduação; •Recebimento de estudantes de mobilidade; •Recepção dos estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação; •Recepção, acompanhamento e auxílio dos estudantes estrangeiros de graduação. 	
--	--	--	--	---	--

Fonte: Elaborada pela autora (2019)

A seguir foram explicitadas as ações de todos os objetos de pesquisa conjuntamente relativas a cada uma das categorias citadas por (Hudzik, 2011). É possível perceber que algumas das categorias possuem mais atividades do que outras. Isso ocorre devido à algumas dessas categorias demandarem menos recursos do que outras e por isso são menos custosas e mais fáceis de serem executadas.

Em relação a categoria de comitê institucional apenas uma ação foi identificada a partir dos dados coletados por essa pesquisa. Existem agentes da Internacionalização em todos os campi, que é um ponto que está relacionado com a teoria. Pode-se notar que essa ação é um passo adiante na Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), pois é uma atividade de maior complexidade quando comparada a outras.

A seguir na unidade liderança administrativa, estrutura e pessoal foram realizadas algumas ações que são: apoio a mobilidade de técnicos administrativos; existência de políticas de incentivo a Internacionalização; oferta cursos de línguas para docentes e técnicos; incentivos para conhecer a dimensão internacional; realização de eventos para que estudantes, docentes e técnicos conheçam a dimensão internacional.

Em relação ao apoio a mobilidade dos técnicos, oferta de cursos de línguas para docentes e técnicos; incentivos para conhecer a dimensão internacional; eventos para que estudantes, docentes e técnicos conheçam a dimensão internacional. Nesse sentido existe um avanço maior em direção ao que é proposto por Hudzik (2011). No item incentivo para a Internacionalização é algo que deve ser realizado que pode englobar ações de todas as categorias.

A categorias currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem é uma das mais difíceis de conseguir realizar mudanças pois para que isso ocorra demanda-se um engajamento de várias frentes que é geralmente muito mais custoso. Porém as universidades investigadas conseguem realizar algumas ações, ainda que muito superficiais. As menos profundas são validação de disciplinas e obrigatoriedade de validação de disciplinas. Em uma fase intermediária tem-se a oferta de disciplinas em línguas estrangeiras, junto com a valorização do conhecimento dos estudantes estrangeiros e dos estudantes que realizam mobilidade, pois essas duas ultimas não são realizadas de forma tão complexa. E, por fim, de forma mais completa a criação de uma resolução específica de duplo-diploma e cotutela que é um grande avanço na Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011).

No sentido das políticas e práticas docentes apenas duas ações foram realizadas, sendo a primeira delas a participação em eventos

internacionais; depois, o programa de mobilidade PRINT PG. O primeiro faz referência a participação dos docentes em eventos internacionais. O último foi na direção de capacitação dos docentes da pós-graduação para a realização de doutoramento e pós-doutoramento.

Para a categoria de mobilidade estudantil foram tomadas inúmeras ações, sendo que essa foi a categoria em que houve mais atividades. Isso ocorre devido principalmente por demandarem poucos recursos quando comparadas as outras categorias. São elas realização e incentivo à mobilidade estudantil; orientação para preparo de documentações para realizar mobilidade por parte da secretaria de relações internacionais ou órgão equivalente; criação do escritório Study USA; oferta de curso de línguas estrangeiras e de português para estrangeiros; diversificação das nacionalidades de estudantes estrangeiros; editais de bolsas; orientação estudantes estrangeiros; estudantes estrangeiros interessados em fazer mobilidade; recebimento de estudantes de mobilidade; proposta de melhorar o nível de línguas estrangeiras dos professores e estudantes de pós-graduação; recepção de estudantes estrangeiros pelos cursos de pós-graduação e graduação.

Sendo assim, as ações realizadas são predominantemente na direção de incentivo a mobilidade, preparação dos estudantes para a sua realização, recebimento, acolhimento e orientação para estudantes estrangeiros, além de preparação do pessoal para receber estudantes e ministrar matérias em língua estrangeira.

Na categoria colaboração e parcerias foram realizadas as seguintes ações: a Internacionalização está presente nos projetos de pesquisa e inovação; criação de uma rubrica nos projetos para tradução de artigos; criação de um catálogo de matérias ministradas exclusivamente em línguas estrangeiras; diminuição do número de convênios e acordos internacionais; existência diálogo com a Instituições de Ensino Superior Estrangeiras; fomento a cooperação por meio de convênios institucionais internacionais; programa de BUDDY; registro das publicações dos docentes; relações estreitas com instituições internacionais; sinalização no campus em línguas estrangeiras; verba para tradução dos sites da pós-graduação e das revistas institucionais.

Essa categoria foi a segunda classificada em relação a quantidade de ações realizadas. Sendo assim as ações se concentraram principalmente em projetos em que a Internacionalização está presente, disponibilidade de matérias em línguas estrangeiras, assinatura e administração de convênios, meios de incentivar a realização de colaborações e parcerias e registro da publicação internacional dos docentes.

Por fim, foram apresentadas as conclusões dessa pesquisa.

5 CONCLUSÕES

A Internacionalização devido a globalização passa a ser uma demanda cada vez mais importante e essencial dentro das Universidades. Aquelas que não acompanharem essa mudança correm o risco de perecerem. Entretanto a Internacionalização não ocorre de uma hora para outra. Há necessidade de ocorrer um planejamento com objetivos, metas, estratégias e prioridades para que seja criada uma cultura de Internacionalização e aos poucos passe a ser algo natural dentro da Universidade.

Esta pesquisa se propôs a analisar como as Universidades Públicas de Santa Catarina desenvolvem suas estratégias de Internacionalização. Para entender como ocorrem foram elaborados três objetivos específicos que serão analisados individualmente.

É possível identificar que todas as instituições objetos dessa pesquisa ainda não estão totalmente inseridas na Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), mas que duas delas, as instituições “b” e “c” possuíam o conhecimento sobre o termo Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) quando questionadas. Entretanto, todas as instituições realizam de uma forma ou outra a Internacionalização. Algumas realizam mais aspectos citados pela Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) do que outras mesmo sem ter total conhecimento do termo.

Nesse sentido todas as instituições estão cientes que a Internacionalização não é somente uma iniciativa unilateral e que é necessário empreender ações em várias frentes. Além disso, salientaram que sabem que a internacionalização não é somente mobilidade acadêmica, mas em no caso das instituições pesquisadas a mobilidade perpassa quase todas as ações de Internacionalização.

Em relação ao objetivo específico “a” de identificar as principais ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina, todas as instituições incluem a Internacionalização em seus Planos de Desenvolvimento Institucional, algumas de forma mais profunda e outras de forma mais sutil. Em relação ao planejamento, a maioria das instituições foca na mobilidade e nas colaborações e parcerias que são categorias destacadas pela literatura.

A instituição “a” em relação ao seu PDI possui metas relacionadas à Internacionalização com foco na mobilidade estudantil e efetivação de colaborações e parcerias com países vizinhos e que falem a mesma língua. Nesse sentido, poucas ações foram planejadas devido a terem iniciado recentemente a Internacionalização na instituição. Além desse fato a

instituição “a” realiza a Internacionalização em consonância com as políticas nacionais de graduação e pós-graduação do governo brasileiro.

Na instituição “b” a Internacionalização já começa inserida na missão e valores contidos no PDI. Também inclui objetivos e metas voltados para à Internacionalização nas políticas de ensino, pesquisa e extensão com foco principalmente na mobilidade acadêmica para dentro e para fora da instituição, assim como no sentido de realizar colaborações e parcerias internacionais. Entretanto há a diversificação em vários sentidos da Internacionalização no seu Plano de Desenvolvimento Institucional.

A instituição “c” assim como a instituição “b” também possui políticas e diretrizes em diferentes direções, mas o foco é na mobilidade acadêmica, colaborações e parcerias internacionais. Ainda no planejamento segue as diretrizes do Plano Nacional da Educação que visa o intercâmbio estudantil na graduação e pós-graduação. Também possui políticas e diretrizes nos outros sentidos das unidades teóricas.

No sentido do objetivo específico “b” de Examinar a eficácia das ações estratégicas de Internacionalização das Universidades Públicas de Santa Catarina, todas as instituições realizam ações de internacionalização no sentido do que planejaram. Algumas não conseguiram cumprir todas as estratégias de Internacionalização planejadas. Assim todas as instituições objetos da pesquisa realizaram ações de internacionalização que não estavam planejadas em seu Planos de Desenvolvimento Institucional.

A instituição “a” não conseguiu cumprir os objetivos relacionados à colaboração e parcerias internacionais, mas conseguiu realizar algumas ações relacionadas à mobilidade, mas ainda é difícil a participação de seus estudantes em função da falta de cultura de Internacionalização. Devido ao recente início da Internacionalização na instituição “a” poucas ações nesse sentido foram realizadas.

A instituição “b” executou a maioria de seus objetivos planejados no PDI, que estão principalmente atrelados à mobilidade acadêmica e colaborações e parcerias, mas também realiza a algumas ações relacionadas as políticas e práticas docentes, comitê institucional e liderança administrativa, estrutura e pessoal e currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem.

A Instituição “c” planejou muitas estratégias relacionadas à mobilidade estudantil e colaborações e parcerias, e algumas iniciativas no sentido de políticas e práticas docentes, comitê institucional e Liderança administrativa, estrutura e pessoal e currículo, co-currículo e resultados

de aprendizagem. Porém o foco está na mobilidade e nas parcerias e colaborações.

Em relação ao objetivo “c” de Analisar a adoção de estratégia de Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011) pelas Universidades Públicas de Santa Catarina, todas as instituições investigadas nesta pesquisa realizam alguma estratégia relacionada a Internacionalização Abrangente.

Desse modo a instituição “a” das três instituições analisadas é a que ainda não realiza a Internacionalização de forma tão abrangente seu foco é na realização de mobilidade acadêmica e colaboração e parcerias, apesar de realizar algumas outras iniciativas no sentido de atração de estudantes internacionais que querem atividades de extensão, que não é muito comum. Isso ocorre devido a sua característica de formação. Como destacado a internacionalização dessa instituição está em seu início por isso são realizadas poucas ações e o planejamento ainda é deficitário.

Na instituição “b” diversificação das estratégias de Internacionalização Abrangente (Hudzik 2011), com ações em cada uma das unidades teóricas, o foco é a mobilidade estudantil e as colaborações e parcerias. Destacou-se a criação do comitê de Internacionalização e do Plano de Internacionalização, do que iniciativas mais avançadas da Internacionalização Abrangentes (Hudzik, 2011) e essenciais para o progresso da Internacionalização de forma abrangente da instituição “b”. Além disso, ocorreu a criação de cargos de agentes da internacionalização nos campi. Também se salienta a diminuição dos convênios internacionais para que ocorresse o aumento da qualidade dos que estão ativos, porque muitos deles só estavam no papel e sem atividade. Por fim, destacou-se o incentivo à criação de programas e dupla-titulação e cotutela que também é um passo além do que realmente se realiza de Internacionalização no Brasil.

A instituição “c” possui iniciavas em todas as unidades teóricas de Hudzik (2011); entretanto nota-se que prioridade atualmente é incrementar a mobilidade estudantil apesar de saberem que a Internacionalização não é somente a mobilidade. Como consequência da mobilidade estudantil as colaborações e parcerias também são visadas na instituição “c”. Ressalta-se que estão presando pela qualidade dos convênios ao invés da quantidade. No sentido da mobilidade apesar de não terem conseguido ampliar seus números de bolsas ocorreu o aumento da mobilidade estudantil. No sentido da colaboração salienta-se a criação de uma resolução de cotutela e dupla-titulação que é um avanço no sentido da internacionalização. Outra iniciativa da instituição “c” é a que possibilitou a abertura do escritório STUDY USA que incentiva a

mobilidade estudantil. Entretanto ressalta-se que não há o ensino de línguas que é essencial para a internacionalização, sendo assim a instituição “c” está tentando ofertar ensino de línguas em parceria.

Em todas as instituições investigadas há tendência de oferecer matérias em inglês para atrair mais estudantes internacionais, assim como o fomento do ensino de línguas estrangeiras.

Todas as universidades investigadas nesta pesquisa ainda não conseguiram atingir totalmente a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011). As instituições pesquisadas conseguem executar algumas ações dentro das unidades teóricas, adaptadas a sua realidade, porém ainda não existe a integração total das estratégias em um sentido único. Ainda algumas das estratégias são mais visadas como a mobilidade estudantil e as colaborações e parcerias; essa segunda em um nível mais inicial, e o comitê institucional, liderança administrativa, estrutura e pessoal, currículo, co-currículo e resultados de aprendizagem, políticas e práticas docentes ainda não são muito trabalhadas pelos objetos dessa pesquisa.

Salienta-se aqui a falta de uma política de Internacionalização no governo brasileiro que possivelmente auxiliaria as Instituições de Ensino Superior do Brasil como um todo a seguirem uma direção única para suas Internacionalizações.

Sendo assim, classificando em nível se mais próxima da Internacionalização Abrangente para a mais distante, a instituição “b” é a que está mais avançada. Já está realizando o planejamento da Internacionalização de forma individual, e também diversifica as suas estratégias de internacionalização de acordo com as unidades de Hudzik (2011).

Depois a instituição “c” possui bastante diversificação no PDI e em suas ações, porém não conseguiu colocar algumas estratégias planejadas em prática, além de não ter um planejamento individual para a Internacionalização.

Por fim a instituição “a” é a que ainda precisa trilhar o caminho mais longo para alcançar a Internacionalização Abrangente (Hudzik, 2011), que como o próprio entrevistado “a” para fins dessa pesquisa ressalta a Internacionalização está apenas iniciando em sua instituição.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; DE WIT, Hans. Internationalisation and Global Tension: Lessons from History. **International Higher Education**, [s.l.], n. 81, p.2-4, 1 maio 2015. Boston College University Libraries. <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2015.81.8726>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8726/7850>. Acesso em: 04 jun. 2018.

ALTBACH, Philip; MIHUT, Georgiana; SALMI, Jamil. International Advisory Councils: A New Aspect of Internationalisation. **International Higher Education**, [s.l.], n. 87, p.14-15, 1 set. 2016. Boston College University Libraries. <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2016.87.9504>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/9504/8469>. Acesso em: 08 abr. 2018.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 205 p.

AMERICAN CONUNCIL ON EDUCATION. **CIGE Model for Comprehensive Internationalisation**. 2018. Disponível em: <http://www.acenet.edu/news-room/Pages/CIGE-Model-for-Comprehensive-Internationalisation.aspx>. Acesso em: 09 ago. 2018.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. 3ª reimp. Da 1ª ed. de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p. (Obra original publicada em 1977)

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.

CAMPOS, Geraldo Adriano Godoy de; LIMA, Manolita Correia. Mobilidade Académica Internacional e a Transformação das Práticas Pedagógicas na Direção da Transculturalidade: a experiência de estudantes originários dos países de língua portuguesa. **Ensino Superior**, [s.l.], p.35-45, 2012. Disponível em: <http://www.snesup.pt/cgi-bin/artigo.pl?id=EFVluuVpypkTbdMblR>. Acesso em: 24 mar. 2018.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa Institucional de Internacionalização: **CAPES PRINT**. 2018a. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-institucional-de-internacionalizacao-capes-print>. Acesso em: 28 jul. 2018.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa de Estudantes-Convênio de Pós-graduação (PEC-PG)**. 2018c. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/pec-pg>. Acesso em: 24 set. 2018.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Resultado final da análise de mérito**: Edital 41/2017 Capes/Print. 2018b. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01102018_EDITAL_41_2017_PrInt_resultado_final.pdf. Acesso em: 19 dez. 2018.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, António. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de Internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, [s.l.], v. 21, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>. Acesso em: 24 mai 2018.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162 p.

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS. Chamadas encerradas. 2018. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/chamadas-encerradas>. Acesso em: 20 jul. 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.

CULVER, Steven M. et al. Collaborative Dual-Degree Programs and Value Added for Students. **Journal Of Studies In International Education**, [s.l.], v. 16, n. 1, p.40-61, 21 abr. 2011. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315311403934>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315311403934>
Acesso em: 24 mai 2018.

DE WIT, Hans. Internationalisation of higher education an introduction on the why, how and what. In: WIT, Hans de. **An Introduction to Higher Education Internationalisation**. Milan: Vita e Pensiero, 2013. Cap. 1. p. 13-46. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.905.8413&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 01 maio 2018.

GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, Christiane Kleinübing; MELO, Rodrigo Bandeira de; SILVA, Anielson Barbosa (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HUDZIK, John K. Changing paradigm and practice for higher education internationalisation. In: WIT, Hans de. **An Introduction to Higher Education Internationalisation**. Milan: Vita e Pensiero, 2013. Cap. 1. p. 13-46. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.905.8413&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 01 maio 2018.

HUDZIK, John K.. **Comprehensive Internationalisation: From Concept to Action**. Washington: Nafsa, 2011. 42 p. Disponível em: <http://sustgglobaleducation.pbworks.com/w/file/fetch/59358291/2011-Comprehensive%20Internationalisation%20by%20John%20Hudzik.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.

HUDZIK, John K. **Emerging Models of Higher Education Internationalisation**. Estocolmo: Slide, 2012. 48 slides, color. Disponível em: <http://www.stint.se/0ef9-a50e408eeb-18c007793f22910f>. Acesso em: 12 set. 2018.

HUDZIK, John K. Strategic Institutional Partnerships and Comprehensive Internationalisation. In: JOOSTE, Nico; WIT, de Han; HELETA, Savo (Ed.). **Higher Education: Partnerships for the Future**. Porto Elizabeth: Unit for Higher Education Internationalisation in the Developing World, 2015. p. 23-39.

INSTITUTE OF INTERNATIONAL EDUCATION. **A World on the Move**: Trends in Global Student Mobility. Nova Iorque: Iee, 2018. 2 v. Disponível em: <https://www.iie.org/Research-and-Insights/Publications/A-World-on-the-Move>. Acesso em: 23 abr. 2018.

KNIGHT, Jane. Double-and joint-degree programs: Double benefits or double counting. **International Higher Education**, v. 55, n. Spring, p. 12-13, 2009. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315315572899>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/download/8423/7557>. Acesso em: 28 jul. 2018.

KNIGHT, Jane. International Universities. **Journal Of Studies In International Education**, [s.l.], v. 19, n. 2, p.107-121, 23 fev. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1028315315572899>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1028315315572899>. Acesso em: 28 jul. 2018.

KNIGHT, Jane. Five Myths about Internationalisation. **International Higher Education**, [s.l.], n. 62, p.14-15, 25 mar. 2011. Boston College University Libraries. <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2011.62.8532>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8532>. Acesso em: 15 abr. 2018.

KNIGHT, Jane. Five Truths about Internationalisation. **International Higher Education**, [s.l.], n. 69, p.4-5, 2012. Boston College University Libraries. <http://dx.doi.org/10.6017/ihe.2012.69.8644>. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/ojs/index.php/ihe/article/view/8644/0>. Acesso em: 23 abr. 2018.

KNIGHT, Jane; MADDEN, Meggan. International mobility of Canadian social sciences and humanities doctoral students. **The Canadian Journal Of Higher Education**, [s.l.], v. 40, n. 2, p.18-34, 2010. Disponível em: <http://journals.sfu.ca/cjhe/index.php/cjhe/article/view/1916/1936>. Acesso em: 30 jan. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 312 p.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. REFLEXÕES (ainda) NECESSÁRIAS ACERCA da MOBILIDADE ESTUDANTIL. In: VIII COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL, 8., 2008, Assunção. **Anais[...]**. Assunção: Inpeau, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/63997>. Acesso em: 12 fev. 2018.

LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Motivações da mobilidade estudantil entre os estudantes do curso de administração. **Guavira Letras (PPG-Letras)**-ISSN 1980-1858, v. 1, n. 10, 2015. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/283>. Acesso em: 01 maio 2018.

MEC. Ministério da Educação. **PEC-G**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g>. Acesso em: 24 set. 2018.

MIRANDA, José Alberto Antunes de; STALLIVIERI, Luciane. Para uma política pública de Internacionalização para o ensino superior no Brasil. **Avaliação**: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), [s.l.], v. 22, n. 3, p.589-613, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-40772017000300002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v22n3/1982-5765-aval-22-03-00589.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

MRE. Ministério das Relações Exteriores. **Histórico do PEC-PG**. 2018b. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PG/historico.html>. Acesso em: 24 set. 2018.

MRE. Ministério das Relações Exteriores. **Programa Histórico do Programa**: Introdução. 2018b. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 18 set. 2018.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre Internacionalização da educação superior Conceitos e práticas. **Educar em revista**, v. 22, n. 28, p. 107-124, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100005>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jul. 2018

MOROSINI, Marília Costa. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 93-112, Apr. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602006000200008>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/er/n28/a08n28.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados: Debate e métodos fundamentais em pesquisa social**. Porto Alegre: Penso, 2015. 231 p.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo; BECKER, Grace Vieira; MELLO, Maria Ivone de. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 301p ISBN 8522423385 (Broch.).

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, Jose Augusto de Souza. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2008. 334p.

SAUNDERS, Mark; LEWIS, Philip; THORNHILL, Adrian. **Research methods for business students**. 5. ed. Essex: Prentice Hall, 2009. 614 p.

SCHMITZ, João Clovis et al. A INTERNACIONALIZAÇÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA ABORDAGEM SOBRE A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU, 16., 2016, Arequipa. **Anais[...]**. Arequipa: INPEAU, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/170992/OK_101_00370.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 fev. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SILVA, Claudia Cristiane dos Santos; LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.232-251, 9 set. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n3p232>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2013v6n3p232>. Acesso em: 13 abr. 2018.

SILVA, Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SPINELLI, Giancarlo. Measuring the success of internationalisation: the case for joint and double degrees. In: WIT, Hans de. **Measuring success in the internationalisation of higher education**. Amsterdã: European Association For International Education (eaie), 2009. p. 49-56.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a Internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, [s.l.], v. 26, n. 50, p.15-36, 2017b. Instituto Metodista de Serviços Educacionais. <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v26n50p15-36>. Disponível em: <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/729>. Acesso em: 21 maio 2018.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e Intercâmbio: dimensões e perspectivas**. Curitiba: Appris, 2017a.

STALLIVIERI, Luciane. Olhares sobre a educação e a política de Internacionalização universitária. In: congresso internacional de políticas públicas: desafios e perspectivas na américa latina. 2017c, Itajaí. **Anais[...]** Itajaí: Univali, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319144336_OLHARES_SOBRE_A_EDUCACAO_E_A_POLITICA_DE_INTERNACIONALIZACAO_UNIVERSITARIA. Acesso em: 23 maio 2018.

STALLIVIERI, Luciane; BIAVA, Luísa. Publicação acadêmica internacional como estratégia de Internacionalização das instituições de ensino superior. **Revista de Educação do COGEIME**, [s.l.], v. 26, n. 50, p.125-138, 9 ago. 2017. Instituto Metodista de Serviços Educacionais. <https://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v26n50p125-138>. Disponível em: <https://www.redemetodista.edu.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/696>. Acesso em: 21 maio 2018.

STALLIVIERI, Luciane; COELHO, Camila Paim Veran. Internacionalização do instituto federal de santa catarina: projeto de cooperação bilateral França BRASIL. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA – CIGU, 15., 2015, Mar del Plata. **Anais[...]**. Mar del Plata: INPEAU, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/136018>. Acesso em: 21 maio 2018.

STALLIVIERI, Luciane; PILOTTO, Daísa Ziglioli; GONÇALVES, Roberto Birch. Análise da adaptação cultural de estudantes internacionais sob o ponto de vista das Teorias da Curva “U” e da curva “W”. **Revista Gestão Universitária na América Latina - Gual**, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 26-47, 18 nov. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2015v8n3p26>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2015v8n3p26>. Acesso em: 15 abr. 2018.

TANEGUTI, Luiza Yoko. **Relatório técnico contendo estudo sobre a atual relação oferta/demanda de cursos de graduação no Brasil, como subsídio ao Conselho Nacional de Educação para a formulação de políticas públicas que possibilitem a melhor distribuição da oferta de vagas no ensino superior de graduação**. PROJETO CNE/UNESCO 914BRZ1136.3 “Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade”. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13948-produto-2-oferta-demanda-educ-superior-pdf-pdf&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 jul 2018.

TOSTA, Humberto Tonani; STALLIVIERI, Luciane; TOSTA, Kelly Cristina Benetti Tonani. A internacionalização da educação superior: descrição do processo em curso na universidade federal da fronteira sul. **Sinergia**: Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, Rio Grande, v. 20, n. 2, p.35-46, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/5619/4358>. Acesso em: 25 mar. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Apresentação**. 2018. Disponível em: <https://www.udesc.br/sobre>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estatística**: Relação de Candidato por Vaga. 2017b. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/5073/ESTATISTICA___CANDIDATO_POR_VAGA_14949500978142.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Quadro de Cursos de Vagas**. 2017a. Disponível em: http://vestibular.udesc.br/arquivos/id_submenu/2488/quadro_de_vagas___divulgacao_no_site.docx.pdf. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Cursos de Graduação Ofertados (histórico)**. 2017c. Disponível em: https://www.udesc.br/numeros/ensino/cursos_gradua%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estudantes em Graduação (Presencial e EAD)**. 2017d. Disponível em: https://www.udesc.br/numeros/ensino/estudantes_graduacao. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estudantes matriculados em cursos de Pós-graduação**. 2017e. Disponível em: <https://www.udesc.br/numeros/ensinopg/qtdepg>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Oferta de cursos de pós-graduação.** 2017f. Disponível em: <https://www.udesc.br/numeros/ensinopg/cursospg>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Estudantes Formados na Pós-graduação.** 2017g. Disponível em: <https://www.udesc.br/numeros/ensinopg/formadospg>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UDESC. Universidade do Estado de Santa Catarina. **Universidades conveniadas.** 2017h. Disponível em: <https://www.udesc.br/intercambio/universidadesconveniadas>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. **Apresentação.** 2018a. Disponível em: https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/apresentacao. Acesso em: 19 dez. 2018.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. **Cooperação Internacional.** 2018b. Disponível em: https://www.uffs.edu.br/institucional/reitoria/assessoria_para_assuntos_internacionais/cooperacao_internacional. Acesso em: 19 dez. 2018.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. Uffs em Números. 2017. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/planejamento/indicadores-e-numeros/numeros-uffs/uffs-em-numeros-2017/@@download/file>. Acesso em: 19 dez. 2018.

UFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. **UFSC em números:** 2017. 2017. Disponível em: <http://dpqi.seplan.ufsc.br/files/2018/08/Ufsc-em-numeros-fv-pt.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Instituições conveniadas.** 2018. Disponível em: <http://sinter.ufsc.br/instituicoes-conveniadas/>. Acesso em: 18 dez. 2018.

APÊNDICE A – Entrevista

Roteiro para Entrevista

Esta entrevista faz parte da Dissertação do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina da estudante Fernanda Silva Teodoro. Possui fins exclusivamente acadêmicos e visa levantar informações com o objetivo de analisar estratégias de Internacionalização nas Universidade Públicas brasileiras.

1.Você está familiarizado com o termo Internacionalização Abrangente? O que você conhece a respeito?

2.De que forma a sua Instituição de Ensino Superior inclui a Internacionalização nas metas, missão, valores, prioridades? Onde está registrado, em que documentos?

3.Existe um orçamento específico para a Internacionalização? Como ele é gerenciado?

4.Como é feito o acompanhamento do processo da Internacionalização? Existe algum setor responsável pela Internacionalização?

5. De que forma a Internacionalização é incentivada pelos atores chaves da Internacionalização?

6.De que forma a sua Instituição de Ensino Superior está preparando os professores, funcionários e estudantes para a Internacionalização?

7.É incentivado aos estudantes, professores e funcionários conhecer a dimensão internacional?

8.A Instituição de Ensino Superior possui acordos de cooperação com Instituições de Ensino Superior de outros países? Existe um controle de como ocorre e o quanto está contribuindo para a instituição?

9.O corpo docente realiza publicações internacionais a partir das parcerias e colaborações? Há um controle do número de publicações e qualidade?

10.Quais meios são utilizados para incentivar a mobilidade estudantil na sua Instituição de Ensino Superior?

11.Como o campus é preparado para receber o estudante internacional? Como ocorre a assistência a eles?

12. Como o estudante de sua Instituição de Ensino Superior é preparado para realizar a mobilidade? Como ocorre a assistência para estudantes?

13. De que forma é feito o incentivo para o aprendizado de outras línguas nos currículos dos cursos? Estão sendo oferecidas disciplinas em outras línguas nos cursos?

14. O conhecimento dos estudantes internacionais é valorizado de alguma forma para instituição? De que forma?

15. Como o conhecimento dos estudantes que voltam da mobilidade é aproveitado para a Instituição?